

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**Línguas, encontros e identidades.
As dinâmicas do plurilinguismo
e a comunidade italiana em Portugal**

Simonetta Giani

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Margarita Correia e pela Prof.^a Doutora Catarina Gaspar, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura Portuguesa (LE/L2).

Ano Académico 2017

Esta dissertação é dedicada a Rui e Federico

não podemos dirigir o vento, mas podemos orientar as velas

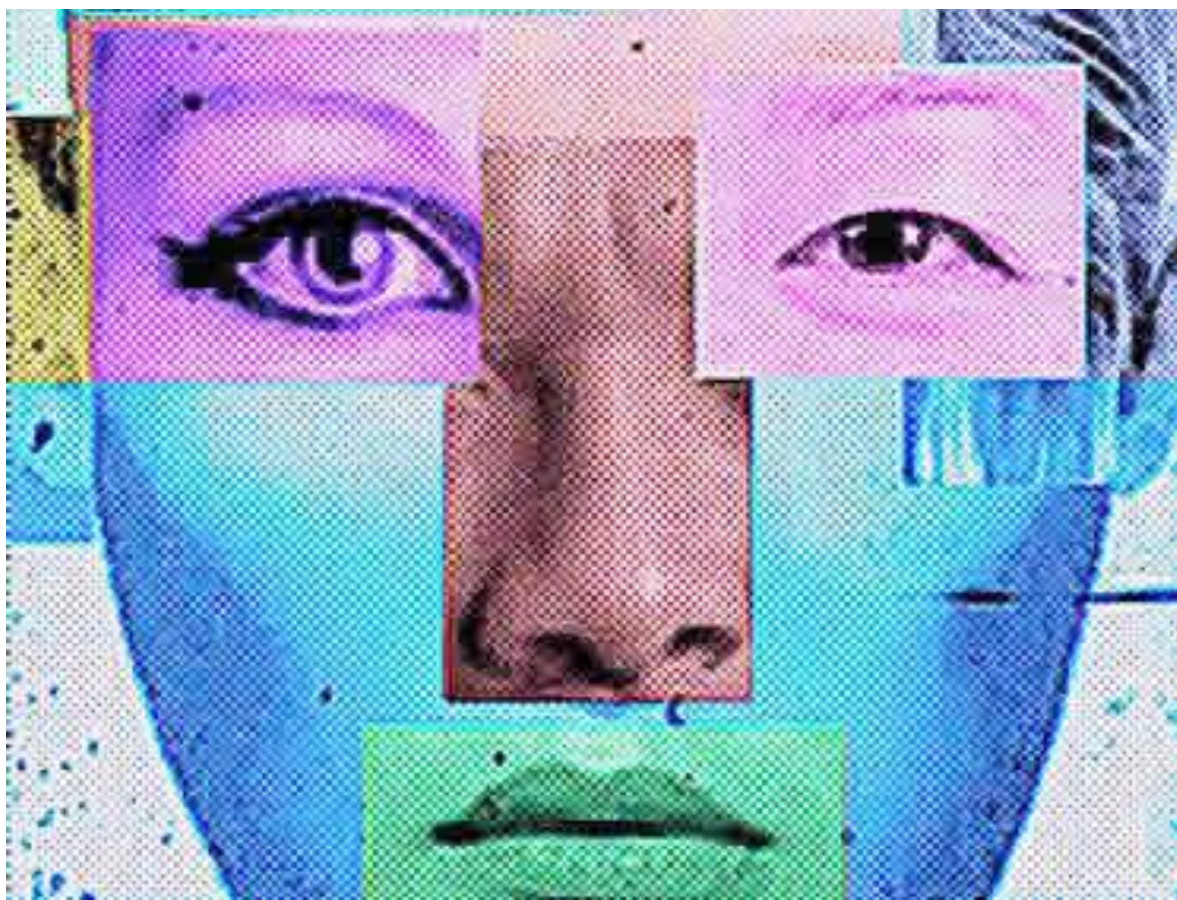


Foto Capa: *Identidade Cultural*: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar à Professora Doutora Margarita Correia, que ao longo da minha licenciatura e depois no Mestrado, sempre me apoiou, confiou em mim e me estimulou com a sua grande força e energia contagiante e que, na redação desta dissertação, me guiou, dia após dia, na revisão e na investigação.

À Professora Doutora Catarina Gaspar que, ao longo das suas aulas e durante a elaboração da dissertação, conseguiu contagiar-me com a sua enorme paixão e dedicação. Sem elas e sem a sua preciosa orientação certamente este trabalho não teria sido possível e sobretudo não me teria dado tanto prazer na sua realização, como de facto aconteceu.

Quero depois agradecer à minha amiga Silvana, meu porto seguro neste País maravilhoso que, desde o princípio acreditou fortemente em mim e na minha capacidade de chegar ao fim.

À minha amiga Debora, sem a qual nunca teria tido a coragem de começar esta viagem e de chegar ao cais.

À minha amiga e colega de trabalho Rosella, que com tanta paciência suportou todos os meus momentos de cansaço, desespero e nervosismo.

À minha amiga e colega Sabrina, pela ajuda preciosa que me forneceu, na consultação e disponibilização dos dados sobre a comunidade italiana em Portugal.

Aos meus filhos, Rui e Federico, estrelas sempre brilhantes no meu caminho, ramos maravilhosos de uma árvore que, apesar da chuva e do vento fortes que a abalaram durante tantos anos, ainda cá está, forte, sólida e próspera como nenhuma outra. Obrigada pela sua paciência e carinho sempre demonstrados.

O meu agradecimento vai também para todos os membros contactados da comunidade italiana em Portugal que aceitaram o meu pedido de entrevista, com amabilidade, gentileza e simpatia.

A minha gratidão vai também para Ana Bela, que esteve sempre ao meu lado, não apenas nesta batalha, mas em todas ao longo da minha vida e que, com o seu precioso auxílio, me ajudou a dar a este trabalho, fluência e exatidão necessárias.

A todos os meus amigos que nunca me fizeram sentir sozinha.

Finalmente, agradeço aos meus pais, à minha irmã e a toda a minha família, que com o seu exemplo e a sua união, simplesmente fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

Um grande obrigado a todos.

RESUMO

Línguas, encontros e identidades: uma tríade de palavras fundamentais que sustenta a estrutura desta investigação. Atualmente, em plena globalização, num momento histórico no qual não há tempos, não há lugares, em que as distâncias desaparecem e o tempo se encurta, em que o movimento enorme de pessoas cria encontros e desencontros, é importante possuir uma competência comunicativa numa ótica intercultural, seja ela verbal, seja ela não-verbal. Estamos perante uma nova realidade, feita de chegadas e de partidas, feita de encontros que estabelecem relações entre povos e que deles constroem o seu novo perfil identitário. Apresentam-se a emigração e a imigração vistas de um ponto de vista linguístico e identitário, os domínios de interesse dos migrantes nas suas terras de acolhimento e a relação que estabelecem com as suas línguas materna, de acolhimento e de herança.

Neste trabalho, propomo-nos levar a cabo uma primeira descrição do perfil socioprofissional e linguístico da comunidade italiana em Portugal, na atualidade.

Na primeira parte do trabalho (capítulos 1 a 4) desenvolvemos os conceitos e linhas orientadoras do trabalho desenvolvido, discutindo o problema das migrações e destacando, com base em documentos e testemunhos, o caráter fluido e cambiante que hoje, num mundo feito de migrações, a identidade individual comporta. Concluímos esta primeira parte, salientando a situação de Portugal, prioritariamente país de emigração, tal como Itália, mas que, sobretudo nos anos 1990, conhece fluxos imigratórios.

Na segunda parte, (capítulo 5 e 6) falar-se-á sobretudo de Itália. Após uma breve apresentação do panorama migratório do país, atenta-se na realidade da comunidade italiana em Portugal, até hoje, tanto quanto nos é dado saber, nunca estudada. Foi levado a cabo um inquérito a uma amostra relativamente restrita de membros da comunidade italiana em Portugal com o objetivo de conhecer o nível de integração desta comunidade e a sua relação com a língua portuguesa, não apenas das primeiras gerações de migração, como também gerações mais jovens, que irão revelar-se, graças aos seus níveis de literacia e educação, muito mais preparadas para enfrentar todos estes novos desafios.

Palavras-chave: comunicação intercultural, línguas, encontros, identidades

RIASSUNTO

Lingue, incontri e identità: una triade di parole fondamentali che sostengono la struttura di questa tesi. Attualmente, in piena globalizzazione, in un momento storico in cui non esiste tempo, non esiste spazio, in cui le distanze svaniscono ed il tempo si accorcia, in cui il movimento enorme di persone crea incontri e scontri, è importante possedere una competenza comunicativa in un'ottica interculturale, sia essa verbale o non verbale. Ci troviamo di fronte ad una nuova realtà, fatta di arrivi e di partenze, fatta di incontri che stabiliscono rapporti tra popoli e che ne costruiscono il profilo identitario. Si presentano emigrazione e immigrazione viste da un punto di vista linguistico e identitario, i campi di interesse dei migranti nella loro terra di accoglienza e la relazione che essi stabiliscono con la lingua materna, di accoglienza e ereditaria.

In questa tesi, ci si propone di condurre una prima descrizione dell'attuale profilo socio-professionale e linguistico della comunità italiana in Portogallo.

Nella prima parte (capitoli 1 a 4) si sviluppano i concetti e le linee orientatrici del lavoro svolto, discutendo il problema delle migrazioni e sottolineando, in base ai documenti e alle testimonianze, il carattere fluido e cangiante che oggi, in un mondo fatto di migrazioni, l'identità individuale comporta. Questa prima parte si conclude con una analisi della situazione del Portogallo, in un primo tempo paese di emigrazione, così come l'Italia, ma che, soprattutto negli anni '90, registra grandi flussi immigratori.

Nella seconda parte (capitoli 5 e 6) si parlerà soprattutto dell'Italia. Dopo una breve presentazione del panorama migratorio del paese, ci si sofferma sulla realtà della comunità italiana in Portogallo, fino ad oggi, per tanto quanto è possibile sapere, mai analizzata. È stato realizzato un questionario proposto ad un campione relativamente ristretto di membri della comunità italiana in Portogallo, con l'obiettivo di conoscere il livello di integrazione di questa comunità ed il suo rapporto con la lingua portoghese, non soltanto delle prime generazioni di migrazione, ma anche per le generazioni più giovani, che si riveleranno, grazie al loro livello di istruzione ed educazione, molto più preparate per poter affrontare tutte queste nuove sfide.

Parole-chiave: comunicazione interculturale, lingue, incontri, identità

ABSTRACT

Languages, encounters and identities: a triad of fundamental words that underpins the structure of this research. Today, in a fully globalized world, in a moment of history in which there are no times, there are no places, in which distances disappear and time is shortened, in which the enormous movement of people creates encounters and disagreements, it is important to have communicative competence in an intercultural perspective, it being verbal or non-verbal. We are facing a new reality, made of arrivals and departures, made of encounters that establish relations between people and build their new identity profile. There will be presented emigration and immigration seen from a linguistic and identity point of view, the areas of interest of migrants in their host countries and the relationship they establish with their first, host and heritage language.

In this work, we propose to carry out a first description of the socio-professional and linguistic profile of the Italian community in Portugal nowadays.

In the first part of the paper (chapters one to four), we developed the concepts and guidelines of the work, discussing the problem of migration and highlighting, based on documents and testimonies, the fluid and changing character that today, in a world of migrations, individual identity entails. We conclude this first part highlighting Portugal's situation, a country of emigration such as Italy, which knows immigration flows mostly in the 1990s.

In the second part, (chapters five and six) we will talk mainly about Italy. After a brief presentation of the country's migratory panorama, we will look at the reality of the Italian community in Portugal never studied before, as far as we know. A survey was carried out on a relatively restricted sample of members of the Italian community in Portugal. The purpose was to find out the level of integration of this community and its relationship with the Portuguese language, focusing not only on the first migratory generations but also the on the younger ones, who will be much more prepared to face all these new challenges due to their literacy and education levels.

Key words: Intercultural communication, languages, encounters, identities.

ÍNDICE

Índice de	
Gráficos.....	10
Introdução.....	11

PARTE I

1. A Comunicação

1.1 A comunicação intercultural não-verbal.....	14
1.2 Comunicação verbal numa ótica intercultural.....	23
1.3 Língua materna, língua de acolhimento e de herança.....	30

2. Multiculturalismo

2.1 Identidades.....	40
2.2 Globalização, Multiculturalismo e Interculturalidade	44
2.3 Monolinguismo e plurilinguismo: de Babel a Pentecostes.....	49

3. Encontros no mundo globalizado

3.1 Integração linguística dos migrantes – Domínios e necessidades	53
3.2 Políticas linguísticas e migrações.....	58
3.3 Portugal: da emigração à imigração.....	63

4. Um olhar de perto

4.1 Apresentação.....	68
4.2 Entrevista com o escritor Kossi Komla-Ebri	69

PARTE II

5. A comunidade italiana no mundo e atualmente em Portugal

5.1 Características dos fluxos migratórios italianos na história.....	80
5.2 Os italianos no mundo, na Europa e em Portugal: informações e dados	85
5.3 A linguística migratória.....	98

6. Questionário

6.1 Ilustração do questionário	101
6.2 Metodologia e caracterização da amostra.....	103
6.3 Análise e apresentação dos resultados.....	104
Conclusões.....	114
 Bibliografia.....	 117
Sitografia e Imagens.....	122
 Notas da autora.....	 127
 Anexos	
I. Trechos para ilustração dos temas.....	128
II. Questionário.....	129

.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perché è venuto/a a vivere in Portogallo?

Gráfico 2 – Da quanto tempo risiede in Portogallo?

Gráfico 3 - Quando è arrivato in Portogallo, già conosceva la lingua portoghese?

In questo momento, parla e capisce la lingua portoghese?

In che modo ha imparato la lingua portoghese?

Gráfico 4 – Le piace la lingua portoghese?

Considera il portoghese una lingua facile o difficile?

Il portoghese è una lingua simile all'italiano o diversa dall'italiano?

Gráfico 5 – Da un punto di vista identitario, Lei ora si sente portoghese, italiano o

entrambe le cose?

Gráfico 6 – Considera importante essere fluente nella lingua di accoglienza per una

migliore integrazione nel paese ospitante?

Gráfico 7 – Consiglierebbe l'apprendimento della lingua portoghese ad altri italiani? Se

sì, perché?

Gráfico 8 – Che lingua parlate in casa?

Da un punto di vista identitario, pensa che i Suoi figli si sentano più italiani, portoghesi o entrambe le cose?

INTRODUÇÃO



Fig. 1 - Alemanha, Wesel: 24 de março de 1945, agricultores alemães em fuga. Foto @Robert Capa/MAGNUM

A presente investigação tem por objetivo traçar um quadro da realidade da emigração, de um ponto de vista identitário e linguístico, na época da globalização e ilustrar o comportamento linguístico e social de alguns membros da comunidade italiana em Portugal.

O enquadramento teórico deste trabalho baseia-se numa série de leituras relevantes para guiar o leitor e introduzi-lo na segunda parte da dissertação, dedicada à realidade da comunidade italiana.

A comunicação intercultural está na base de qualquer relação entre povos e continuar a ter uma visão etnocêntrica em relação às culturas que nos rodeiam resulta hoje completamente obsoleto. É importante saber ler e ouvir além das palavras, numa tentativa de ultrapassar estereótipos e racismos, lembrar que não somos feitos apenas de palavras, mas que o nosso corpo é a realização plena do nosso quotidiano, é o espelho da nossa cultura; não somos apenas o que dizemos, somos o que exprimimos com os gestos, com as expressões e com os movimentos do nosso corpo. O ser humano não é apenas um mero emissor de palavra, é um todo harmónico que se apresenta ao outro, aberto e disponível numa tentativa de comunicar.

Serão também aprofundados conceitos relativos às línguas que adquirimos à nascença, às línguas que aprendemos ao longo da nossa vida, às segundas que nos fascinam e que fazem parte da nossa bagagem cultural. No momento em que a nossa vida muda de rumo, deparamo-nos com novos idiomas, encontramos línguas que não entendemos, línguas que transmitimos aos nossos filhos e que representam a herança de vidas passadas, mas não

esquecidas: línguas que nos definem, mas que não nos devem limitar, sempre na ótica de uma comunicação intercultural imprescindível e desejável. A nossa cultura está à vista, no que dizemos e no que fazemos, a cultura dos outros apresenta-se aos nossos olhos para ser encontrada, conhecida, aceite, aproximada, para que seja possível eliminar a distância que nos separa, olhar melhor para os outros graças a um olhar mais atento, mas antes olhar para dentro de nós através dos outros, procurando igualdade, respeitando as diferenças e valorizando o potencial enorme das diferentes gramáticas culturais.

Tentar-se-á entender como um migrante pode viver a sua experiência no país que o acolhe. Ser emigrante num país estrangeiro, chegar e não falar a língua, ter a necessidade de resolver problemas práticos indispensáveis para exercer os próprios direitos de cidadão. Como a língua é necessária neste momento de chegada e de que forma é possível minimizar este impacto profundo e essa sensação e vontade de enclausuramento voluntário. Procurar-se-á entender o que acontece com as nossas identidades. É necessário refletir sobre a multiplicidade delas, sermos um e sermos muitos, sem que haja uma identidade prevalente. O perfil do migrante é ao princípio um conjunto desarmónico de identidades que, com o passar do tempo, encontram lentamente o seu próprio espaço.

Será também apresentada uma entrevista feita em 2015 a Kossi Komla-Ebri, um médico-cirurgião, originário do Togo, emigrado em Itália já desde há muitos anos, representante da literatura de migração. A entrevista representa um olhar vivo e de perto sobre toda a problemática enfrentada na primeira parte deste trabalho, o testemunho de quem vive e continua a viver na sua pele, quotidianamente, “Imbarazzismi” e racismo, de quem tentou ultrapassar as barreiras linguísticas e culturais, de quem conseguiu entender a importância da aproximação, da criação de espaços de agregação muitas vezes ignorados. Um excelente exemplo de uma comunicação intercultural conseguida, mas que ainda hoje se confronta com a cegueira de algumas mentalidades, numa Itália que esqueceu muito rapidamente o seu passado de emigração.

A segunda parte do trabalho será dedicada à comunidade italiana em Portugal. Após um pequeno percurso pela história da emigração italiana. Quem são os italianos que vivem em Portugal, o que fazem, quais as características desta comunidade e sobretudo qual a relação com a língua que encontraram? Que língua falam em família, que língua usam e que língua querem que os seus filhos aprendam? Tudo isto será pesquisado através de um questionário distribuído a alguns membros da comunidade italiana.

Neste momento, em que se fala tanto de imigrantes “extracomunitários”, falar de migrantes e trabalhadores de países da Comunidade Europeia pode ser um desafio interessante.

A seguir, serão analisados os resultados do questionário, tentando traçar um perfil destes novos adquiridos falantes lusitanos.

Seguir-se-ão a bibliografia, a lista dos *sites* consultados *on-line* e outra com a indicação das imagens que aparecem ao longo do texto, com a respetiva fonte.

Os anexos são compostos pelos documentos utilizados no texto que poderá ser interessante consultar, entre os quais o questionário que serviu como instrumento de investigação junto da comunidade italiana.

Todas as citações introduzidas neste trabalho foram deixadas na sua língua original, procedendo apenas à tradução das legendas dos gráficos apresentados ao ponto 6.3.

PARTE I

1. A COMUNICAÇÃO

1.1 A comunicação intercultural não-verbal

[...] perché sbagliare il registro di rispetto o ignorare un tabù culturale ha conseguenze molto più gravi che sbagliare un congiuntivo o la struttura di una frase.

(Balboni e Caon, 2015:12)

A forma de ver a cultura, geograficamente limitada e etnicamente fechada em volta de grupos específicos, é certamente ultrapassada. A globalização obriga-nos a tomar consciência do facto de que as culturas se tornam cada vez mais mistas, entrelaçadas e reciprocamente influenciáveis.

Isto não quer dizer, obviamente, que nos tornamos todos iguais, porque como afirma Balboni em *Le sfide di Babele* (2012: IX): “bisogna evitare la globalizzazione delle menti, e quindi mantenere la diversità della concettualizzazione, dei punti di vista, dei modi di categorizzare il reale, di definire i colori – bisogna salvare la pluralità, inclusa la pluralità delle lingue”. Quando se fala de comunicação intercultural não se fala apenas de um conjunto de competências específicas, mas de uma capacidade de perceber e sentir a diversidade, de deixar pelo caminho estereótipos e preconceitos, de eliminar a tendência a julgar continuamente o outro, de conseguir perceber o que vai além de uma estéril e inútil homogeneização, lutando para uma produtiva integração num espaço comum de verdadeira agregação.

No seguimento da linha do ensino do latim, uma abordagem formalística, baseada no método gramático-tradutor, via a língua como um conjunto estéril de regras e noções, em que o aluno era considerado *tabula rasa*, um recipiente vazio a ser preenchido. Tratava-se portanto apenas do ensino de uma linguística descritiva, na qual a aprendizagem significava apenas o respeito das regras linguísticas que descreviam a língua. A cultura abordada nesta teoria era uma cultura meramente clássica, sem grande ligação aos seus aspetos antropológicos e sociais; as técnicas didáticas limitavam-se à tradução, aos ditados e a alguns básicos exercícios de manipulação. Todos os métodos formalísticos baseavam o ensino da língua na sua forma e não no seu uso, podendo dizer que esta situação se manteve no ensino até aos anos 80 do século passado. Até então a abordagem da aprendizagem das

línguas continuava essencialmente gramático-tradutiva. O momento-chave inicia-se em 1962 com a publicação do livro *How to Do Things with Words* de Austin, que afirmava fortemente, pela primeira vez, a finalidade pragmática da língua e em 1972, Hymes, antropólogo e sociolinguista, apresenta a sua proposta de competência comunicativa, que altera completamente a ideia sobre o que é uma língua e, sobretudo, o que significa saber uma língua. Percebeu-se que uma simples competência linguística não garante a capacidade comunicativa e, ainda menos, uma comunicação intercultural, que requer componentes extralinguísticos e socioculturais. O foco da questão agora já não é apenas como é feita e organizada, mas essencialmente o que faz uma língua, para que serve e o que se pode fazer com ela. Esta natureza pragmática da língua, a ideia de que ela é por si só cultura, a capacidade de entendê-la como ação e fenómeno social tem representado um enorme passo em frente, que fez com que se alterassem ao longo dos anos *curricula*, programas, métodos e técnicas usadas na didática das línguas e que mudassem também profundamente os papéis do aluno e do docente.

Uma competência comunicativa intercultural significa sobretudo ser capaz de realizar uma comunicação eficaz não apenas entre línguas, mas sobretudo entre culturas.

A palavra “comunicação” vem do latim *communis* que implica vários participantes que põem em comum significados; descreve um ato voluntário e programado de troca de mensagem para conseguir o objetivo primário de qualquer tipo de comunicação, que é entender-se reciprocamente. Nenhuma comunicação acontece num espaço vazio: coloca-se sempre num evento comunicativo. Todos os elementos do ato comunicativo são essenciais para a comunicação, como afirmado por Diadori *et al.*, 2009:233, que utiliza, para análise do discurso, o modelo conhecido como *Speaking Model* de Hymes (1974), sintetizado no acrónimo SPEAKING:

S (*setting and scene*) – a cena cultural, em que se age e o lugar físico em que se realiza a comunicação; na cena é possível indicar objetos, utilizar gestos, o que não se pode fazer no papel, trata-se de um lugar físico como complemento e ajuda na comunicação;

P (*participants*) – os participantes no ato comunicativo e os seus papéis fundamentais. Não se comunica eficazmente sem conhecer os elementos que regulam os papéis dos participantes. Um erro de registo pode comprometer a eficácia da comunicação;

E (*ends*) – os escopos, os objetivos do ato;

A (*act sequence*) – os atos linguísticos que dão vida à comunicação (saudar, pedir informações, pedir desculpa, etc.), é importante aprender a não permanecer rígidos nas palavras, mas entender o objetivo que, às vezes, vai além das expressões linguísticas;

K (*key*) – a chave psicológica do discurso, o tom, a maneira e a adequação ao contexto; a relação psicológica entre os participantes (a ironia, a disponibilidade, a vontade de colaborar, etc.);

I (*instrumentalities*) – todos os instrumentos que podem ser utilizados para facilitar a comunicação (em particular, no caso de um docente numa sala de aula);

N (*norms*) – as normas de interação social que regulam as ações e as reações dos participantes no ato comunicativo, normas de interação, de tomada de vez, de respeito;

G (*genre*) – os géneros comunicativos antigos e modernos, conferências, conversações, instruções, atualmente a mensagem no telemóvel e o correio eletrónico.

Uma competência comunicativa tem como ideia de base o facto de que, sempre que uma pessoa usa a língua, realiza uma ação, faz “coisas”, é praticamente uma ideia de execução, saber-se movimentar no mundo através dela. Com base em Balboni e Caon (2015: 22), na mente dos falantes existem três núcleos principais de competências que representam o que significa *saber uma língua*:

Competência linguística, a capacidade de formular e compreender frases bem formadas, respeitando as regras relativas à fonologia, à morfologia, à sintaxe e ao léxico.

Competência extralinguística, a capacidade de compreender e produzir linguagens não-verbais, como por exemplo os gestos e as expressões corporais (cinésica), saber ler as distâncias interpessoais ligadas às diversas culturas (proxémica), o valor comunicativo dos objetos (o que em italiano é definido como *oggettemica*) e das roupas usadas.

Competência da língua em uso, todas as competências sociolinguísticas, pragmáticas e interculturais, saber o que é mais apropriado em determinados contextos, saber utilizar os vários registos de conversação conforme as situações.

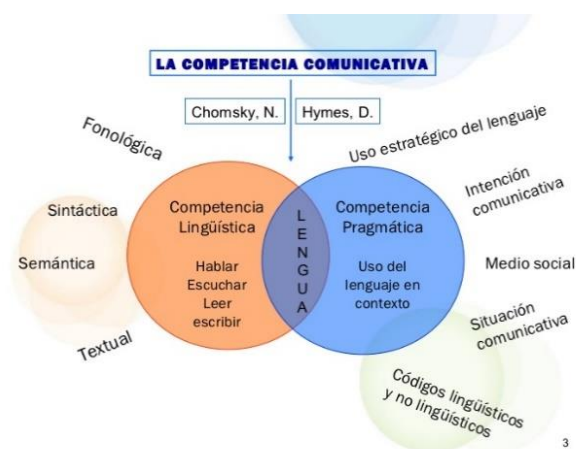


Fig. 2 – Competência linguística e competência comunicativa

Considera-se que, para os fins deste trabalho e para tentar apresentar um quadro da competência intercultural, o que se torna extremamente interessante é uma análise das competências extralinguísticas e pragmáticas, que representam uma ponte entre a mente e o mundo, numa tentativa de aprender a observar, a relativizar, abandonar os juízos pré-concebidos, comunicar emotivamente e negociar os significados.

O que de facto é necessário saber fazer é aceitar a ideia de que os modelos culturais são diversos, de que não existe um melhor ou superior a outro e saber respeitar as diferenças e estar disponíveis para elas. É possível ensinar isto aos nossos alunos? Provavelmente não, em primeiro lugar porque a comunicação intercultural está em contínua evolução, acompanhando os acontecimentos do mundo, a movimentação e deslocação de pessoas e ideias; em segundo lugar porque existe uma quantidade enorme de culturas diferentes e seria certamente impossível conseguir estudar as relações interculturais entre todas as culturas do mundo. O que é porém possível fazer é sensibilizar os alunos, fazer com que estejam abertos e atentos a estas peculiaridades e propor modelos de competência intercultural, de forma que cada um saiba movimentar-se e enfrentar no seu percurso formativo os desafios interculturais com os quais se depara quotidianamente. No *site* www.unive.it/labcom, da Universidade Ca' Foscari de Veneza, existe um mapa intercultural que pode representar um ótimo modelo de partida e que se reproduz de seguida para melhor esclarecimento.

Graças à criação do Laboratorio di Comunicazione Interculturale e Didattica da Universidade de Venezia Ca' Foscari e graças ao seu Diretor, o Professor Fabio Caon, abriu-se uma perspectiva original e interessante, em relação à importância da comunicação intercultural na didática e não só.



Fig. 3 – Mapa interativo tomado do *site* do Laboratorio di Comunicazione Interculturale e Didattica da Universidade de Veneza Ca' Foscari

Este mapa interativo permite consultar de forma rápida algumas características culturais que podem potencialmente criar problemas de comunicação intercultural. Estão reportadas várias vozes que permitem ao utilizador examinar a realidade de cada país e conseguir fazer comparações entre as diferentes realidades culturais, para saber agir perante elas. O mapa está continuamente em atualização, mais uma vez uma prova de uma realidade não estável, dinâmica, feita de pessoas e em contínuo movimento.

Edward Twitchell Hall, antropólogo americano, deixou um legado muito importante com as suas diversas obras, afirmando que, para comunicar, as pessoas não dependem apenas das palavras, porque quando elas comunicam, de facto, fazem muito mais do que isso. Trata-se de aspetos de uma tipologia de comunicação que supera as barreiras que se interpõem entre os homens, barreiras linguísticas e sociais. Hall (1986) sugere que a linguagem verbal é apenas um dos tantos meios para comunicar. A comunicação é a linguagem silenciosa dos comportamentos, das expressões faciais, das distâncias interpessoais, dos gestos, das posições do corpo, das tradições, crenças, hábitos e roupa.

A primeira linguagem não-verbal estudada foi a das expressões faciais e a primeira obra publicada sobre o assunto, antes de 1900, foi a de Charles Darwin *The expression of the emotions in Man and Animals*. A nossa cara e as nossas expressões são de facto um grande veículo de comunicação; interagir com os outros é estar atentos a tudo o que não é dito e tentar entender a complexidade destes códigos silenciosos e tão diversos nos diversos mundos.

Expressamos melhor uma emoção com os gestos do que com as palavras, porque o movimento do nosso corpo consegue ser mais espontâneo e sincero. Expressamos raiva ou alegria, indiferença e surpresa. Kossi Komla-Ebri (cf. Entrevista com o autor, Capítulo IV) conta no seu livro *Imbarazzismi* (2013), as várias situações embaraçosas de que é alvo todos os dias. Quando ele entra no metro, a velhota aperta a sua mala com força, não lhe dirige a palavra, mas a sua mensagem é terrivelmente incisiva, mais do que se tivesse comunicado verbalmente. Quando entra num comboio e ninguém se senta ao seu lado, não é preciso dizer nada para ele perceber o que as pessoas sentem naquele momento. Tudo isto descreve perfeitamente a realidade: existem gestos e atitudes para tudo, para comunicar o bem e para comunicar o mal, exatamente como o que acontece com as palavras que podem fazer o bem e o mal, podem fazer a guerra e a paz.

Um dos códigos mais importante de comunicação não-verbal, profundamente ligado às várias expressões culturais é a cinésica, a forma como comunicamos com o nosso corpo. O termo vem da palavra grega *kinésis*, que significa “movimento”. Basta pensar que as

informações ligadas à visão são elaboradas antes das informações linguísticas, para perceber que somos, de facto, antes vistos que ouvidos. A maior parte das informações que chegam ao nosso cérebro passa muito mais através dos olhos e menos através do ouvido. Muitas vezes é com base no que vimos que decidimos se comunicar ou não. Quando dizemos que uma pessoa é inteligente, mas ao mesmo tempo fazemos uma expressão irónica, a mensagem é clara: é a informação visual que prevalece sobre a informação linguística. Podemos escolher as palavras que dizemos, mas é muito difícil escolher ou manipular os nossos gestos e as nossas expressões que são, por norma, instintivas. As expressões da nossa cara são, muitas vezes, o espelho de uma cultura ancestral e radicada. No Ocidente, olhar o nosso interlocutor nos olhos é sinal de estima e respeito, mas para outras culturas é apenas um sinal de desafio; baixar o olhar e dirigi-lo no chão é, pelo contrário, nestas culturas, sinal de estima. Durante uma conferência, manter os olhos quase fechados, para a nossa cultura, representa uma falta de atenção, um desinteresse pelos assuntos que estão a ser transmitidos e é inevitavelmente entendido como alguém que está prestes a adormecer. No Oriente, porém, significa o máximo de atenção, significam não olhar para lado algum, para evitar elementos de desconcentração. Em Itália, quando damos uma piscadela de olho, é sinal simpático e de amizade, mas em algumas culturas, como por exemplo no Paquistão e na Índia, representa um grave insulto. E que dizer dos braços e das mãos? Cruzadas no peito, podem constituir sinal de afastamento, cruzadas atrás do corpo podem dar uma sensação de elevada informalidade, às vezes inoportuna; apertar energicamente a mão, nas culturas ocidentais é sinal de firmeza e lealdade, em algumas culturas o excesso de força é fonte de incómodo; o gesto de apertar a mão, muito usado no Ocidente, é evitado por exemplo no Oriente. No Japão, baixar o corpo é a forma de cumprimento mais tradicional desde o século VIII (Balboni e Caon, 2013:58).

Um dos maiores hábitos dos italianos é o de “gesticolare”, fazer muitos gestos com as mãos, falar com as mãos uma linguagem multimodal que consideramos extremamente eficaz. Trata-se de uma linguagem paralela, que acrescenta informação às mensagens e que por vezes pode até alterar o sentido do nosso discurso, como vimos. Há quem diga que a origem dos gestos italianos é o facto de as pessoas falarem muitos dialetos, tão diferentes entre eles e tão incompreensíveis, e menos o italiano; há quem diga também que mexer muito as mãos, tocar o nosso interlocutor durante o ato comunicativo seja algo de profundamente radicado, que faz parte do próprio ser. Talvez, para quem olhe do exterior, os gestos italianos podem parecer uma espécie de dança incompreensível, apenas uma série de movimentos sem sentido algum. Trata-se porém de códigos bem precisos. Em Itália a

gestualidade é um elemento cultural muito importante. É uma linguagem codificada dirigida a quem a sabe interpretar, por isso tem um papel primário na comunicação.

Os animais vivem sempre a uma distância de segurança que lhes permite defender-se de ataques e lançarem-se na fuga. De facto, como os animais, cada ser humano possui também um território seu, um espaço que é por nós inconscientemente estabelecido em qualquer lugar em que estamos: em casa, no escritório, na escola ou na rua. Este espaço, nos seres humanos, seria representado pelo comprimento de um braço estendido, cerca de 60 cm, porém muitas culturas têm concepções diferentes e gramáticas culturais que regulam as suas próprias distâncias, sendo muitas vezes interpretados pelos interlocutores como agressivos e invasivos, não respeitando as regras da proxémica, ou exageradamente frios, mantendo-se a uma distância notável.

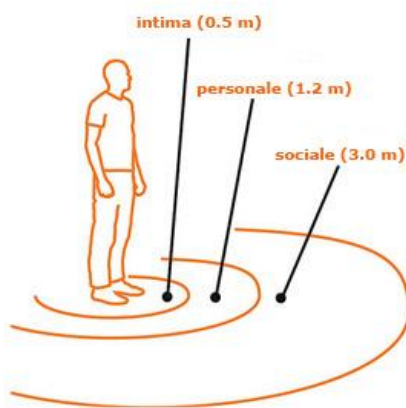


Fig. 4 - Distâncias proxémicas

A distância com base na qual as pessoas regulam as suas relações chama-se espaço vital: as violações deste espaço provocam nos seres humanos tensões. Este espaço vital varia de cultura para cultura e é destas diversidades que podem surgir problemas de comunicação.

É possível distinguir entre quatro distâncias proxémicas:

- A distância íntima: “a esta distância particular, a presença do outro impõe-se e pode tornar-se mesmo invasora pelo seu impacto sobre o sistema perceptivo. A visão, o cheiro e o calor do corpo do outro, o ritmo da sua respiração, o cheiro e o sopro do seu hálito constituem em conjunto os sinais irrefutáveis de uma relação de cometimento com um outro corpo” (Hall, 1986:137).

- A distância pessoal: “o termo designa a distância fixa que separa os membros das espécies sem-contacto. Podemos imaginar a coisa sob a forma de uma pequena esfera protetora, ou de um balão, que um organismo criasse à sua volta para se isolar dos outros” (Hall, 1986:139).

- A distância social: “a fronteira entre o modo longínquo da distância pessoal e o modo próximo da distância social marca, segundo as palavras de um dos sujeitos inquiridos, o limite de poder sobre outrem. Os pormenores íntimos do rosto já não são percebidos e ninguém toca ou se espera que toque outrem” (Hall, 1986:141).

- A distância pública: “diversas transformações sensoriais importantes se verificam quando passamos da distância pessoal e social para a distância pública, situada fora do círculo imediato de referência do indivíduo”. (Hall, 1986:144); é a capacidade de entrar em contato com outro a uma distância superior, é uma distância que resulta essencialmente para quem tem personalidade pública.

Balboni e Caon (2013) afirmam que, para o envio de mensagens contribuem também elementos ligados a valores culturais, como por exemplo todos os objetos que usamos, os *status symbols* que ostentamos perante os outros. Todos os elementos que denotam bem-estar e riqueza, por exemplo, podem ser importantes numa cultura, mas podem resultar insignificantes ou até incomodativos para outra.

Usar um vestido de alta-costura, ter no pulso um relógio de uma marca especial pode querer mostrar um estrato social interpretado por alguns como sinal de pouca elegância ou requinte, enquanto em outras culturas mostra uma situação privilegiada. A roupa que usamos, por exemplo, em uma sala de aula, pode influenciar fortemente a relação aluno-professor e motivar ou desmotivar os alunos no seu processo de aprendizagem. Ser convidado a um jantar em Itália ou em Portugal e não levar flores para a senhora e vinho para o dono da casa é falta de etiqueta. Em culturas como a africana, é muito raro que alguém leve alguma prenda aos anfitriões e acontece muitas vezes levar outros convidados. O conceito de pontualidade que em certas culturas é importante (refiro-me essencialmente às industrializadas, em que o conceito do tempo é visto estritamente como estando ligado ao dinheiro e como produtor de riqueza), em outros lugares não é tão relevante. Que se pode dizer do silêncio? A recusa do silêncio é típica de muitas culturas e a falta de fonação é um dos principais fenómenos que pode provocar uma comunicação problemática. Os italianos, que têm horror ao silêncio, assumem um comportamento *logorroico* (excessivamente falador), muito longe, por exemplo, dos infinitos silêncios dos filmes de Bergman.

Existem problemas comunicativos ligados ao conceito de público e privado, ao conceito da família, à hierarquia, ao respeito, ao *status*, à honestidade.

À luz do acima referido, ter competência intercultural significa portanto não cometer o erro de ler as expressões dos outros com base, apenas, nas nossas gramáticas culturais, porque nunca devemos esquecer que “a incontrarsi o scontrarsi non sono culture, ma

persone. Se pensate come un dato assoluto, le culture divengono un recinto invalicabile, che alimenta nuove forme di razzismo”. (Balboni e Caon, 2015:133).

É necessário salientar a importância fundamental de tantos elementos alternativos nas funções comunicativas, elementos que são espelho de culturas, profundamente radicados e que fazem de nós o que somos, sinais que, quase sempre, são ignorados em prol da certamente mais considerada linguagem verbal. É importante lembrar sempre que o nosso interlocutor é um todo, é olhos, é mãos e corpo inteiro e não apenas um mero emissor de palavras.

Chegar a uma competência comunicativa intercultural não significa apenas olhar o outro; significa olhar dentro de nós próprios enquanto se olha para o outro, tentando ver ambos à mesma distância.

Nós somos mais que um, as coisas que nos identificam são múltiplas e se formos capazes de reconhecer tal multiplicidade em nós, devemos ser capazes de identificar a riqueza dos outros em serem diferentes, em representar algo de único, múltiplo e enriquecedor. Devemos conseguir ultrapassar a tendência devastadora pela qual o nosso povo e a nossa cultura estão no centro e no topo do mundo, fazendo com que julguemos os outros sempre com base nos nossos elementos identitários, sermos capazes de eliminar qualquer tipo de comportamento etnocêntrico.

Conseguir evitar mal-entendidos significa saber ler objetivamente as várias gramáticas culturais que o mundo moderno nos permite encontrar.

1.2 COMUNICAÇÃO VERBAL NUMA ÓTICA INTERCULTURAL

Ma se invece, io penso, acquistate delle conoscenze prima di nascere, noi le perdiamo nascendo, e poi valendoci dei sensi relativi a certi dati oggetti veniamo recuperando di ciascuno di essi quelle conoscenze che avevamo già anche prima; ebbene, questo che noi diciamo apprendere non sarà un recuperare conoscenze che già ci appartenevano?

(Platone - Il Fedone)

No capítulo precedente vimos como a comunicação não se limita apenas à linguagem verbal. Da mesma forma é importante salientar que a “linguagem serve para comunicar, mas não se esgota na comunicação” (Sim-Sim, 1998:21). Nesta secção serão examinados os códigos de comunicação verbal, oral e escrita.

O ser humano é o comunicador por excelência e, além de todas as formas de comunicação extralinguísticas que foram examinadas no capítulo anterior, o uso que ele faz da expressão verbal é o que o torna certamente único. A língua é o produto social da faculdade da linguagem, um conjunto de regras e expressões que permite produzir e entender um número infinito de frases (Calvet, 1993: 5 a 8). Fala-se então de língua, como algo caracterizado e influenciado pela cultura à qual se pertence, como algo que se modela e se transforma, acompanhando as evoluções do tempo e das realidades. A língua é um veículo de cultura, um produto da cultura e, ao mesmo tempo, um produtor de cultura. A forma como é utilizada a língua nem sempre reflete em pleno o conhecimento que se tem dela. Existem obstáculos com os quais nos podemos deparar no caminho, quer a nível linguístico (por exemplo estruturas muito complexas), quer a nível extralinguístico (cansaço, nervosismo, depressão, emoção, etc.).

É possível reconhecer algumas propriedades distintivas no uso que fazemos da língua: usamos a língua de uma forma criadora e inovadora, somos capazes de atribuir vários significados às palavras, desde que os outros as entendam; o léxico de uma língua adequa-se às mudanças da realidade, enriquece-se e renova-se; usamos a língua de forma simbólica, utilizando por vezes termos para designar algo que vai certamente além do seu significado literal; usamos a língua independentemente de estímulos internos ou externos; podemos usá-la para falar de acontecimentos presentes, passados ou futuros; adequamos o uso que fazemos dela conforme o contexto discursivo e situacional.

A língua quando é usada é percebida logo como um “ruído”, um “contínuo sonoro”, algo de fónico que ecoa no ar, mas é através das palavras, da escolha delas, da forma como usamos alguns aspetos gramaticais em lugar de outros e também da escolha dos géneros

textuais que a nossa comunicação verbal (oral, mas também escrita) resulta mais ou menos eficaz e mais ou menos interessante, sobretudo numa ótica intercultural. O tom utilizado na fala é um dos elementos que mais varia entre culturas. Dois italianos a falar, com um tom de voz elevado, sem respeitar quase nunca a tomada de vez, podem parecer, aos olhos de um falante inglês ou de alguém que pertence a uma outra cultura, empenhados numa acesa discussão. Em outras culturas europeias, por exemplo a alemã, o respeito da tomada de vez é extremo.

Para muitas culturas do Mediterrâneo, elevar o tom da voz é apenas sinal de que se está a participar ativamente na conversação, sinal de extremo interesse pelo assunto tratado e pelo interlocutor. Não devemos esquecer que o aspeto fonológico do ato comunicativo é um dos primeiros elementos a ser recebido de forma inconsciente. A atitude dos italianos de elevar o tom de voz, de gesticular muito na conversação, de não respeitar a tomada de vez, representa um problema de *status* e hierarquias e um problema intercultural muito delicado. Outro aspeto muito ligado à dimensão intercultural é a velocidade da fala. Muitas vezes, quando se fala com uma pessoa que domina um idioma diferente, parece que a coisa mais importante para tentar perceber o “que” está a ser dito, seja apenas o “como” aquela pessoa utiliza a sua língua e isto parece diminuir o fosso entre os dois interlocutores. Se o tom e a velocidade da fala são importantes, a escolha das palavras é-o ainda mais, no interior de qualquer cultura. Cada vez mais nas nossas sociedades multiculturais o problema do uso não correto das palavras assume um papel fundamental na comunicação. A nossa linguagem tem imensos poderes, há palavras para acolher, para acarinhar, mas também para excluir e ofender. As palavras parecem ser a cores, estimulando de forma negativa ou positiva a mente do ouvinte.

La prima parola ricorrente verso gli immigrati è quella di “extracomunitario” che a rigore di definizione dovrebbe applicarsi sia agli svizzeri, agli australiani che ai nord americani, ma sappiamo tutti che nella realtà non è così. Provate ad uscire per strada e a chiedere a chiunque chi è un “extracomunitario”. Scommetto che non vi nomineranno né l’americano e tanto meno lo svizzero. La cosa più irritante in questa “parolaccia” è che ci definisce in “forma negativa”. Piuttosto che chiamarci per quello che siamo cioè “cittadini”, essa ci circoscrive per quello che “non siamo”. Come dice bene Luca Cristaldi in un librettino da fare leggere a piccini e non: “è come se dovessi definire una donna come un ‘non-uomo’ e viceversa, o anche se chiamassi una persona di nome Marco come ‘non-Andrea’ o ‘non-Luigi’ e così via...”

(Komla-Ebri, 2006)

Em uma ótica de interculturalidade, desconstruir a nossa linguagem torna-se fundamental. Por exemplo, em Itália, quando as pessoas se referem a alguém como um

“zulu”, a única intenção é de ofender, entende-se que aquela pessoa é bárbara, não tem modos, não tem educação, é selvagem. Nada de mais errado, se pensarmos que o povo Zulu é um povo forte e orgulhoso, que soube lutar pela sua independência e no seio do qual nasceu um homem único e extraordinário que foi o Nelson Mandela. Este é apenas um caso, um pequeno exemplo de como usamos erroneamente as palavras, herdamos expressões que continuamos a dirigir aos outros sem averiguar a sua exatidão, sem saber ao certo o que verdadeiramente significam, ignorando a sua grande força e poder de incisão.

Gianluca Carofiglio, escritor italiano contemporâneo escreveu uma obra interessante sobre o mau uso das palavras, a manipulação que se faz dos seus significados e a sua derivante perda de sentido. Ele considera que é necessário voltar a dar às palavras a sua força original e tentar que elas sejam mais adequadas às ideias que exprimem. No ensaio *La manipolazione delle parole* (2013), debruça-se sobre a forma como as palavras podem influenciar a realidade, acabando por modificá-la. Elas criam os factos e determinam as reações humanas. No ensaio acima referido, reporta-se uma interessante experiência. Um grupo de pesquisadores escolheu várias pessoas para fazer um pequeno teste. As pessoas foram divididas em dois grupos. Aos dois grupos foram mostradas imagens de um mesmo acidente de viação. Acabada a visão das imagens, foi preparada para os dois grupos, a mesma pergunta usando duas palavras diferentes: ao primeiro grupo foi perguntado a que velocidade iam os carros quando se deu o *acidente*, ao segundo a que velocidade iam os carros quando se deu o *impacto*. Todas as pessoas do segundo grupo indicaram uma velocidade correspondente exatamente ao dobro da velocidade indicada pelo primeiro grupo. Foi suficiente a escolha de dois substantivos diferentes, com duas forças grandemente distintas, utilizados para a formulação da mesma pergunta, para desencadear reações e ideias na mente dos ouvintes completamente opostas.

É fácil, portanto, entender a força imensa que os seres humanos dotados da faculdade de linguagem têm no momento em que nascem. A partir do primeiro som de um recém-nascido, até ao nosso último adeus ao mundo, temos a possibilidade de afirmar, negar, narrar, argumentar, ameaçar, perdoar e exprimir sentimentos.

Gostaria de fazer meu, a este ponto, um pensamento da jornalista do quotidiano italiano *La Repubblica*, Maria Serena Natale que, no dia 6 de Janeiro de 2017, saudou o Novo Ano desejando o seguinte:

L’augurio per il nuovo anno e il tempo che riparte, è quello di curare parole e pensieri. Parlare guardandoci, per il puro gusto di farlo. Cercare la verità e dirla anche quando sembra non fare differenza.

Para continuar na análise dos problemas ligados a alguns aspetos da comunicação verbal, numa ótica intercultural, abordamos o aspeto lexical, em particular o uso de termos específicos, nas linguagens científico-profissionais. No Ocidente tendemos a usar os termos mais que corretos nestes âmbitos por desejo de exatidão; no Oriente tolerar a ambiguidade é um fator cultural a ter em conta. A gramática também tem um papel importante na comunicação intercultural e a escolha de alguns elementos por parte do falante não pode ser feita de forma casual. A morfologia e a sintaxe variam de cultura para cultura de uma forma que muitas vezes nos é difícil imaginar. No Japão por exemplo evitam-se dois pronomes que para as nossas línguas são fundamentais: “eu” e “tu”, considerados demasiados íntimos, pelo que se utiliza um sofisticado sistema de substituições. Na cultura árabe, não é usado o tempo futuro, pois o futuro está nas mãos de Deus (*inshallah*) e não nas mãos dos homens. Outras culturas entendem com dificuldade o conceito de tempo passado, por exemplo as comunidades nomadas, em que a vida se desenvolve essencialmente no tempo presente, pelo que as dimensões do passado e do futuro quase não existem, tendo dificuldade em concretizar estas duas ideias de tempo. A utilização de superlativos e comparativos é delicada e varia muito de cultura para cultura; pensamos por exemplo nos americanos, que possuem uma cultura fortemente competitiva pela qual tudo é “the best”, “the most”, perante uma cultura inglesa que ama o “understatement”. Esta preferência do americano pelo superlativo pode ser vista, por exemplo por um europeu, de forma embaraçosa. Um italiano usa a forma superlativa e relativa de uma forma muito original, recorrendo, às vezes, à duplicação das palavras, “Questo è caffè caffè”, ou “è veramente bella bella”, expressões que para um inglês não fazem qualquer sentido.

As formas de cortesia representam um pesadelo para qualquer aprendente de uma língua estrangeira, visto tratar-se de formas profundamente ligadas às gramáticas culturais de cada grupo.

Em muitos países europeus e não só, assistimos nestes últimos anos a um abandono um pouco generalizado da forma de cortesia na 3ª pessoa do singular (refiro-me ao pronome “Lei” em italiano, que tem, porém, diversas correspondências em português), para passar a um registo de informalidade expresso normalmente com uma 2ª pessoa do singular. Se um italiano erra no uso do registo, juntando a isto um tom de voz muito elevado, um uso de gestos excessivo, uma falta de respeito na tomada de vez, uma excessiva proximidade com o seu interlocutor, pode-se facilmente imaginar o impato terrível que isto poderá ter em uma

cultura oriental. Será visto claramente como mal-educado e muito agressivo e, a partir daí, o objetivo da comunicação já estará gravemente comprometido.

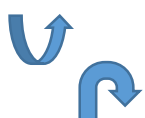
Todos os problemas, anteriormente referidos, ligados à linguagem oral numa ótica de comunicação intercultural, agravam-se de forma substancial no momento em que são traduzidos para códigos escritos (dificuldade experimentada, por exemplo, na transcrição da entrevista do Capítulo 4). A dificuldade está em tentar respeitar as várias gramáticas culturais e traduzir este respeito em uma estrutura linguística codificada.

É possível reconhecer diferentes tipos de estruturas de textos, como se verifica nos esquemas (1) a (4) abaixo: de um lado temos a estrutura do texto inglês, linear, com uma estrutura essencialmente paratática, em que o discurso está apresentado, em grande parte, em vários segmentos de micro-frases, quase como uma sequência de elementos autónomos.

(1) → → → → → → → → →

Esquema textual livremente reproduzido pela autora a partir de Balboni e Caon (2015)

Nos textos das línguas neolatinas, encontra-se com prevalência uma estrutura em que predomina a hipotaxe. Os vários segmentos cruzam-se em frases secundárias, interrompendo a frase principal e conferindo ao texto uma estrutura não linear, que descreve um discurso complexo, com o qual se quer dizer uma coisa, mas ao mesmo tempo, é necessário dizer outra, em que é importante a informação principal, mas ao mesmo tempo é fundamental uma informação paralela.

(2) →  → →

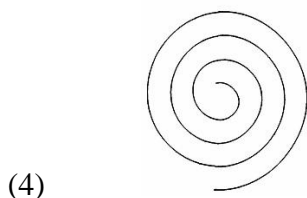
Esquema textual livremente reproduzido pela autora a partir de Balboni e Caon (2015)

Os textos árabes procedem por construções paralelas, com as quais é continuamente retomado o afirmado anteriormente.

→ →
(3) → → → →
→ →

Esquema textual livremente reproduzido pela autora a partir de Balboni e Caon (2015)

Finalmente, nos modelos orientais, podemos encontrar uma estrutura em espiral, com base na qual chegamos ao núcleo da informação apenas por aproximações sucessivas.



Esquema textual livremente reproduzido pela autora a partir de Balboni e Caon (2015)

Tudo isto carrega, obviamente, problemas a nível de comunicação. Um americano pode considerar por exemplo um texto de um italiano completamente confuso, muito pouco claro e intencionalmente mal estruturado; um falante de uma língua neolatina pode ter a tendência a julgar um texto anglófono pobre, desinteressante e estruturalmente básico. Ambos, latinos e anglófonos, podem considerar o texto oriental como uma perda de tempo, uma mensagem obscura que não se sabe onde os irá conduzir. São percepções que põem em risco o êxito da comunicação, chegando a uma falência total no plano pragmático, devida a uma diferente estrutura textual que não respeita as peculiaridades das outras gramáticas culturais.

Torna-se neste ponto fundamental salientar a importância do género textual numa ótica de interculturalidade. A linguística sistémico-funcional entende os textos como representações da língua e da cultura e considera prioritária a forma como estes dois elementos se relacionam. Cada interação que ocorre entre os indivíduos, com o objetivo final de transmissão de significados, é sempre uma troca social que circula através dos textos que produzimos, pela construção dos quais recorremos aos vários géneros que temos à disposição, quer de uma forma consciente quer de uma forma inconsciente (Martin, 2009).

O género textual resulta assim fundamental na organização dos significados em configurações recorrentes e em fases. Escolhemos géneros textuais, conscientemente ou inconscientemente, para a transmissão dos significados e repetimo-los vezes sem conta, com os mesmos paradigmas, resultando portanto em configurações recorrentes de uma determinada cultura. Entende-se por conseguinte a importância do género em uma ótica de comunicação intercultural: os géneros textuais têm elementos constitutivos universais (uma

carta, apesar do lugar onde é escrita, deverá sempre ter um destinatário, um remetente e uma assinatura final). Um conhecimento mais profundo do género permite, independentemente da cultura à qual se pertence, reconhecer os vários textos, um conto, uma anedota, um diário e, apesar das diferenças que depois em cada um deles é possível encontrar, o reconhecimento de elementos comuns é um passo em frente para a comunicação. É por isso que uma didática de género é importante hoje no ensino, porque oferece aos alunos a capacidade de reconhecer e desfrutar ao máximo dos géneros textuais, como eficaz instrumento de mudança num mundo globalizado.

The model was further elaborated by adding on a level of genre, whose job it was to coordinate resources, to specify just how a given culture organizes this meaning potential into recurrent configurations of meaning, and phases meaning through stages in each genre.
(Martin, 2009:12)

Por fim, atenção à ironia! Ironizar, perante falantes de outras línguas ou interlocutores de outras culturas, é um risco enorme, visto não haver nada mais ligado à cultura do que a própria ironia. É necessário lembrar sempre a “dificuldade de fazer humor numa língua (logo, num quadro cultural) diferente, uma vez que este actua sobretudo ao nível do não literal e do não explícito do discurso” (Matos, 2003:399). Corre-se portanto o risco de não ser minimamente entendido e de se fracassar gravemente no ato comunicativo. Pode-se ferir profundamente o interlocutor que não entende os sinais de ironia, ferindo a sua honra e a sua dignidade, com o risco de fazer com que ele perca a face. Nunca mais a comunicação poderá ser a mesma e o objetivo primário já está comprometido, visto a face ser a imagem pública atribuída a cada interveniente no ato comunicativo que lhe confere um *status* público que não está disposto a perder.

La grande possibilità che ci offre la comunicazione interculturale è, quindi, quella di guardare meglio gli altri grazie ad uno sguardo più attento ma, prima ancora, di guardare meglio noi stessi attraverso gli altri, potendo disporre di angolazioni plurali e inaspettate, valorizzando il maggior potenziale di differenze rappresentate da lingue e linguaggi diversi

(Balboni e Caon, 2015-157)

1.3 LÍNGUA MATERNA, LÍNGUA DE ACOLHIMENTO E DE HERANÇA

Se parli con un uomo in una língua a lui comprensibile, arriverai alla sua testa. Se gli parli nella sua lingua, arriverai al suo cuore.

(Nelson Mandela)

A aquisição da linguagem é um fenómeno decorrente da evolução psicológica das crianças, sendo o desenvolvimento linguístico independente do desenvolvimento de outras capacidades cognitivas. Existem de facto patologias cognitivas que não afetam a linguagem, assim como existem patologias que afetam a linguagem sem afetar outras capacidades cognitivas.

A linguagem é uma faculdade mental inata, localizada predominantemente no hemisfério esquerdo do cérebro, que permite aos seres humanos adquirir espontaneamente qualquer língua (Guasti, 2007:5).

Mas como aprendemos a falar? Os falantes dispõem de um conjunto de conhecimentos implícitos que são subjacentes ao uso da língua. Esta teoria contrasta com algumas teorias sobre a aquisição da linguagem que afirmavam que as crianças aprendem a falar apenas por imitação.

Com base em Costa e Santos (2003:21,22), esta teoria está ultrapassada. Os autores afirmam de facto que as crianças não se limitam a reproduzir o que ouvem, fazem muito mais, demonstrando surpreendentemente conhecimentos latentes mesmo a nível gramatical e apresentando comportamentos linguísticos recorrentes e não arbitrários. Os bebés, por exemplo produzem frases apesar de nunca as terem ouvido, fazem sistematicamente os mesmos erros que revelam conhecimento; chegam a ter uma proficiência da língua que lhes permite aplicar regras para gerar novas palavras e frases, apesar de a língua falada à sua volta ser altamente degradada, seguindo todas as características da linguagem oral, com problemas, interrupções, hesitações e completamente desorganizada. A criança é capaz de seleccionar os dados recebidos, limpando-os de tudo o que não for significativo. A aquisição da linguagem acontece de forma idêntica, independentemente da língua à qual as crianças estão expostas. Uma criança exposta ao italiano adquire a língua com as mesmas etapas e modos de uma criança exposta ao francês e não é possível alterar voluntariamente a ordem de aquisição. Para que esta aquisição se possa desenvolver, o sistema deve estar obviamente a funcionar em todas as suas partes e é preciso que haja exposição ao meio linguístico. Se uma criança cresce num ambiente onde há constantemente falta de luz, não desenvolve a

faculdade da visão de uma forma normal; do mesmo modo, se uma criança não cresce num ambiente em que esteja exposta à língua, não irá desenvolver de forma normal a faculdade da linguagem. Existe um período crítico de aquisição que faz com que a criança aprenda; se ela não for estimulada no momento justo, as suas capacidades atrofiam e o processo de aquisição torna-se difícil ou, às vezes, impossível. Existem etapas na aquisição da linguagem que se podem reencontrar no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e cuja ordem de aquisição não pode ser alterada. Nenhum aluno, seja ele jovem ou adulto, inverte normalmente a sequência das fases de aprendizagem. O desenvolvimento normal de uma língua materna é rápido; uma criança de quinze meses produz mais ou menos quinze palavras, cinco meses mais tarde produz cinquenta palavras, até que, no segundo ano de vida, se dá o que se chama “explosão” do vocabulário, em que ela é capaz de aprender oito novas palavras por semana.

Adquirimos, portanto, a nossa língua materna seguindo as suas sequências e demonstrando uma capacidade extraordinária e uma rapidez incrível ao longo do processo. Se pensarmos em quantas coisas uma criança deverá aprender nos primeiros dois anos de vida, este processo torna-se ainda mais fantástico: aprende a andar, a manter os objetos na mão, começa a relacionar-se com os outros, adapta-se a novas situações, passando a maioria do tempo a dormir.

As ações do homem são guiadas pela língua, que ele aprendeu para poder comunicar no interior da sua comunidade. É fácil entender a posição que mantém a língua materna na vida individual, social e política do ser humano, o enorme papel que ela tem na construção da identidade do indivíduo. Tudo isto determina um forte sentido de pertença a um sistema coletivo específico, uma espécie de identidade social, através da qual os indivíduos se sentem membros integrantes do grupo ao qual pertencem. É esta função social da língua a característica *in primis* da nossa língua materna, um “sistema de referência coletiva fundado num acordo social” (Zulì, 2011:75). Parece que o ser humano só consegue viver em pleno a sua/as suas identidade/identidades apenas através da língua materna.

Em 2008, o escritor Atiq Rahimi, de dupla nacionalidade afegã e francesa, recebeu o Prémio Goncourt pelo seu romance *Syngué Sabour*, que foi o primeiro a ser escrito pelo autor diretamente na sua língua de adoção, o francês, e não na sua língua materna, o persa. Ele justificou com as seguintes palavras esta escolha:

La langue maternelle dit l'intime, c'est elle qui nous apprend la vie, l'amour, la souffrance, elle qui nous ouvre au monde. C'est aussi la langue de l'autocensure (...). Avec le français, j'étais libéré de tonnes de contraentes affectives.

Pendant mon exil en France, tout ce que j'écrivais c'était en persan. En 2002, après dix-huit ans d'exil, je suis rentré en Afghanistan et depuis mon retour dans mon pays j'ai commencé à écrire qu'en français. C'est bizarre, mais c'est comme cela.

(Apud Zuli, M.R., *Rapporto tra língua e identità*, 2011:108 e 117)

A língua não é de todo um objeto inanimado que se adquire e se passa a possuir uma vez por todas, mas é algo que constrói o nosso modo de pensar e os nossos relacionamentos com o mundo. Cada um de nós pode falar fluentemente mais do que uma língua desde a infância, sem se sentir por isso um indivíduo bilingue. A aquisição de uma ou mais línguas desde a infância tem características notavelmente diferentes da aprendizagem de uma língua segunda (de agora em diante, LS). Por LS, com base em Balboni (2012:126), entende-se a língua que um estudante pode encontrar fora da situação de ensino formal, como o caso, por exemplo, de um estrangeiro que estuda italiano em Itália. Ao contrário da língua estrangeira, a situação de uma LS prevê que, a maioria do *input* linguístico, venha diretamente do exterior e a imersão do aprendente seja assim completa. Por LS entende-se também a língua que melhor se domina, a seguir à língua materna, uma segunda língua a ser apreendida. A organização das informações armazenadas na mente e na memória dos falantes bilingues difere na estrutura da organização das informações adquiridas numa situação de LS. A aprendizagem de uma língua segunda pode não acontecer desde a infância, pode não acompanhar a aquisição de uma língua materna, o que faz com que o sujeito raramente chegue a ter proficiência na LS igual à proficiência na sua língua materna. Quando recebemos as informações de uma LS, normalmente o nosso sistema de memória e mental já está comprometido com a nossa língua materna. Muitas vezes esta aprendizagem acontece em indivíduos já adultos (que já não conseguem desfrutar da vantagem das faculdades inatas que lhes permitiram a aquisição da LN), pelo que o seu processo de aprendizagem é constantemente confrontado com o seu conhecimento da língua materna, consegue aprender, mas por vezes passando por fases complexas de interlíngua e, muitas vezes, embatendo em intrasponíveis fossilizações. O aprendente possui, de facto, uma própria versão da sua LS, isto é, um sistema linguístico denominado interlíngua, gerido por princípios provisórios de regularidade, muito dinâmico e sujeito a níveis de complexidade crescentes. É um *continuum* caracterizado pela combinação de reestruturação e recreação (Diadori *et al.*, 2009:96).

O bilinguismo é uma consequência de vários fatores que caracterizam a nossa realidade estritamente ligados aos eventos históricos, às deslocamentos dos povos, ao

cruzamento dos espaços e à interligação das culturas. É um fenómeno sobre o qual muito se discute e se escreve, debatendo sobre as suas características positivas ou sobre o facto de poder ser um entrave ao normal desenvolvimento linguístico. Uma criança bilíngue pode recorrer a dois sistemas linguísticos para descrever uma sensação e expressar uma ideia. Num cérebro bilíngue, convivem duas línguas, apesar de o fazerem de forma diferente e ambas se desenvolvem em paralelo e autonomamente, mas sempre profundamente interligadas. Para que isto seja possível, ambas devem ser usadas de forma a manter o seu nível de ativação. Quanto mais são usadas, mais fácil será aceder a elas (Guasti, 2007: Cap. VIII).

De um ponto de vista linguístico, a situação italiana é bastante complexa. Como aconteceu na história de várias línguas, dialetos de alguns espaços linguísticos tornaram-se línguas *standard*. Isto acontece por várias razões que, muitas vezes, se desenvolvem em simultâneo. Quase sempre, trata-se do dialeto da classe dominante, da classe economicamente mais favorecida e na vanguarda a nível literário, técnico e cultural. O dialeto começa assim a conquistar prestígio e a ser promovido como modelo linguístico aceite pela sociedade. Foi este o caso do italiano *standard*, filho do toscano de 1300, codificado como língua modelo em 1500, tornando-se depois língua nacional, após ter sido apenas um dos tantos vulgares falados no território italiano. Entre os aforismos sobre o tema, o mais divertido é um que se atribui a Haugen, linguista americano, escritor e professor na Universidade de Harvard, que afirma o seguinte: “uma língua é um dialeto que fez carreira”. São de facto as línguas que derivam dos dialetos e não o contrário (como vimos no caso do italiano), as línguas antes de o serem, eram dialetos locais. De facto, quando em 1400, Florença atingiu a sua supremacia económica e cultural, o *Fiorentino* tornou-se a língua literária de prestígio, graças à obra dos três grandes da literatura e da poesia italiana: Dante, Petrarca e Boccaccio.

O que realmente intervém na diferença entre língua e dialeto, à luz do acima referido são portanto questões sociais, situações de prestígio e de supremacia cultural e política. Em Itália os dialetos têm sido muito denegridos, apontados sempre como *lingua dei poveri* e o estigma que os tem caracterizado, faria pensar num rápido desaparecimento. No entanto, no caso italiano, nos últimos 30 anos, o dialeto libertou-se, no verdadeiro sentido da palavra, da sua marca de variedade baixa, reconquistou as suas posições e ganhou uma situação estável no interior do repertório linguístico dos italianos, muitas vezes, também nas classes altas (Manual di Stilistica italiana, 2014, Capítulo 2: de 37 a 50).

Durante a redação deste trabalho, precisamente no dia 4 de Janeiro, faleceu o grande linguista italiano Tullio De Mauro, cujas obras me acompanharam quer na minha vida de estudante, quer na minha formação como professora de italiano para estrangeiros. Lembrei-me então de introduzir aqui um pequeno trecho, relativo aos dialetos italianos, retirado de uma interessante entrevista que o jornalista do jornal italiano *La Repubblica*, Francesco Ermani fez ao linguista, no dia 29 de Setembro de 2014. A entrevista intitula-se “Gli italiani parlano (anche) in dialetto”. Diz Tullio De Mauro a dado passo:

Fino al 1974 la maggioranza degli italiani, il 51,3 per cento, parlava sempre in dialetto. Ora chi parla sempre in dialetto è sceso al 5,4. Ma, regredendo l'uso esclusivo, è andato crescendo quello alternante di italiano e dialetto: nel 1955 era il 18 per cento, oggi è il 44,1. Quelli che adoperano solo l'italiano sono il 45,5 per cento. È vero che i toscani, i liguri e gli emiliano-romagnoli parlano solo in italiano fra l'80 e il 60 per cento e che i lucani, i campani e i calabresi vanno dal 27 al 20 per cento. Ma è vero anche che chi usa solo il dialetto in queste regioni del Sud non supera il 12-13 per cento.

(De Mauro, 2014: *La Repubblica*)

Os dialetos das regiões meridionais italianas são considerados menos prestigiados; seguem-se os do Norte e, por fim, os mais prestigiados são os da zona central que inclui a Toscana. As diferenças que podemos individuar entre os dialetos italianos e a língua são portanto essencialmente de uso e prestígio.

DIALETOS ITALIANOS	ITALIANO STANDARD
Oralidade (por vezes)	Escrita
Locais	Nacional
Contextos maioritariamente informais	Contextos formais
Baixo prestígio	Alto prestígio
Associados aos estratos baixos da população	Associado aos estratos mais altos da população

Esquema reproduzido a partir de Slovacchia (s.d): 6

Em Itália existem regiões em que o bilinguismo é oficialmente reconhecido e tutelado pelo Estado Central, por exemplo na Região do Trentino Alto-Adige em que, por razões históricas, é agora oficial o uso de duas línguas: o italiano e o alemão. O território que hoje pertence à região italiana do Alto Adige fazia parte da Região alemã do Sul do Tirol, que passou, após a I Guerra Mundial, para Itália. Na Região do Valle d'Aosta temos

o italiano e o francês e na ilha da Sardenha, o que erroneamente ainda se define dialeto, é reconhecido pelo Estado italiano como uma verdadeira língua, tutelada pelas Leis italianas. A língua sarda, *Sa limba sarda*, atualmente ensinada nas escolas, resulta como o mais característico dos idiomas falados em território italiano, conservando as suas peculiaridades originárias das suas ilustres origens: gregas e latinas.

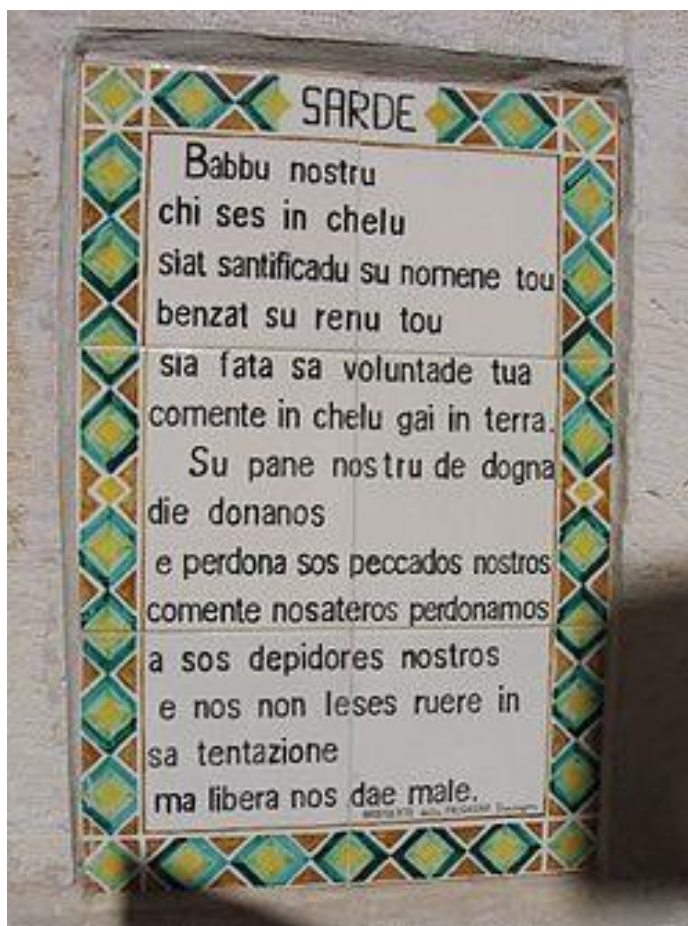


Fig.5 - Pai Nosso em língua sarda – Igreja de Pater Noster – Jerusalém

Os dialetos italianos têm sido codificados por toda uma série de literatura regional essencial para a sua afirmação e divulgação e para que pudessem representar algo de fundamental a ser transmitidos às novas gerações. De facto, todos os sistemas linguísticos seguem regras lógico-gramaticais, assim como os dialectos e por isso a sua aprendizagem permite-nos poder falar de bilinguismo.

Inoltre, il discorso vale anche per i dialetti: essere bilingui non significa necessariamente parlare italiano e inglese o italiano e tedesco (come i pazienti altoatesini da noi studiati), ma anche italiano e dialetto della zona di provenienza. Per questo sarebbe importante attuare iniziative di difesa delle “parlate” regionali, che invece si perdono.

(Perani, 2017, texto de opinião, quotidiano *La Repubblica*)

Infelizmente em Itália, o bilinguismo foi sempre visto como algo de perigoso para o desenvolvimento da criança de um ponto de vista linguístico. Existe a ideia de que a criança bilíngue é confusa e o seu bilinguismo pode dificultar ou atrasar a sua normal aquisição linguística e também de que, quando uma criança que fala mais de uma língua apresenta uma perturbação na linguagem, a solução mais fácil é ela deixar de falar uma delas. Todas estas convicções negativas e infundadas são certamente devidas a falta de informação. Estudos recentes, provenientes de vários âmbitos como linguística, psicologia, pedagogia, sociologia e neurologia, demonstram que crescer num ambiente em que se falam duas ou mais línguas traz vantagens enormes para as crianças. Como vimos, em Itália muitas crianças têm a vantagem de conhecer mais do que um código linguístico que, apesar de ser etiquetado como dialeto, continua a representar uma riqueza enorme de um ponto de vista cognitivo e intelectual. Uma criança que fala mais do que uma língua desenvolve desde muito cedo uma grande capacidade pragmática, a capacidade de saber escolher a língua com base nos contextos e nas pessoas; terá mais facilidade na aprendizagem de outras línguas, tendo já desenvolvido uma maior sensibilidade para sons, significados e estruturas diferentes. Por exemplo, para uma criança italiana que além do italiano *standard* fala o piemontês, o dialeto da Região do Piemonte, aprender o alemão poderá ser muito mais fácil do que para uma criança que só fala italiano, porque alguns sons já lhe são familiares, como [ü] e [ö] que existem no alemão e no piemontês, mas que não existem no italiano. Aprender a falar mais de uma língua estimula a capacidade de concentração e a inteligência e desenvolve uma abertura mental. Uma criança bilíngue tem consciência de que existem vários códigos para ilustrar e definir a realidade e poderá ser mais aberta e preparada para as diferenças culturais, tornando-se mais facilmente um cidadão do mundo.

Apesar da profunda ligação, várias vezes reportada ao longo deste trabalho, entre língua e cultura, isso não significa que uma pessoa que fale duas línguas pertença necessariamente a duas culturas. De facto, bilinguismo e bi ou multiculturalismo não coexistem necessariamente. Pessoas que falam duas ou mais línguas podem permanecer sujeitos monoculturais, assim como pessoas que falam apenas uma língua podem ser perfeitamente sujeitos multiculturais. Sobretudo em contextos de migração, quando duas ou mais línguas estão em contacto na sociedade, são sobretudo as relações de poder que podem influenciar o desenvolvimento de uma identidade monolíngue ou multilíngue (Heyden, 2009: 94).

Quando um adulto migrante chega a um país estrangeiro traz com ele a sua bagagem: todo um *background* identitário enorme, dentro do qual está também a sua língua materna.

Ao princípio, provavelmente, a primeira tendência é a de preservar esta identidade e a sua língua, tentando pôr em prática uma espécie de enclausuramento voluntário. Não comunica com os outros, não quer aprender a língua do lugar em que reside, mas ao mesmo tempo, começa a sentir a necessidade de abrir-se, de projetar a sua vida e a dos seus filhos para uma nova realidade, para uma vida futura que deverá ser, forçosamente, diferente daquela vivida até então. Mas se é verdade que a identidade é algo de dinâmico, esse processo acaba por entrar em funcionamento quase de forma automática e a primeira manifestação desta abertura e desta necessidade de integração dá-se através da aprendizagem da língua autóctone. A língua que ele ouve falar é uma língua “estrangeira”, é a língua e a cultura do outro, um código novo que ele, nem sempre, decide aprender de livre vontade e a sua atitude perante ela é delicada. Este é um conceito que ultrapassa notavelmente o de língua estrangeira, apresentado por Balboni (2012) como a língua estudada num território no qual não se encontra presente, a não ser numa situação de ensino formal na escola, cujo *input* é fornecido apenas pelo docente na sala de aula; e o de língua segunda (explicitado acima neste capítulo). É o que se chama língua de acolhimento, à qual refere Grosso, 2010:68, “para o público-adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo”. O termo língua de acolhimento pode parecer altamente contraditório, quanto ao seu sentido mais profundo, porque de facto, muitas vezes, o emigrante, sobretudo nos primeiros momentos, não se sente acolhido, mas sim forçosamente tolerado e a sua posição perante a “língua de acolhimento” é muitas vezes uma escolha obrigada. “Seja qual for a razão (política, económica, familiar ou outra), quem chega precisa de agir linguisticamente de forma autónoma, num contexto que não lhe é familiar”(Grosso, 2011:66).

A aprendizagem da língua de acolhimento é um passo importante que permite ao migrante existir, sair da condição de enclausuramento que o mantém escondido à margem da sociedade. As exigências que se colocam na fase inicial da chegada a um novo país são várias e muito diferentes entre elas, abrangendo âmbitos que vão dos mais informais aos mais formais e institucionais (assunto que será abordado nos capítulos seguintes). O objetivo da aprendizagem da língua de acolhimento é essencialmente o de permitir ao migrante entrar em contacto com o novo mundo que o rodeia. Seria desejável que esta formação tivesse sempre em conta alguns elementos fundamentais, como por exemplo o *background* linguístico e cultural do migrante. De facto, nem sempre a falta de competência linguística se deve a uma falta de vontade de integração. É porém sempre verdade que uma

falta de competência linguística se traduz numa atitude negativa para com as línguas e as culturas dos migrantes (Civil Society Platform on Multilingualism, 2011).

A aprendizagem de uma língua de acolhimento deve representar, para um emigrante, um verdadeiro instrumento de integração e não de exclusão social e política, para que ele possa, através dela, construir a sua vida e a da sua família de uma forma digna em qualquer parte do mundo.

Sintetizando, o conceito de língua de acolhimento aproxima-se da definição dos conceitos de língua estrangeira e língua segunda, embora se distinga de ambos. É um conceito que geralmente está ligado ao contexto de acolhimento, expressão que se associa ao contexto migratório, mas que, sendo geralmente um público adulto, aprende o português não como língua veicular de outras disciplinas, mas por diferentes necessidades contextuais, ligadas muitas vezes à resolução de questões de sobrevivência urgentes, em que a língua de acolhimento tem de ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática.

(Grosso, M.J., 2010:74)

Ligadas ao conceito de família, estão as línguas de herança que, no mundo em que vivemos hoje, assumem um notável relevo. Com base em Balboni (2012:126), as línguas de herança são as da família, as línguas da comunidade de origem dos emigrantes, as que não representam a língua dominante no país, mas que representam um passado recente ou, às vezes, ancestral, característica esta que não deve ser considerada como algo de inútil e obsoleto, mas como uma grande riqueza a preservar e respeitar. Trata-se de línguas ligadas a complexos problemas de identidades; os filhos dos migrantes, chegados ou nascidos já no novo país, entram em contacto desde a sua nascença, com valores linguísticos e culturais diferentes daqueles com os quais os seus pais chegaram anos atrás. A dimensão deste contacto abrange a cultura e as línguas dos pais e a cultura e a língua do ambiente em que vivem. Se para os pais a aprendizagem da língua de acolhimento não é obrigatória (a menos que não se queira adquirir nacionalidade ou estatutos específicos), para os jovens, filhos de migrantes, a aprendizagem é obrigatória e administrada pelas escolas locais. Lembremos a este propósito os importantes programas de português como língua não materna, previstos pelo Alto Comissariado para as Migrações, que são dirigidos aos jovens que não têm o português como língua materna mas que, no entanto, estão integrados no sistema oficial do ensino. Também os programas de português língua não materna, previstos pela Direção Geral da Educação, integram o ensino do PLNM nos *curricula* do ensino básico e secundário. A nível linguístico, as segundas gerações de migrantes refletem competências desiguais entre a língua da família e a sua nova língua, a língua do novo lugar que, no

princípio, é secundária em relação à de herança. Assiste-se de seguida a uma tendência de abandono da língua de herança, para responder a uma grande vontade de integração destes jovens, a um desejo de se sentirem efetivamente e simplesmente iguais aos outros. Crescendo, muitas vezes, voltam para uma recuperação da língua de herança, quase como uma tentativa de recuperar raízes identitárias.

As questões de identidade (abordadas de forma mais aprofundada no próximo capítulo) que dizem respeito aos filhos dos migrantes são muito complexas. O próprio termo herança evoca algo de passado, que os jovens muitas vezes rejeitam, projetados que estão completamente para o futuro. A realidade revela que, apesar de muitas famílias transmitirem as suas línguas de herança aos filhos, a verdade é que, quando chegam à idade da escolarização, os pais se preocupam com as dificuldades e maus resultados que os filhos poderão obter na escola, passando a incentivar o uso e a aprendizagem da língua da terra que os acolheu. Estes jovens sentem-se divididos, enfrentando um grande conflito interior; na verdade, não são propriamente iguais aos jovens do país em que residem, mas também não são assim tão diferentes; não têm como língua materna a língua dos outros, mas estão a aprendê-la. Uma vez mais a sua identidade é absolutamente múltipla, completamente mista. O lugar de origem da sua família é a sua mãe, a nova terra é também seu pai; a língua dos pais é sua mãe, mas a nova língua é um novo pai que adquiriram e, muitas vezes, a sua infelicidade passa por esta absurda necessidade de ter de escolher entre uma coisa ou outra, num complexo exercício de equilíbrios.

2. MULTICULTURALISMO

2.1 IDENTIDADES

La principale speranza di armonia nel nostro tormentato mondo risiede semmai nella pluralità delle nostre identità, che si intrecciano l'una con l'altra e sono refrattarie a divisioni drastiche lungo linee di confine invalicabili a cui non si può opporre resistenza.

(Amartya Sen, 2011:19)

No âmbito dos complexos processos identitários, de que se falou no final do capítulo anterior, as formas identitárias e as relações entre gerações são complexas, e muitos são os dramas que acompanham a construção das identidades pessoais, tema que será o foco do presente capítulo. Acaba-se por estar diante de dois conflitos profundos. Nos jovens dá-se um “conflito de referências, denegrindo o passado e as humilhações vividas pelos pais; nos adultos, assiste-se a uma “crise de transmissão” (Dubar, 2006: 161). Nesta difícil situação, certamente a nacionalidade, ponto firme de referência no passado, não resolve os conflitos, pois como Dubar afirma, “duas metades de nacionalidade não fazem uma nacionalidade”, encontrando-se as identidades, muitas vezes, dilaceradas.

Este primeiro ponto da segunda parte deste trabalho será dedicado portanto à identidade e às suas peculiaridades na modernidade e basear-se-á essencialmente numa entrevista, conduzida por Benedetto Vecchi, que o sociólogo polaco Zygmunt Bauman concedeu em 2003 e publicada na obra *Zygmunt Bauman-Intervista sull'Identità* (cf. Bauman, 2003).

Zygmunt Bauman nasceu em 1925 na Polónia. De família judia, fuge para a União Soviética no início da II Guerra Mundial. Após inúmeras viagens e após ter sido afastado do ensino, muda-se para Inglaterra, onde se torna professor titular na Universidade de Leed e onde compõe a maioria dos seus livros, dedicando-se às complexas relações entre modernidade e identidade, conceito considerado por ele completamente evasivo e ambivalente. Bauman (2003) abre com um interessante episódio biográfico do autor. No dia da entrega da *laurea in honoris causa* que lhe foi concedida pela Universidade Carolina de Praga, perguntaram-lhe qual era o hino que ele gostaria que fosse tocado no momento alto da cerimónia, o hino polaco ou o hino inglês. Ele muito modestamente admite não ter sabido responder naquele momento. Diz Bauman:

La Gran Bretagna era il paese che avevo scelto e che mi aveva scelto offrendomi una cattedra quando la permanenza in Polonia, il mio paese di nascita, era diventata impossibile perché mi era stato tolto il diritto di insegnare. Laggiù, però, in Gran Bretagna, io ero un immigrato, un uomo venuto da un paese straniero, un alieno. Poi sono diventato un cittadino britannico naturalizzato, ma quando sei un nuovo venuto puoi mai smettere di esserlo? Non avevo intenzione di passare per un inglese e né i miei studenti né i miei colleghi hanno mai avuto il minimo dubbio che fossi uno straniero, un polacco per essere esatti.[...] Avrei dovuto quindi far suonare l'inno polacco? Ma anche questa scelta non aveva molto fondamento: trent'anni e passa prima della cerimonia di Praga ero stato privato della cittadinanza polacca... La mia esclusione era stata ufficiale, avviata e confermata da quel potere che aveva la facoltà di distinguere il "dentro" dal "fuori", chi apparteneva da chi no: pertanto il diritto all'inno nazionale polacco non mi competeva più...

(Bauman, 2003:3)

Com este trecho da obra, aborda-se o primeiro conceito fundamental da identidade, o facto de ela não estar já estritamente ligada à nacionalidade do indivíduo (como já referido), que muitas vezes, assim como aconteceu com Bauman, pode ser negada.

A partir da visão do homem de Descartes *Ego cogito ergo sum* e da sua ideia da gravitação do mundo à volta do ser humano, do seu pensamento, do seu livre arbítrio e da sua estável, estática e segura essência, o tema da identidade tem assumido diferentes conotações. Os Descobrimentos de novas terras nos séc. XV-XVII, os encontros de raças e etnias diversas e a troca de mercadorias, as grandes revoluções do séc. XVIII, as duas Guerras Mundiais, as grandes correntes migratórias do pós-guerra, todo esse grande fervilhar de novos acontecimentos moldou o ser humano, alterou as suas formas de vida e as suas relações entre pares. Poderíamos afirmar que o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi completamente descentrado resultando, degrau após degrau, no sujeito pós-moderno e contemporâneo com as suas identidades em construção (Hall, 2001). O avançar dos tempos teve portanto um papel fundamental na construção de novas formas identitárias, entendidas como um processo contínuo e dinâmico que vai além do tempo e do espaço. É fundamental que as pessoas saibam adequar-se às novas exigências de uma sociedade diversa. "Per amare il prossimo tuo ora bisogna necessariamente interessarsi ai diversissimi stili di vita praticati da chi ci vive accanto" (Sen, 2011:151). É necessário que se ponha em prática o que Stuart Hall (2001) denominou "tradução cultural", isto é, um processo de voluntária negociação entre as antigas matrizes culturais e as novas, uma nova leitura da cultura do outro, negociada com as nossas matrizes culturais, que torna a relação com o outro fundamental para poder existir um eu. A nossa identidade forma-se de facto numa relação com os outros. A internalização do exterior e a exteriorização do interior representam muito bem a dimensão sociológica da identidade do sujeito contemporâneo. É importante abrir ao mundo o nosso eu, mostrar as nossas múltiplas facetas

e ao mesmo tempo complementar o nosso interior com a riqueza de uma face pública e social e com a bagagem do outro. A formação de nós próprios e o nosso reconhecimento como seres humanos está no olhar dos outros, a política de reconhecimento é a fórmula de sobrevivência de todos os indivíduos. A nossa identidade de facto é líquida, como afirma Bauman (2003), e como todos os líquidos, que assumem sempre dimensões diversas, ela também nunca tem a mesma forma por muito tempo. Está pronta a modificar-se, amalgamar-se e fundir-se conforme as escolhas livres dos indivíduos, as escolhas sobre que prioridade dar às várias formas identitárias que podemos possuir em simultâneo. Vivemos numa modernidade em que a característica do indivíduo é sobretudo a sua incapacidade de parar, a sua necessidade de se reconhecer sempre em grupos ou novas afiliações, uma pesquisa constante de um “nós” diferente a quem pertencer, única maneira possível de sobrevivência, à procura de um sentimento de segurança. Para Bauman, a identidade põe-se como um problema da era moderna, resultado de uma crise dos sistemas clássicos de pertença, dos quadros clássicos de referência tradicionais que vieram a faltar, devido à desintegração e à perda de força das estruturas das comunidades.

L'idea di identità è nata dalla crisi dell'appartenenza e dallo sforzo che essa ha innescato per colmare il divario tra “ciò che dovrebbe essere” e “ciò che è”, ed elevare la realtà ai parametri fissati dall'idea, per rifare la realtà a somiglianza dell'idea.

(Bauman, 2003-19)

Estamos perante uma identidade vista como algo de nunca acabado, como uma tarefa não realizada, como uma causa para a ação; como uma pergunta à qual não conseguimos dar mais resposta. “Quem sou eu?”. Esta é uma pergunta cujo sentido encontra o seu fundamento apenas se o indivíduo sabe poder ser algo de diferente do que é, se consegue aceder àquela liberdade e capacidade de escolha dos seus vários seres. Para Bauman e também para Sen, o ser humano não é feito apenas de uma identidade construída na relação com os outros, ele próprio é palco de várias identidades. Como afirmava Sen (2001), existe na vida do ser humano uma grande quantidade de afiliações diferentes às quais decidimos, por livre escolha, pertencer. Estas múltiplas afiliações formam a nossa identidade, resultado da transversalidade das escolhas humanas. “Le identità sono in larga misura plurali, e l'importanza di un'identità non deve necessariamente cancellare l'importanza delle altre” (Sen, 2011:21). É possível ser mulher, italiana, católica, mãe, trabalhadora, estudante, etc. Somos tudo isto e nenhuma destas nossas pertenças deveria teoricamente dominar as outras, porque é o conjunto harmónico delas que fazem de nós todos o que realmente somos.

A defesa da preservação de identidades rígidas vai portanto contra todos os valores universais que representam a dignidade humana. Percorrendo o caminho da escuridão, ficando fechados nos nossos “nichos”, reconhecendo o “outro” apenas através da sua identidade dominante, chegamos facilmente às formas extremas de discriminação, opressão e racismo, pedras pesadas difíceis de desviar do caminho quotidiano do ser humano.

Nel nostro mondo fluido impegnarsi per tutta la vita nei confronti di un'identità, o anche non per tutta la vita, ma per un periodo di tempo molto lungo, è un'impresa rischiosa. Le identità sono vestiti da indossare e mostrare, non da mettere da parte e tenere al sicuro.

(Bauman, 2003:87)

É fundamental tomar plena consciência do facto de que a identidade não é algo esculpido na rocha que permanece imutável, que nos é garantido pela vida fora, mas é essencialmente algo que deve ser constantemente negociado, alterado e provavelmente revogado. São as nossas decisões, os percursos que na vida decidimos tomar, a maneira como nos comportamos e a determinação para levar para a frente tudo isso que torna os seres humanos os arquitetos da sua complexa e variável estrutura. Estamos perante uma grande descoberta: a identidade, em vez de representar uma questão única na vida das pessoas e uma âncora de salvação, apresenta-se agora como algo dificilmente reconhecível, que escorrega entre as nossas mãos e que, às vezes, representa apenas um conjunto de problemas a enfrentar. À luz do acima reportado, é fácil entender quanto afirmado por Dubar (2006:9), que considera que pertenças ou afiliações “essenciais” e “imutáveis” não existem. Se identidades fixas não existem, não existem também diferenças específicas *a priori* permanentes entre os indivíduos. É com base nesta reflexão que as relações deveriam ser construídas e é com base neste conceito fundamental que ninguém deveria ser excluído ou estereotipado com base em conceitos identitários errados, fixos, permanentes, que são apenas etiquetas atribuídas pelos outros e não reconhecidas como próprias pelos indivíduos. As formas identitárias são definidas por Dubar (2006) como “contingentes”, termo que pinta com cores fantásticas as características do nosso tempo. De facto, de pedras que afundam pesadamente no mar, passamos a ser num ápice, navegantes no meio da corrente.

Ciò che si salverà non sarà mai quello che abbiamo tenuto al riparo dai tempi, ma ciò che abbiamo lasciato mutare, perché ridiventasse se stesso in un tempo nuovo.

(Baricco, 2008)

2.2 GLOBALIZAÇÃO, MULTICULTURALISMO E INTERCULTURALIDADE

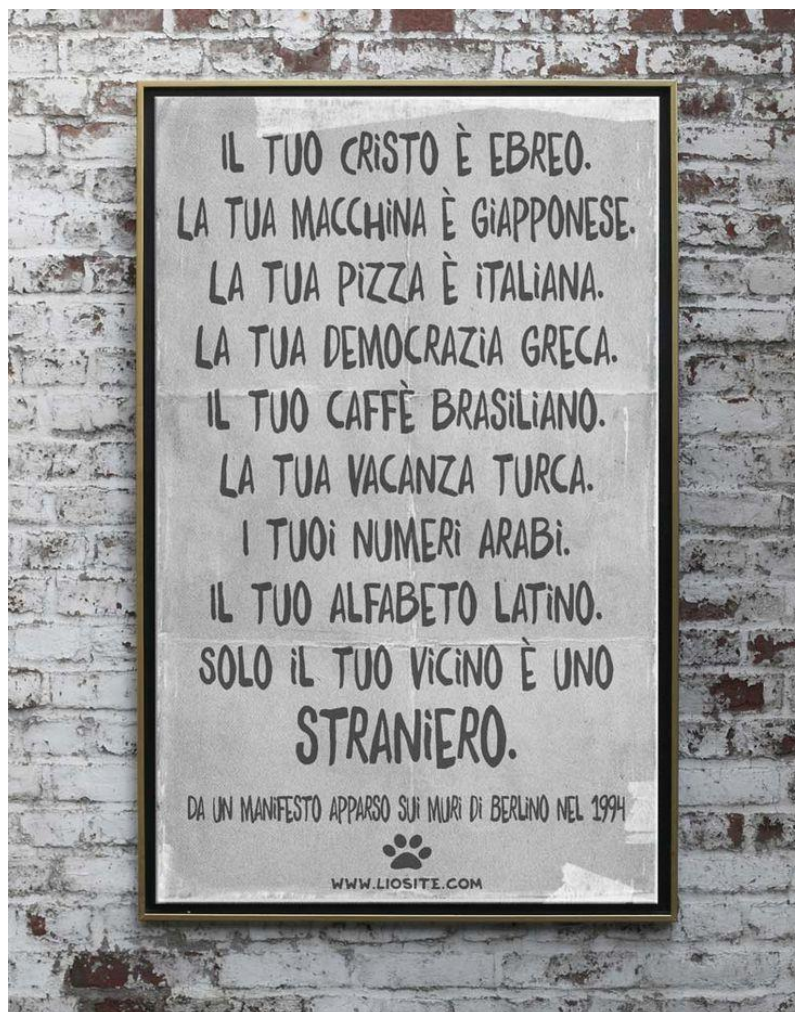


Fig. 6 - De um manifesto colado nos muros de Berlim em 1994 (Zygmunt Bauman-Entrevista sobre a Identidade, 2003:29)

Como vimos no capítulo anterior, as nossas identidades são múltiplas, mutáveis e fluidas, nada em nós é sólido, estático e permanente, somos um e somos tantos, somos diferentes. É possível então vivermos juntos com tanta diversidade?

Como afirma Dominique Wolton (2004:9) em *A outra globalização*, “O mundo transformou-se numa aldeia global no plano técnico, mas não no plano social, cultural e político”.

Existe, além de uma globalização econômica e política, um sentido do termo que é essencialmente cultural e que permite pensar e organizar a coabitação a nível mundial.

Uma ideia de globalização e de sociedades multiculturais é portanto algo que não define apenas a internacionalização das trocas econômicas, mas impõe uma conceitualização

da vida social e individual completamente oposta à que se viveu até há alguns anos, a substituição por uma nova visão do universo, do modelo do mundo clássico do Estado-Nação, um modelo clássico baseado essencialmente no papel do indivíduo como membro de uma coletividade, de uma sociedade de que ele, forçocamente, faz parte.

Com as crises que todos os países se encontram a atravessar, os indivíduos reconhecerem-se a si próprios socialmente como cidadãos e como trabalhadores tem sido cada vez mais difícil. Quanto mais aumenta a dificuldade de se reconhecer num papel essencialmente social, mais aumenta um reconhecimento singular, uma definição do indivíduo com base na sua etnia, religião, fé, género e costumes. O afastamento forçoso do indivíduo do âmbito social leva inevitavelmente a concepções, de si próprio e do outro, completamente fechadas e estereotipadas. Não podemos mais ser definidos pelo que fazemos no interior da sociedade e pelo nosso modo de agir, por isso, somos definidos exclusivamente pelo que aparentamos ser e pelo que representamos.

Retomando o episódio da entrega da *laurea honoris causa* a Bauman, a decisão final sobre qual devesse ser o hino nacional mais justo a ser tocado veio de uma interessante sugestão da sua esposa. Ela sugeriu que se tocasse o hino europeu. De facto, Bauman poderia não se sentir já polaco, não se sentir completamente inglês, mas certamente era e sentia-se um cidadão da Europa. Tinha nascido na Europa, vivia na Europa, trabalhava na Europa, pensava e agia como um europeu e sobretudo, refere ele: “A tutt’oggi non esiste un ufficio passaporti europeo con l’autorità di emettere o rifiutare un “passaporto europeo”, e perciò di conferire o negare il nostro diritto a chiamarci “europei” (Bauman, 2003:5).

Desenvolveram-se, ao longo dos anos, complexos sistemas de intercâmbios e trocas entre países de origem e países de acolhimento; qualquer que fosse a razão da diáspora temos assistido à circulação frenética de ideias, línguas, pessoas, mercadorias e laços familiares. Agregados que se desagregam, comunidades que se extinguem e línguas que deixam de ser faladas; novos agregados familiares que se constroem e novas identidades linguísticas que surgem.

As relações são difíceis quer para quem parte, quer para quem acolhe. O esforço de quem viaja e chega é proporcional ao esforço de quem acolhe e supostamente deveria integrar o outro. Na sua incapacidade de enfrentar o diverso, o país que acolhe cria mitos e medos profundos nos nativos, alastrando ideias erradas de perigo que, no melhor dos casos, só podem deixar espaço a uma triste assimilação. “Denominatore commune al modo in cui si guarda lo straniero-altro-immigrato è la paura” (Panarello, 2015:49). Partindo de uma ideia de etnocentrismo, os países de acolhimento só têm conseguido pôr em prática um

absurdo sistema de assimilação. Demonstrando-se disponíveis, aceitavam o recém-chegado que, por sua vez, quase como forma implícita de agradecimento, passava a sua inteira vida a tentar ser o mais possível parecido com quem o tinha acolhido. Quase como se ele não tivesse alguma origem, não falasse nenhuma outra língua e não tivesse nenhum laço pré-existente. Ajudados neste processo de anulação pela falta que havia de meios de comunicação e circulação de ideias, o emigrante parecia convencer-se a si próprio de que esse era de facto o único caminho a percorrer, parecia quase esconder os seus traços característicos, para tentar ser aceite e não ser reconhecido como diferente. O objetivo era tornar-se *similis*, afastando-se do seu verdadeiro eu, cortando laços que o prendiam à sua vida passada, sem possibilidade de deslocar-se com facilidade, de comunicar através de todos os meios que hoje existem ao alcance de quem está longe em qualquer parte do mundo.

Como alternativa a esses processos, defende-se hoje uma integração das populações em diáspora, que se enquadra definitivamente de forma mais correta numa ideia de multiculturalismo: inserção de quem chega na sociedade de acolhimento, com pleno reconhecimento das suas diversidades e bagagem cultural e, por sua vez, um respeito profundo e uma vontade de conhecer e confrontar-se com todos os aspetos da sociedade acolhedora. Percebe-se assim como o processo de partida e chegada deve implicar um esforço de todas as partes envolvidas para atingir um objetivo comum: considera-se este o ciclo perfeito do multiculturalismo, em que ambas as partes resultam enriquecidas pelos contributos aportados.

É a partir deste processo de intensas inter-relações estabelecidas a partir das migrações transnacionais em um ambiente multicultural que se almeja uma forma harmônica de coexistência do fator humano multicultural. Para isso, é necessário defender a liberdade como um valor fundamental; a liberdade de escolha cultural deve incluir o direito de optar por uma cultura ou por várias culturas. Corresponde, grosso modo, a uma universalização, em enorme escala, dos modos peculiares de vida – formas culturais, grupos étnicos e religiões –, cujas consequências imediatas fazem-se sentir e influenciar nos locais mais diferentes e distantes do planeta.

(Ramos, 2013:90)

Compreender-se e aceitar-se um ao outro não é um processo natural, mas é fruto de um consciente esforço que luta contra o individualismo e o desejo de isolamento. Bauman (2003), falando de “nichos culturais”, considera absurdo que um indivíduo não se sinta em harmonia com as diversidades e continue a fechar-se em si próprio, sobretudo num contexto histórico de uma Europa como nós a conhecemos, constituída por nações em que nenhuma delas é composta por apenas um único povo, uma única etnia e uma única cultura; onde a

multiculturalidade se torna um símbolo de uma identidade europeia. Existe a forte tendência nos indivíduos a manterem-se de certa forma isolados, fechados num nicho protegido, quase como se tivessem medo de que o contacto de um “eu” com um “outro” pudesse resultar em algo perigosamente híbrido. Quando se refere o termo hibridismo, a mente evoca uma visão do seu sentido negativo originário de anómalo (pensamos por exemplo no mundo animal e nos estudos de Darwin), isto é, o resultado de um cruzamento de raças que leva inevitavelmente a uma degenerescência racial, violando todas as leis naturais. Este conceito contrasta fortemente com a ideia de hibridismo como deveria ser visto hoje, como algo positivo, um sincretismo, uma miscigenação e uma transculturação, como uma grande riqueza, algo que “consiste em um tipo de mescla que renova a cultura, produzindo novos sentidos” (Kern, 2004).

Num mundo globalizado e multicultural, torna-se essencial pensar em termos de educação planetária, como definida por Panarello (2015). Uma nova educação que tenha como referência uma nova forma de ser cidadãos, que esteja aberta para a cultura do outro e pronta a enfrentar o híbrido, portanto, uma educação para a interculturalidade: um olhar intercultural sobre o mundo, uma educação para a cultura que se encontra “inter”, isto é, em movimento e em relação com todas as outras.

No entanto, a situação do emigrante foi enfrentada, até agora, apenas com base nas seguintes lógicas:

della sottrazione, che tendeva a rimuovere o ignorare le differenze al fine di ricercare una radice comune, ad esempio l’universalismo;
dell’addizione, che prevedeva il riconoscimento delle differenze e il loro accostamento entro una comune cornice di regole procedurali di convivenza;
della tolleranza, intesa come sopportazione della diversità;
dell’assimilazione, intesa come assorbimento dell’alterità;
del melting point, inteso come fusione delle differenze;
della segregazione, che prevedeva la separazione delle diversità;
dell’eliminazione dell’alterità.

(Panarello, 2015:27)

Da subtração, adição, tolerância, assimilação, *melting point*, segregação e eliminação, passamos hoje para uma perspectiva intercultural que se baseia essencialmente numa troca constante de ideias, normas, valores e significados. Um diálogo intercultural que consegue travar todas as separações étnicas, religiosas, linguísticas e culturais, uma educação que consegue oferecer aos indivíduos uma nova *forma mentis* para saberem enfrentar a nova realidade.

Para uma consolidação do discurso intercultural contribuíram certamente o Conselho de Europa e a UNESCO

In particolare l'UNESCO si rivolge agli Stati, ai vari organismi e alle istituzioni facendo alcune raccomandazioni che riguardano:

- a) la creazione di un "Osservatorio mondiale della diversità culturale";
- b) l'educazione all'intercultura e la promozione del dialogo interculturale e interconfessionale;
- c) l'attuazione di politiche nazionali che incoraggino il multilinguismo e la diversità linguistica.

(Panarello, 2015:77)

2.3 MONOLINGUISMO E PLURILINGUISMO: DE BABEL A PENTECOSTES

Tutta la terra aveva una sola lingua e le stesse parole. Emigrando dall'Oriente gli uomini capitarono in una pianura [...]. Poi dissero: "Venite, costruiamoci una città e una torre, la cui cima tocchi il cielo e facciamoci un nome, per non disperderci su tutta la terra". Ma il Signore scese a vedere la città e la torre che gli uomini stavano costruendo. Il Signore disse: "Ecco, essi sono un solo popolo e hanno tutti una lingua sola; questo è l'inizio della loro opera e ora quanto avranno in progetto di fare non sarà loro impossibile. Scendiamo dunque e confondiamo la loro lingua, perché non comprendano più l'uno la lingua dell'altro". Il Signore li dispersse di là su tutta la terra ed essi cessarono di costruire la città.

(Genesi 11, 1-8)



Fig. 7 - Torre de Babel, por Peter Bruegel

Em todos os capítulos anteriores, é possível encontrar, quase como pano de fundo, uma ideia de plurilinguismo subjacente a cada elemento analisado. Falando de plurilinguismo, recuamos até dois mitos bíblicos e significativos. Babel e Pentecostes. Qual o sentido linguístico de Babel? O episódio bíblico, reportado no início deste capítulo, torna evidentes alguns fundamentos próprios da natureza humana. O plurilinguismo pós-Babel é a constatação da dificuldade da compreensão entre os humanos. Com Babel, o plurilinguismo “viene riconosciuto nella sua esistenza e considerato un tratto intrinseco alla condizione umana” (Vedovelli, 2010:24). Babel representa a metáfora do medo de não entender, de não se fazer entender, com o risco consequente do conflito. Um conflito que não nasce por falta de diálogo, mas pela falta de compreensão no diálogo. Falar e não

entender, usando línguas diferentes, portanto não entender o outro e chegar ao conflito. O outro, o estrangeiro, é o portador de uma outra língua, estranho perante as nossas formas identitárias e visto portanto como um inimigo. As línguas com Babel são uma maldição e um sinal da imperfeição humana.

Perante Babel, do lado oposto, há o Pentecostes, outro episódio sacro do Novo Testamento, também metáfora de um aspeto da condição linguística da nossa civilização.

Mentre il giorno di Pentecostes stava per finire, si trovavano tutti insieme nello stesso luogo. Venne all'improvviso dal cielo un rombo, come di vento che si abbatte gagliardo, e riempì tutta la casa dove si trovavano. Apparvero loro lingue di fuoco che si dividevano e si posarono su ciascuno di loro; ed essi furono tutti pieni di Spirito Santo e cominciarono a parlare in altre lingue come lo Spirito dava loro il potere d'esprimersi.

(Atti degli Apostoli 2, 1-11)



Fig. 8 - O Pentecostes, por El Greco

Desta vez, trata-se da apresentação de uma dádiva divina, quase um sinal de reconciliação de um conflito, de uma pacificação entre os homens. Os Apóstolos, para poderem ir entre os povos e espalhar o verbo divino, precisam de saber falar as línguas dos outros, facto esse que representa um sinal fundamental: a ideia de que os outros têm de ser ouvidos e percebidos e de que é essencial fazer com que também nos entendam. O Pentecostes é entendido, portanto, como algo que foca a existência de diferentes línguas e a sua aprendizagem como elemento fundamental para a compreensão e o respeito entre os

povos do mundo. O medo transforma-se numa tentativa de evitar conflitos, num esforço de reconciliação e numa vontade de entrar em contacto com os outros num espaço de encontro. A pluralidade das línguas torna-se o sinal de uma reconciliação: a dádiva da conquista do sentido na pluralidade dos idiomas. O verdadeiro sucesso está na tentativa de evitar o conflito, de conseguir substituí-lo com a palavra que pode utilizar todos os instrumentos semióticos e todas as línguas à disposição do ser humano, é um sinal de demonstração de atenção para com os outros. Pode-se portanto dizer que “tra Babele e Pentecoste è iscritto, dunque, il destino linguistico della nostra civiltà, nelle sue scelte, nei suoi percorsi e obiettivi” (Vedovelli, 2010:31).

Estes dois mitos continuam a conviver sincronicamente, estão sempre presentes, e, de facto, uma ideia de plurilinguismo que nos parece óbvia, nunca pode ser dada por certa, mas “deve essere sempre considerata come oggetto di un impegno, frutto di una conquista nella quale investire risorse etiche personali e valori civili collettivi” (Vedovelli, 2014:228).

Apesar dos constantes apelos para uma educação plurilingue e dos resultados mais que positivos da investigação sobre as suas vantagens e dos passos em frente que se têm dado, os países ainda estão longe de poder ser definidos como nações plurilíngues.

De facto, como afirmado por Balboni in *Scuola e Lingue moderne* (1997), a percepção do problema difere notavelmente entre especialistas e leigos. Para estes últimos o problema do plurilinguismo é sentido como uma complicação: todos acham que a pluralidade de culturas seja um grande valor, mas que a pluralidade de línguas representa um cansaço que se poderia muito bem evitar. Para os linguistas e sociolinguistas, ao contrário, a diversidade linguística é o elemento essencial da preservação da diversidade cultural (*Apud* Balboni, 2012).

Continuamos a estar perante dois polos, duas ideias que desde sempre se observam com a devida distância, continuando a conviver em todos os âmbitos da sociedade. Para continuar na descodificação dos mitos referentes ao monolinguismo e plurilinguismo, podemos citar o dos “espaços cerebrais”, com base no qual a nossa mente é vista como a memória de um computador e a língua como um *software* que ocupa uma enorme quantidade de memória. Portanto, introduzir uma segunda língua neste sistema, ou até mais do que uma, significaria obstruir a memória sacrificando todo o resto. Trata-se obviamente de uma ideia completamente privada de qualquer suporte neurológico e neurolinguístico, mas que é, apesar disso, largamente difundida. Há outra afirmação (vinda dos leigos de que se falava há pouco) pela qual a junção de uma ou mais línguas representa o risco de “poluir” a língua materna, quando os linguistas, investigadores no âmbito do bilinguismo, afirmam

exatamente o contrário (Bordon e Zanon, 2013). Existe também o convencimento de que o esforço que se aplica na aprendizagem de novas línguas possa diminuir a possibilidade de enriquecimento da língua materna. A este propósito podemos recorrer à metáfora, ilustrada por Marcel Danesi (1992), ligada às temáticas do bilinguismo. Para desmentir as afirmações acima reportadas, recorrem à metáfora do *iceberg*. O *iceberg* é composto por uma enorme massa invisível que se encontra por baixo da água e apenas uma parte emerge à superfície. O *iceberg*, na metáfora, representa a faculdade de linguagem e o que emerge da água é o conhecimento de uma língua. No caso do plurilinguismo, o *iceberg* emerge com várias pontas, uma maior (a língua materna) e outras mais pequenas (a L2, ou a L3). O observador superficial consegue ver apenas várias ilhas de gelo separadas e, dado que uma (a da língua materna) domina todas as outras, é inútil gastar a atenção com as menores. Na realidade, o observador mais atento (que também imerge nas águas profundas) nota que, quando se quer juntar gelo a qualquer uma das pontas na superfície, na realidade tem de se trabalhar arduamente a nível dos processos de fundo, isto é, trabalhar no bloco comum submerso que segura todo o *iceberg* visível à superfície.

À luz do acima referido, uma abordagem plurilingue não é apenas aconselhável, mas representa neste momento a única solução para poder reconhecer o valor de uma identidade comunitária. Não precisamos de uma globalização das mentes, mas de uma realidade que possa tomar forma através da diversidade dos pontos de vista, dos modos de concetualizar o mundo real, da definição do sentido das coisas e, sobretudo, da pluralidade das línguas. Seria fantástico poder imaginar um mundo em que não exista nenhuma língua que domine sobre outras, em que não exista uma defesa exaustiva e absurda de uma língua perante o desaparecimento de outras, um mundo em que todos pudessem acrescentar um tijolo à Torre ou receber a dádiva de uma nova língua.

Mas receber uma língua de fogo, como no Pentecostes, de nada serve se não se tem nada para dizer. É importante lembrar sempre de que as línguas por si só não são nada e nada significam, como afirma Balboni (2012):

Uno stupido che sa tre lingue è stupido in tre lingue diverse!

3. ENCONTROS NO MUNDO GLOBALIZADO

3.1 INTEGRAÇÃO LINGUÍSTICA DOS MIGRANTES – DOMÍNIOS E NECESSIDADES

È necessario avviare un grande progetto di politica linguistica, capace di mettere insieme le migliori forze del mondo della cultura, della formazione e dell'economia (...), di trasformare la variazione e la varietà linguistica da presunto limite a risorsa (...) e di riconoscere il patrimonio di plurilinguismo che è disponibile alla nostra società grazie alle lingue immigrate.

(Vedovelli, 2014:32)

Fechamos o capítulo anterior falando de educação para a interculturalidade e certamente, neste âmbito, a formação linguística dos emigrantes tem um papel importante. O conhecimento da língua é um fator fundamental para favorecer as relações e a comunicação entre o emigrante e a sociedade que o acolhe. Conhecer a língua do país em que se vai viver facilita a possibilidade de acesso a várias oportunidades, a trabalhos mais qualificados, sem contar a possibilidade de poder participar na vida pública e social.

Vedovelli (2010) estuda os contextos sociais em que o emigrante está inserido e nos quais são produzidas as solicitações às suas competências linguístico-comunicativas. É neste âmbito que se formam as suas necessidades e se revela o seu uso da língua. É possível individuar toda uma série de macro áreas de atividade, que o Conselho de Europa (2001) define como domínios (pessoal, público, profissional e educativo): acolhimento, processos de regularização, trabalho, habitação, saúde, assistência, formação, socialização e tempo livre. A língua serve para ele poder regularizar a sua chegada ao país estrangeiro, para procurar trabalho e depois diretamente no desenvolvimento das suas funções. Ele necessita procurar uma casa, levar os filhos ao médico quando eles adoecem, pedir assistência a todos os níveis, poder frequentar as escolas locais e poder-se formar até aos níveis desejados. Deve também poder socializar com os cidadãos nativos, criar relações, amizades e portanto não se sentir sempre estrangeiro em terra estrangeira, mas cidadão no meio de outros cidadãos. Sabemos que, antes de mais, é necessário que o emigrante faça testes formais de certificação para poder obter a cidadania (quando o desejar) ou simplesmente a permissão de residência (a não ser que se trate de migração ilegal).

Nas fases iniciais da aquisição da nova língua, a autonomia comunicativa dos migrantes é muito limitada, de facto ainda não conseguem gerir sem muitas dificuldades as situações da sua vida quotidiana e a inserção de testes formais como requisitos linguísticos

pode trazer vários riscos. Em primeiro lugar, este tipo de certificação poderia, com muita facilidade, assumir uma imprópria função de contenção dos fluxos migratórios e penalizar a parte menos escolarizada da imigração. Em segundo lugar, poderia desviar a atenção do problema maior, o da implementação de ações formativas linguísticas para favorecer a integração, sem considerar que, além do mais, a utilização da certificação para poder adquirir direitos fundamentais para a vida de um ser humano, demonstra um uso exclusivamente político da mesma (Rocca, 2008). Provavelmente estas certificações formais não foram pensadas tendo em conta as necessidades reais destes indivíduos (os domínios de que se falava antes), nem das situações práticas que todos os dias eles são chamados a resolver. Parecem mais pensadas para cidadãos europeus, com um grau de escolarização suficiente, que apenas têm intenção de permanecer por um certo período de tempo no país acolhedor, por razões de turismo, de estudo, de trabalho, etc. No entanto a maioria da emigração não tem estas características e a maioria dos emigrantes não responde a este perfil de aprendente (Grego Bolli, 2013). É necessário, evidentemente, pensar em novas formas alternativas de avaliação linguística, estudadas de propósito para um contexto migratório. O grupo de estudo LAMI (Language Assessment for Migrant Integration), o LIAM (Linguistic Integration of Adult Migrants), conjuntamente com o Conselho de Europa, em 2008 elaboraram uma série de linhas orientadoras para a produção de testes linguísticos em contexto específico de migração: *Language tests for social cohesion and citizenship*. Talvez pela primeira vez, refletiu-se sobre as consequências de certificações formais para o emigrante e tentou-se planificar as coisas de forma a minimizar o impacto que tais certificações podem causar. Não se deve, por exemplo, esquecer que, como referido por Grego Bolli (2013), em algumas culturas, o facto de não superar um exame assume uma importância crucial a nível social, chegando a rebaixar o estatuto do indivíduo no interior da sua comunidade e deste modo, todas as suas capacidades irão ser, provavelmente, subestimadas, comprometendo a sua integração.

O documento acima referido preocupa-se essencialmente em averiguar que tipo de avaliação é necessária para os fins pretendidos por aquele específico candidato, o que pode dele ser esperado, o que deve ser de seguida tido em conta, ou o que, de facto, não interessa e não tem relação com a vivência do sujeito em causa. A Universidade de Perúgia, através do seu Centro de Certificação, tentou alcançar esses objetivos, realizando questionários e inquéritos, através dos quais se estudou aprofundadamente a estrita relação entre o conhecimento linguístico e a inserção no âmbito social e de trabalho, tentando mostrar como os maus resultados da certificação teriam impactos negativos sobre a qualidade de vida do

emigrante. Também foi apresentado um questionário aos professores dos cursos de língua para migrantes, tentando perceber se a sua preparação era adequada aos objetivos e como eles entendiam o binómio curso/testes, que nível de conhecimento tinham dos alunos migrantes e de que forma tudo isso influenciava a atitude deles perante o migrante.

O acesso e a permanência do emigrante, portanto, são avaliados nos seus significados reais e metafóricos. Um acesso visto como primeira entrada no país acolhedor, mas também um acesso entendido como uma chave social, para poder abrir as portas para a sua integração. A possibilidade para o migrante de poder aceder, como já referido, a percursos formativos e, por fim, mas não certamente menos importante, o acesso à sua voz, representam o direito ao seu papel de ator e construtor da sua nova amálgama linguística e cultural.

Em conclusão, de acordo com Rocca, 2010, o percurso ideal a seguir, para chegar, no fim à certificação linguística em contexto de migração seria o seguinte:

1. Analisi dei bisogni
2. Combattere drop-out
3. Lavorare sulla motivazione
4. Creare percorsi ad hoc
5. Formazione specifica insegnanti
6. Costruire test ad hoc
7. Assicurare adeguate procedure di controllo della qualità
8. Studiare l'impatto

É possível individuar toda uma série de macro áreas, âmbitos de experiência, de conhecimento e socialidade em que o cidadão migrante se encontra a interagir de um ponto de vista comunicativo. Como já mencionado, esses domínios são relativos ao acolhimento, aos processos de regularização, ao trabalho, à habitação, à saúde, à assistência, à formação, à socialização e ao tempo livre. Alguns destes domínios interessam apenas a alguns migrantes, outros variam em função das condições que os caracterizam. O acolhimento representa um âmbito dominado pelas escolhas da sociedade, a regularização não diz respeito aos clandestinos, enquanto a habitação, o trabalho, a socialização e o tempo livre representam componentes essenciais em qualquer processo migratório. Cada migrante deveria ser posto em condições, de um ponto de vista linguístico, de poder enfrentar cada domínio de interesse, numa situação de equilíbrio, a ter em conta no seu processo formativo.

Existe uma hierarquia entre os vários domínios de interesse e certamente alguns têm maior relevância que outros. Nesta perspetiva, é certo que o trabalho se encontra em primeiro lugar, atraindo sobre si toda uma série de outros domínios.

A cada macro área está associada uma série de atividades, não necessariamente puramente linguísticas, mas que são obviamente caracterizadas por ações comunicativas, necessárias para o seu cumprimento.

MACRO ÁREAS	ARTICULAÇÃO DAS NECESSIDADES
Acolhimento e Regularização	<ul style="list-style-type: none"> • Encontrar um lugar no qual possam ser ouvidos e orientados; • Localizar um ponto de informação; • Apresentar o pedido de regularização • Preencher os documentos necessários; • Obter os documentos indispensáveis para obter a permissão de residência
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Procurar um trabalho para o sustento; • Inserir-se socialmente no local de trabalho; • Adquirir léxico especializado no âmbito do trabalho;
Habitação	<ul style="list-style-type: none"> • Encontrar um alojamento provisório; • Encontrar um alojamento definitivo (sobretudo em vista de um reagrupamento familiar); • Adquirir instrumentos e competências para uma adequada gestão da casa;
Saúde e assistência	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a mapa do território em que se encontram; • Localizar os serviços presentes no território; • Adquirir as modalidades para poder usufruir dos serviços; • Adquirir, por conseguinte, a terminologia específica;
Formação	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Localizar os cursos de língua de acolhimento; • Conciliar os horários dos cursos com os horários do eventual trabalho; • Ter a possibilidade de abandonar e recomeçar os percursos formativos por várias exigências; • Adquirir competências comunicativas verbais e não-verbais; • Aprender a conhecer a cultura do país de acolhimento; • Poder exigir o reconhecimento dos títulos e das competências adquiridas; • Formação estritamente profissional;
Socialização e tempo livre	<ul style="list-style-type: none"> • Entrar em contacto com nativos e também com conterrâneos; • Entrar em contactos com os meios comunicativos de massa; • Localizar lugares de agregação quer com os nativos, quer com os conterrâneos; • Alargar cada dia as relações interpessoais com os nativos e os conterrâneos;

Esquema reproduzido e traduzido a partir de Vedovelli, 2010:155

Todos os domínios e as suas necessidades passam por um conhecimento linguístico que, muitas vezes, representa uma difícil escolha para o migrante, mas que acaba por ser a única chave de acesso para o ingresso na nova sociedade. Quanto mais a língua de

acolhimento for segura e compreensível, tanto mais ele descobrirá confiança nas suas capacidades, conseguirá responder de forma positiva à sua formação profissional, poderá desenvolver a ideia de que a língua seja fácil de aprender, sobretudo em relação às suas capacidades e às suas necessidades. O primeiro objetivo da formação linguística é o de conseguir que o migrante saia do enclausuramento voluntário de que se falou nos capítulos anteriores, pondo-o em condição de saber, transformá-lo então num sujeito social ativo, que possa estar em condições de tomar as suas decisões (Vedovelli, 2014).

Para acabar esse capítulo, parece-me importante ilustrar uma nova iniciativa que nasceu recentemente na cidade de Roma. Trata-se de uma escola para aprender italiano, aberta a todos os estrangeiros que sentem a necessidade de aprender a língua de acolhimento. Nasceu graças à iniciativa de Eraldo Affinati, escritor e docente, nascido em Roma onde vive e trabalha. Junto com a sua esposa, Anna Luce Lenzi, fundou a “Penny Wirton di Roma”, uma escola gratuita de italiano para imigrantes. Nesta escola não existem notas nem registos e é completamente gratuita para todos. Nasceu no coração de um dos bairros mais populares e populosos da cidade, Garbatella, numa estrutura que acolhia antigamente casas de banhos públicas. Aqui chegam pessoas de todas as idades, muitas vezes jovens, que se encontram em Itália e sem família. São acolhidos por professores que os acompanham no seu percurso de integração e aprendizagem e que trabalham de forma completamente gratuita, um exército de “voluntários linguísticos”, que se estão a tornar, pouco a pouco, um exército de salvação para os milhares de imigrantes estrangeiros em Itália.

“Accoglienza” e “integrazione” sono parole a rischio di svuotamento, come tante altre già svuotate di senso: ma l’esperienza Penny Wirton, senza bisogno di pronunciarle, le rende vive.

(Do *site* de Eraldo Affinati – Escola Penny Wirton de Roma)

3.2 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E MIGRAÇÕES

Les politiques linguistique que les Etats membres mettent en place pour les migrants adultes ont d'abord à s'inscrire dans le cadre tracé par les finalités assignées à ces dispositifs d'accueil. Ces principes ne peuvent être interprétés ici que comme ceux généraux, du Conseil de l'Europe: promotion des droits de l'homme, de la démocratie pluraliste, de l'Etat de droit, des actions en faveur de la cohésion sociale.

(Conselho de Europa – ILMA – Intégration Linguistique des Migrants Adultes)

Em primeiro lugar, salienta-se a ampla esfera de ação das políticas linguísticas, que se apresentam como largamente multidisciplinares, associando-se de forma significativa às políticas educativas e, por conseguinte, à política científica, social e cultural de um país. Desde a sua instituição, quer a União Europeia, quer o Conselho de Europa se ocupam de educação linguística, multilinguismo, plurilinguismo e política linguística. Ao longo dos anos foi produzida uma enorme quantidade de documentação, programas e inquéritos que testemunham o grande interesse pelas línguas e por todos os instrumentos e as novas modalidades para a sua aprendizagem no interior da Europa, uma Europa que, porém, alterou profundamente o seu perfil. Os resultados desta densa legislação têm repercussões práticas, afetando todos os níveis da sociedade: os estados, as comunidades locais, as famílias e os indivíduos. Ela tem apenas um poder propositivo, cabendo depois a cada estado a decisão sobre que tipo de educação e instrução linguística pôr em prática no interior do seu território, com base na realidade intrínseca de cada país.



Fig. 9 e 10- Logotipo da União Europeia e do Conselho de Europa

Para a União Europeia e para o Conselho de Europa, um dos objetivos prioritário é a diversidade linguística, como valor a defender e promover. As políticas postas em prática até agora visam proteger e promover esta diversidade, quer por razões de identidade cultural, quer porque se considera que uma sociedade multilingue seja neste momento o único

modelo a seguir, estando também em causa a promoção dos direitos humanos e da democracia. Nesta ação política e cultural não fica à sombra o aspeto linguístico que se torna cada vez mais importante, presente e visível: a presença das línguas maternas e étnicas dos milhares de imigrantes que se estabelecem em novos territórios. Não é possível, de facto, ignorar esse fenómeno, esperando que naturalmente aconteça algo que as faça desaparecer ou pensar apenas que possam ser as próprias comunidades a organizar-se autonomamente e resolver todos os problemas existentes para a salvaguarda das suas línguas de origem.

Vimos, nos capítulos anteriores, a profunda ligação entre língua e identidade e, com base nisto, as instituições europeias e as suas políticas linguísticas devem constantemente proceder a uma análise das novas comunidades de fala, à luz da nova realidade ligada às migrações.

Como é que eles vão conservar a sua identidade cultural e linguística?
Quais as possibilidades de contacto com a sua comunidade de origem?
Como é feito o esforço de integração na comunidade / no país de acolhimento?
Esse esforço de integração é feito pela aprendizagem da língua e/ou da cultura linguística?
Qual o impacto da integração nas gerações seguintes?

(Catarina Gaspar, *slide* apresentado no Seminário de Multilinguismo e Políticas Linguísticas, 2015)

Estas perguntas representam a chave de um caminho direccionado para uma correta análise e para propostas resolutivas das comunidades migrantes. Se é verdade que a língua é cultura e que a cultura é a identidade de um povo e dos indivíduos, é necessário partir daí para proceder no sentido de uma conservação eficaz das várias identidades presentes num território. Para o emigrante, por vezes, a ligação com a sua língua representa a sua sobrevivência numa terra estrangeira, lembrar-se e saber quem foi e quem é agora, é a única possibilidade de se tornar num novo cidadão. Esta consciência do emigrante passa por uma competência linguística suficiente que possa representar o elo de coesão entre as várias culturas. “Facilitating intercultural dialogue through the learning of other languages is a key factor in the promotion of social inclusion” (Civil Social Platform on Multilingualism (2011). O migrante quer sentir-se integrado e sabe que só o pode ser completamente aprendendo a língua. Uma aprendizagem que começa na língua mas que, com o passar do tempo, abrange todos os aspetos da nova sociedade e da nova gente. Uma aprendizagem dos costumes, dos hábitos familiares e públicos, dos espaços públicos, dos procedimentos burocráticos, aprender o valor social da gastronomia, da literatura, tudo o que permita ao

migrante mover-se no novo país e sobretudo sentir-se um elemento social ativo e participante.

É evidente que, no que diz respeito às políticas linguísticas, as coisas não são tão simples quanto possam parecer. Nem sempre é fácil traduzir linhas orientadoras em concreta legislação aplicável, também pelo facto de elas próprias serem embebidas de cultura. A língua é algo de diferente para pessoas diferentes e as políticas linguísticas são, às vezes, vagas, insuficientes e pouco percebidas, não conseguindo abranger todas as realidades presentes num determinado território, se considerarmos também o facto de que as políticas linguísticas têm defendido por muito tempo os interesses dominantes e não os interesses minoritários, sobretudo nas sociedades ocidentais (Ricento, 2006).

Hoje em dia o direito à própria língua é considerado um direito humano: em 1945 a Carta das Nações Unidas proclama o respeito dos direitos humanos, as liberdades fundamentais, a igualdade e a ausência de discriminação. Em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos (art. 2/1) inclui as línguas como um dos critérios para uma possível discriminação. Spolsky (2004) afirma que a mera existência de uma gestão linguística, sugere uma incongruência entre o estado das coisas desejado e o atual. Poderão portanto as políticas linguísticas ter esperança de sucesso? Os otimistas pensam que sim, os pessimistas dizem que a língua é um fator fora de qualquer controlo. Apresenta-se, de seguida, uma série de citações retiradas dos *websites* de várias instituições europeias que se ocupam das línguas e dos migrantes. Já citámos, obviamente, o Conselho de Europa e, no seu interior, opera o Centre Européen pour les langues vivantes du Conseil de l'Europe:

Il y a maintenant en Europe plus de 50 millions de gens vivant dans autre pays que celui où ils sont nés. L'éducation aux langues, en particulier l'apprentissage de la langue du pays d'accueil, a un rôle majeur à jouer pour aider les migrants jeunes et adultes à s'intégrer dans les systèmes d'éducation, le marché de l'emploi et la société en général. Ce qui, en retour, facilite la création d'une Europe socialement plus cohésive. Le CELV propose un certain nombre de publications et de projets liés à la migration et à l'éducation aux langues.

Foi também já mencionado o LIAM (Linguistic Integration of Adult Migrant), em francês ILMA (Intégration Linguistique des Migrants Adultes):



Fig. 11 – Logotipo do LIAM

L'acquisition et l'évaluation de compétence de communication dans la ou les langues du pays d'accueil jouent un rôle fondamental dans la réponse aux défis posés par la migration et à l'intégration des migrants dans la société d'accueil. Le projet ILMA a été lancé avec l'objectif de fournir aux Etats membres les moyens de répondre à leurs besoins en termes d'offres de formation en langues et d'évaluation, dans le respect de valeurs partagées, en tenant compte des besoins différenciés des migrants.

A nível nacional, o Governo Português criou o Alto-Comissariado para as Migrações (ACM) que se ocupa da integração dos migrantes não apenas de um ponto de vista linguístico, mas pondo em ação toda uma série de políticas nos vários âmbitos: viver, estudar, trabalhar, empreender e aprender, que visam a uma cada vez maior integração dos cidadãos migrantes. Pedro Calado, Alto-Comissário para as Migrações, na sua carta de bem-vindo ao *website* do Alto-Comissariado, escreve:

Portugal é, desde há muito tempo, um país de chegadas. Esta nossa vocação, reforçada no início do século XXI, tem-nos colocado na liderança das melhores políticas de integração daqueles que escolheram Portugal para viver. Contudo, a última década tem-nos trazido novos desafios globais que as migrações encerram. À missão da integração dos imigrantes, acresceu a inclusão de novos cidadãos portugueses, bem como a ligação e o apoio aos nossos cidadãos portugueses não residentes que estão espalhados pelo Mundo. Por isso mesmo, o recentemente aprovado Plano Estratégico para as Migrações (2015-2020) vem estabelecer os alicerces de uma estratégia migratória mais abrangente. Uma estratégia que engloba imigrantes, emigrantes, luso-descendentes e novos cidadãos portugueses, muitos deles descendentes de imigrantes. Prestarmos serviços migratórios adequados a estes novos perfis tem sido um dos maiores projetos deste renovado Alto Comissariado. As migrações representam uma enorme oportunidade que Portugal tem sabido gerir de forma eficaz. Essa gestão, nomeadamente da imigração, tem sido reconhecida nacional e internacionalmente, sendo apontada, em muitos domínios, como uma prática a replicar em outros contextos.

Convido-vos, por isso, a conhecerem o trabalho desenvolvido pelo Alto Comissariado para as Migrações e pelos seus inúmeros parceiros públicos e da sociedade civil. Convido-vos, ainda, na vossa esfera de atuação quotidiana, a poderem contribuir para continuarmos a fazer de Portugal um país acolhedor, tolerante e inclusivo. Porque a

integração se faz, também, a partir de cada um(a) de nós. Sejam bem-vindos(as) ao website do Alto Comissariado para as Migrações.

Podemos fazer nossas as palavras de Pedro Calado, no sentido de nos empenharmos, como cidadãos, na construção de uma terra acolhedora em qualquer lugar, tolerante e inclusiva, para que não sejam as políticas linguísticas a influenciarem os comportamentos dos indivíduos, mas sim, o contrário.

3.3 PORTUGAL, DA EMIGRAÇÃO À IMIGRAÇÃO

É sobretudo na década de noventa que a sociedade portuguesa se apercebe colectivamente, da transformação do estatuto do país em relação aos fenómenos migratórios, ou seja, da sua passagem da condição de país de emigrantes para país de imigração.

(Reis, J. *et al.*, 2010:11)

Partindo desta afirmação, é possível traçar um breve quadro dos novos fenómenos migratórios em Portugal, para podermos depois entrar na última parte, dedicada à comunidade italiana. Os grandes processos supranacionais (geopolíticos, económicos e sociais), que têm vindo a interessar povos e culturas, transformaram muitas das características peculiares de cada país. Países que, até alguns anos atrás, eram considerados apenas países de acolhimento, no vórtice dos grandes fluxos migratórios dos últimos anos, passaram a ser vistos também como pontos de partida, podendo quase dizer-se que atualmente são verdadeiramente poucas as áreas do mundo que não estão abrangidas pelo fenómeno.

Voltando aos movimentos migratórios, uma particularidade portuguesa, se compararmos com os outros países do sul de Europa, diz respeito ao momento que pode ser considerado de viragem entre a emigração e a imigração, marcado pelo fim da guerra colonial e a independência das ex-colónias portuguesas em África, entre 1974 e 1976. Nessa altura regressaram a Portugal milhares de pessoas que viviam nos territórios ultramarinos, os denominados retornados, influenciando as vagas migratórias seguintes.

(Padilla e Ortiz, 2012:162)

Portugal, até meados dos anos 60 do século passado, era um país de emigrantes, sobretudo de emigrantes transoceânicos. A falta de oportunidades e a pobreza que reinava levaram milhões de portugueses a atravessar o Atlântico em direção ao Novo Mundo. Foram então milhares os portugueses que emigraram. Em 1975, devido às circunstâncias ligadas à Revolução dos Cravos, cerca de meio milhão de portugueses que vivia sobretudo em Angola e Moçambique regressou a Portugal, dando origem a um grande fluxo de imigração. Vieram para Portugal milhares de “retornados” provenientes das ex-colónias. Alguns anos depois, com a entrada de Portugal na CEE (1986), voltaram a sair grandes massas de trabalhadores nacionais para espaços europeus comuns, inaugurando uma nova etapa de mudanças. Nos anos 1990, com a crise da então União Soviética, volta-se outra vez a assistir a fluxos

migratórios de entrada em Portugal, com uma grande quantidade de cidadãos vindos dos países de Leste europeu.



Fig. 12 – Emigração portuguesa para o Brasil

Ao longo dos anos 1990, Portugal tornou-se, mais uma vez, um país de acolhimento, atrativo para os migrantes, à luz também da assinatura da Convenção Schengen, que criava um livre espaço de circulação europeu. Até àquele momento, os fluxos migratórios tinham sido essencialmente constituídos por membros dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Se os migrantes africanos ocupavam pela maioria postos de trabalho pouco qualificados, as novas vagas de emigração ocupam também lugares mais qualificados. De 1975 a 1980, a população estrangeira em Portugal passou de 32.000 para 58.000. Como vimos, o fenómeno migratório é relativamente recente em Portugal, encontrando, por isso, os governos bastante impreparados nesta matéria. Como afirmado por Padilla e Ortiz, 2012:167, “a legislação portuguesa foi e continua a ser reativa e não proativa, sendo simplesmente uma consequência do fenómeno, mas não uma política de antecipação e programação dos novos fluxos migratórios”.

Informações recentes do SEF (Serviços Estrangeiros e Fronteiras) e do INE (Instituto Nacional de Estatística) indicam que, em 2007 a população estrangeira legalmente residente em Portugal era de 435.736 cidadãos, entre os quais, por ordem decrescente, cabo-verdianos, brasileiros e ucranianos. O trabalho desenvolvido por Reis, Santos Pereira, Tolda e Serra, 2010 reporta algumas conclusões relevantes e informações determinantes relativas ao fenómeno migratório em Portugal. De facto, apesar de todas as novas realidades que o país se viu de repente chamado a enfrentar, pode-se dizer que o fenómeno interessa profundamente à economia portuguesa, visto a imigração constituir uma disponibilidade

ampla de trabalho, necessária para uma economia como a de Portugal, assente sobretudo na mão-de-obra. Dada a baixa taxa de dinamização a nível populacional de Portugal, a imigração tem representado também uma imensa riqueza, com o seu dinamismo demográfico no interior da população portuguesa, cumprindo o seu papel fundamental de revigorador da demografia.

Quadro 43. Factores de crescimento demográfico: Comparações internacionais (1995-2007)

	Saldo Natural		Saldo Migratório		Crescimento Demográfico	
	Nº	Média anual	Nº	Média anual	Nº	Var (95/07)
Alemanha	-1 381 149	- 106 242	2 060 383	158 491	679 234	1,0%
Áustria	40 065	3 082	348 376	26 798	388 441	4,5%
Bélgica	153 698	11 823	382 594	29 430	536 292	4,5%
Bulgária	- 573 552	- 44 119	- 213 628	- 16 433	- 787 180	-8,9%
Chipre	45 323	3 486	98 536	7 580	143 859	20,7%
Dinamarca	100 747	7 750	159 326	12 256	260 073	4,4%
Eslováquia	37 258	2 866	7 533	579	44 791	0,7%
Eslovénia	- 7 126	- 548	43 515	3 347	36 389	1,0%
Espanha	634 146	48 780	5 306 013	408 155	5 940 159	13,2%
Estónia	- 64 814	- 4 986	- 42 326	- 3 256	- 107 140	-7,3%
Finlândia	120 854	9 296	80 876	6 221	201 730	3,5%
França	2 605 997	260 600	1 212 259	121 226	3 818 256	9,8%
Grécia	7 260	558	611 451	47 035	618 711	5,4%
Holanda	738 710	56 824	242 567	18 659	981 277	6,1%
Hungria	- 495 446	- 38 111	204 147	15 704	- 291 299	-2,6%
Irlanda	361 994	27 846	441 724	33 979	803 718	19,9%
Itália	- 262 683	- 20 206	3 037 565	233 659	2 774 882	4,0%
Letónia	- 168 557	- 12 966	- 61 129	- 4 702	- 229 686	-8,8%
Lituânia	- 104 676	- 8 052	- 171 958	- 13 228	- 276 634	-7,1%
Luxemburgo	21 811	1 678	56 338	4 334	78 149	17,4%
Malta	16 499	1 269	15 450	1 188	31 949	10,4%
Polónia	142 356	10 950	- 607 312	- 46 716	- 464 956	-1,2%
Portugal	76 738	5 903	523 266	40 251	600 004	5,8%
Reino Unido	1 366 599	105 123	1 875 910	144 301	3 242 509	4,0%
República Checa	- 177 573	- 13 659	225 542	17 349	47 969	-0,4%
Roménia	- 528 074	- 40 621	- 665 741	- 51 211	- 1 193 815	-5,1%
Suécia	49 167	3 782	317 379	24 414	366 546	3,4%

Fonte: EUROSTAT (<http://www.europa.eu.int/comm/eurostat>)

Outro fator importante a considerar é que a nova vaga de imigração, sobretudo a que diz respeito aos últimos anos, tem sido caracterizada por uma difusão da população por todo o território português, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que o fluxo era concentrado essencialmente nas aglomerações das grandes cidades e sobretudo de Lisboa (Reis, Santos Pereira, Tolda e Serra, 2010). As novas vagas de imigração incluem também cidadãos com habilitações profissionais elevadas, que representam um fator de qualificação em muitos territórios, apesar de, muitas vezes, existir um grande “fosso” entre as habilitações e o desempenho que estas populações são chamadas a realizar, criando assim um processo de não reconhecimento que, além de realizar uma óbvia situação de exploração,

age negativamente sobretudo sobre a integração das novas populações no país de acolhimento. Regulamentar o uso indevido que as empresas fazem da mão de obra qualificada tornou-se, neste momento, um problema a resolver, dada a sua extraordinária difusão.

O fenómeno migratório em Portugal vem representando, como vimos, um fator de grande alteração e desenvolvimento, não apenas a nível económico e demográfico, mas também a nível social, dando um novo perfil a todos os membros das sociedades interessadas. Como afirmam Reis, Santos Pereira, Tolda e Serra, 2010-87:

As pessoas, os cidadãos que habitam o país, tornam-se um conjunto marcadamente mais plural, diferenciado e culturalmente complexo. As nacionalidades de origem alteram-se. Os territórios regionais, já de si diferenciados, ganham novas características. E as formas de regulação jurídica modificam-se, face à relevância que as realidades da imigração começam a assumir de forma incontornável.

Com base no Relatório SEF 2015, as nacionalidades mais representativas de população imigrante em Portugal são as seguintes:

- 1) Brasil – 82.580 = 21% da população estrangeira
- 2) Cabo Verde – 38.674 = 10% da população estrangeira
- 3) Ucrânia – 35.779 = 9% da população estrangeira
- 4) Roménia – 30.523 = 8% da população estrangeira
- 5) China – 21.329 = 5% da população estrangeira
- 6) Angola – 18.247 = 5% da população estrangeira
- 7) Reino Unido – 17.230 = 4% da população estrangeira
- 8) Guiné Bissau – 17.091 = 4% da população estrangeira
- 9) Espanha – 10.019 = 3% da população estrangeira
- 10) São Tomé e Príncipe – 9.546 = 2% da população estrangeira

Os cidadãos vindos de países da União Europeia representam mais ou menos 20% do total da população imigrante em Portugal, registando uma elevada concentração na área urbana de Lisboa e na Região do Algarve. Trata-se de uma população mais qualificada, ligada muitas vezes às dinâmicas turísticas ou de nível empresarial, cujo índice de escolaridade assume um valor superior à média. Neste grupo está incluída também uma parte dos cidadãos vindos de Itália que, como vai ser explicitado mais adiante, vieram para Portugal em situação de estudo e trabalho em vários setores de atividade.

À luz das reflexões acima apresentadas, cada um de nós deveria considerar-se uma pessoa afortunada por fazer parte de uma coletividade que pode ainda acolher imigrantes, uma coletividade que tem a sorte de viver em ausência de guerra, de poder trabalhar e sustentar as suas famílias e de poder viver numa terra que cresce e se desenvolve, sem dúvida, graças também ao contributo de tantos povos e de tantas culturas que nela coabitam.

Para concluir esta primeira parte da dissertação, considerou-se importante apresentar um testemunho vivo de alguém que, apesar de tanto racismo e de tantos estereótipos de que foi alvo, nunca deixou de se considerar um homem de sorte, por viver e por poder crescer os seus filhos na terra que escolheu como seu novo berço.

4. UM OLHAR DE PERTO

4.1 APRESENTAÇÃO

Kossi Komla-Ebri nasceu no Togo em 1954, diplomou-se em França e mudou-se depois para Itália, onde se licenciou em medicina e cirurgia na Universidade de Bolonha. Escritor e representante da literatura migrante em Itália, tem publicado vários livros, romances e contos. Já Presidente fundador da ASAE (Associação Solidariedade Africana Erba), empenha o seu tempo livre como mediador cultural na escola e na saúde. Por este empenho, recebeu em 2000 o Prémio “microcosmo d’Oro”, destinado todos os anos a três pessoas de origem estrangeira que na Região se tenha distinguido pela sua contribuição para o encontro e o diálogo entre culturas. É membro do Comitato Editoriale de El Ghibli, revista *on-line* da literatura de migração, diretor da coletânea de literatura migrante Edizioni dell’Arco e autor de vários blogues. Foi vencedor, em 2005, para a secção Literatura, do Prémio jornalístico literário “Mare Nostrum”; em 2009 recebeu o Prémio Graphein pela Sociedade de Pedagogia e Didática da Escrita.

Conheci Komla-Ebri em 2002, aquando de uma apresentação do seu livro “Imbarazzismi”, no Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, e fiquei hipnotizada por esta figura imponente e, ao mesmo tempo, extraordinariamente divertida e irónica. Ao longo dos meus estudos no âmbito do Multiculturalismo, lembrei-me da extraordinária experiência vivida por Komla-Ebri, lembrei-me das tantas vezes que teve de engolir a seco e continuar em frente, lembrei-me da sua determinação e do seu trabalho intenso na comunidade emigrante africana em Itália e decidi pedir-lhe para me deixar realizar uma entrevista sobre temas que eu sabia que eram e continuam a ser predominantes na sua vida. Com ele enfrentei os temas da integração, da guetização, os múltiplos problemas linguísticos que se apresentam para os emigrantes, os temas ligados à identidade e à situação das segundas gerações de migração. Considero portanto esta entrevista em harmonia com todos os temas tratados nesta primeira parte do trabalho e um testemunho direto e sincero de quem vive dia após dia, na sua própria pele, contínuos “imbarazzismi”.

Komla-Ebri aceitou o meu pedido de entrevista e agora, após uma sua explícita autorização para a inserção da mesma na minha dissertação de Mestrado, apresento-a nesta quarta parte do trabalho. A entrevista foi gravada via Skype, em 2015. A disponibilidade de Komla-Ebri (ele pediu para usarmos na entrevista o “tu”) foi extraordinária, já que me concedeu o seu tempo para além de duas horas e meia. A entrevista foi realizada numa única sessão, toda em língua italiana, foi gravada com um pequeno e antigo gravador, de seguida por mim transcrita e traduzida para português.

4.2 ENTREVISTA COM O ESCRITOR KOSSI KOMLA-EBRI



Fig- 13 - Kossi-Komla Ebri”

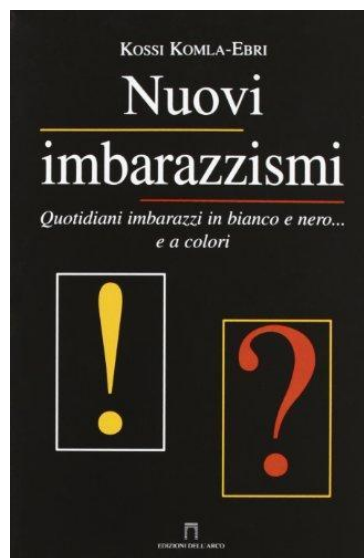


Fig. 14 -“Nuovi Imbarazzismi”

Simonetta: A primeira coisa que gostaria de perguntar é a seguinte: encontrar e reconhecer uma identidade própria é algo particularmente complexo, sobretudo para um emigrante. O que bate mais forte: a vontade de integrar-se no novo espaço e entre a nova gente ou as próprias matrizes culturais que nos prendem, às vezes, com fortes raízes e de forma indissolúvel?

Kossi Komla-Ebri: Primeiramente, penso que seja importante, quando se fala de “emigrante” fazer uma distinção com base na idade, em virtude de um adulto ter uma vontade própria diferente da de um jovem. O adulto chega já com um “*background*” identitário, o que não acontece às vezes com o jovem, que não o tem. Portanto, o adulto, em minha opinião, tem inicialmente tendência para um enclausuramento, com o qual preserva a sua identidade étnica. Trata-se certamente de uma estratégia de defesa, porque por um lado sente-se dividido entre a vontade de conservar a própria tradição e a vontade de projetar os próprios filhos para o futuro. Existe portanto esta situação de “não mais” – “ainda não”, não quer perder os valores da própria cultura que pode transmitir aos filhos e ao mesmo tempo, quer dar aos filhos um passaporte cultural que lhes permitirá integrarem-se na sociedade que os acolheu. Por conseguinte, podemos dizer que o adulto tem essencialmente uma tendência ao “enclausuramento” reativo. O problema é este: inicialmente disseste-me que não temos identidade única, por isso até o enclausuramento de identidade de que falei interessa apenas uma parte dela, porque ela é essencialmente plural, mosaica; é uma

identidade com múltiplos aspetos e sobretudo é por definição qualquer coisa de reativo. O que é a minha identidade? De onde vem? Antes de mais, será que existe uma identidade italiana? Há qualquer coisa de identitário que une o italiano de Caltanissetta, no profundo Sul ao italiano de Bolzano, no profundo Norte? O que será: a maneira de agir, a língua, ou a seleção nacional de futebol? Porque eu vejo mais identidade regional neste País ligada aos dialetos e à cultura regional, são mais identidades locais. Muitas vezes, jogando na escola com os jovens, faço um jogo a que chamo de “termómetro identitário”. Peço-lhes para se porem sobre uma linha imaginária por graus e pergunto-lhes: Quanto te sentes italiano, de 0 a 100? Nunca se puseram todos ao mesmo nível. A sensação de “italianidade”, de identidade italiana é muito subjetiva, é diferente para cada um. Não existe uma uniformidade de conceito identitário. Segunda coisa, quando insisto com os jovens e pergunto: “então de onde vem esta identidade?” eles respondem: “mas é aquilo que os nossos pais nos ensinaram, eles forjaram a nossa identidade”. “Tudo bem, mas a identidade que tu tinhas aos dois anos é a mesma que tens agora aos 20?” “Não” respondem. Por conseguinte, a identidade não é algo de congelado que se tira do frigorífico, é qualquer coisa de dinâmico. A identidade forma-se e transforma-se, mas quais são os elementos que me levam a transformar a minha identidade? “Os pais” dizem-me, e depois? Os professores, a escola, as relações que temos com os amigos. Por isso é importante perceber que a minha identidade é modelada pelos outros, são os outros que a fazem, o outro não é o inimigo, como diz Sartre: “L’affaire c’est les autres”! O outro é aquele que permite identificar-me. Eu ponho-me perante ti e digo: “sou um homem porque tu és uma mulher!”, identifico-me do ponto de vista do género. Ponho-me perante ti e digo: “sou negro porque tu és branca!” O outro permite-nos ser o que somos. Portanto, com base em tudo isto, a identidade que exclui “o outro” não tem sentido! Por definição, a interatividade está ligada ao conceito próprio de identidade. Quando uma pessoa chega do seu país numa nova situação como emigrante, invariavelmente a identidade que possuía anteriormente sofre uma transformação em relação à nova cultura e à nova sociedade. Até uma pessoa que está aqui (refiro-me a Itália), vive com nostalgia. A nostalgia é o fogo que alimenta as cinzas e faz com que, quando a memória vai procurar a lenha, traga apenas as coisas melhores. As recordações de casa são boas, os perfumes, os sabores, os odores, a música e os sons. Mas, quando se retorna a casa, em primeiro lugar, dá-se conta (aquilo a que Sayad chama “a dupla ausência”) que ele, emigrante, é duplamente ausente: é ausente na cultura da sociedade em que chega e é ausente no seu país de origem. Quando regressa a casa, reconhece que o seu espaço deixou

de existir. É como se anteriormente estivesse numa fila, saiu da fila, a fila compactou-se novamente e o seu lugar, o seu espaço já não existe.

Simonetta: Praticamente já respondeste a quase todas as minhas perguntas!

Kossi Komla-Ebri: Está tudo interligado. Portanto, encontrar uma identidade própria de emigrante é difícil, como é difícil para todos conjugar as diversas partes da própria identidade, que não são partes diversas. “Mas, quem sou eu?”, sou o Kossi nostalgicamente togolês, o Kossi racionalmente francês, ou sou o Kossi apaixonadamente italiano? Eu sou os três. Convivem comigo, não sou esquizofrénico, são todos “eu”, são parte de mim e são todas as várias formas da minha nova identidade. O erro que se faz é viver a própria vida dividida em pedacinhos. Há pessoas que dizem: “Estou aqui, ganho um bocado de dinheiro e depois retorno a casa”. Esta é uma ideia, porque entretanto o tempo passa, as dores começam e os cabelos embranquecem e, em vez de viver o momento, vivem como congelados, pensando apenas no amanhã. Este sonho sempre adiado do “retorno” é típico do emigrante: “tornarei um dia a casa”, havendo porém muitos que nunca mais regressam.

Simonetta: Acreditas que às vezes, podem ser estas raízes que não permitem ao negro, ao emigrante, ao homem que vem de um Oriente considerado perigoso, construir uma sua outra identidade num novo espaço geográfico?

Kossi Komla-Ebri: Em tudo isto existe outro elemento novo: é importante acolher o novo espaço e também fazer-se acolher! Não se pode ter a pretensão de se ser aceite, se não o quisermos ser! O problema é que a sociedade em que te encontras cria obstáculos a que eu chamo “racismo institucional”. Quais são os primeiros obstáculos? São obstáculos de espaço: o que acontece em todos os países de acolhimento é uma guetização urbanística. Fazem com que tu não possas coabitar com as pessoas do país porque te encontras num bairro de emigrantes. A relação com a nova sociedade pode ter-se no trabalho, mas ao fim regressas a casa e os teus vizinhos são também eles emigrantes, no final vive-se entre emigrantes, porque no bairro onde estás, pouco a pouco os italianos vão-se embora e resta apenas um bairro de migração. O encontro torna-se por isso impossível por causa da guetização urbanística que não ajuda a integração. É importante a nível local fazer uma larga distribuição no território que ajudaria para um conhecimento recíproco, porque somente através do conhecimento podemos superar os preconceitos.

Simonetta: Digamos que neste âmbito nós, os italianos e os emigrantes pouco podemos fazer. Talvez aqui não sejamos nós que devamos intervir, não crês?

Kossi Komla-Ebri: Eu digo sempre uma frase que ouvi um dia num convénio e que para mim se tornou importante: “nós não podemos dirigir o vento, mas podemos orientar as velas!” Sim, o vento é contrário, a situação é má, mas no meu pequeno “eu” posso orientar as velas do barco, posso criar alguma coisa. Eu por exemplo, comecei a escrever. Para mim a cultura é um espaço virtual. Eu sou muito rígido com a linguagem. Continuam a chamar-nos “extracomunitários”. Porquê extra-comunitários? Chamem-nos “cidadãos não europeus” O termo “extracomunitários” é uma palavra excludente, porque define uma pessoa pelo que não é e não pelo que é! As palavras, no fundo, não são outra coisa senão o prolongamento do nosso imaginário O problema maior, em minha opinião, é que existe uma tendência para enfatizar as diferenças. É um erro! É preciso enfatizar as similitudes, porque são muito mais numerosas. As diferenças são importantes e se as conhecermos bem, saberemos melhor reconhecer a sua extraordinária beleza, algo que o outro tem e eu não tenho e que me pode enriquecer. Partimos das similitudes para conhecer e respeitar as diferenças. Uma experiência banal é a de quando se vai num elevador, todos olham para os seus pés, ou para o ângulo onde está indicado o peso máximo suportado e isto porquê? Para não nos relacionarmos com os outros. E não se trata sempre de um outro de cor diferente ou de uma fé diferente, este é o outro e basta. Às vezes com os jovens faço um jogo a que chamo “jogo das diferenças”. Digo por exemplo: “Olhem para mim e para a Simonetta, quais são as nossas diferenças?” “Tu és negro, ela é branca, tu és um homem, ela é uma mulher, tu és *diversamente magro....*”, então eu pergunto “o que é que temos em comum?”, respondem: “falam a mesma língua, são dois seres humanos...”. Depois já não sabem mais o que dizer. Simplesmente porque o que temos de diferente é visível para todos, mas o que temos em comum não se vê e possivelmente é tudo o que conta mais!

Simonetta: E os filhos destas pessoas? Pensas que para eles, que nascem já no novo país, a construção de uma identidade própria como resultado de mais identidades seja ainda mais complexa?

Kossi Komla-Ebri: O maior problema das famílias dos emigrantes é a dificuldade de ser pais fora do próprio contexto cultural. O nosso contexto cultural é para nós como uma

cortiça que nos protege, todos pensamos o mesmo, educamos os filhos da mesma forma; quando uma pessoa abandona esta proteção, leva os filhos para uma sociedade em que já não tem a segurança deste contexto social e cultural. Os problemas dos filhos são diferentes, variam se são filhos nascidos já em Itália ou se chegaram para se juntarem aos pais. Neste segundo caso, trata-se de filhos que têm já uma ideia do pai como de um Pai Natal, o pai que voltava a casa pelas férias, era ele que trazia as prendas e que falava uma língua que ninguém conhecia. Era o pai que lhe tinha ensinado a dizer “Buongiorno”, “Buonasera” e ele, no seu ambiente, sentia-se importante. Era um pai que dava brinquedos que os outros miúdos não tinham, um pai idealizado. Quando o pai se instalou na terra que o acolheu, chamou a mãe para ir ter com ele e depois a ele. Ele chega, começa a ir para a escola e começa a perceber que no fundo o seu pai não conhece tão bem esta nova língua. Depois começa a sentir um pouco de vergonha destes pais que vivem numa casa humilde, que pertencem a um estrato baixo da sociedade, que não têm carro, a mãe chega à escola com os seus vestidos todos coloridos e muito étnicos, com as longas tranças e todos olham para ela e fazem-no sentir diferente. Nesta fase identitária, ele gostaria apenas de homologar-se com os seus colegas, gostaria de sentir-se igual. E a professora que, pensando fazer uma coisa positiva, lhe pergunta: “Fala um pouco em africano”. Antes de mais (rindo) gostaria muito de ouvir ela a dizer palavras em “europeu”! Isto faz com que ele se sinta ainda mais diverso, quando ele só quer ser igual! Sente dentro de si um conflito identitário entre o mundo brilhante de fora e o mundo tradicional e opaco lá de casa. Os pais querem que ele conserve as tradições, querem que aprenda o dialeto do país, que coma as coisas do país, que siga as regras do país. Em “*Identità trasversa*” falo disto, quando todos os primos, todos os tios chegam, para ele é opressivo! Ele começa primeiro a recusar a língua, só tem vontade de homologação e tem de crescer entre dois mundos e entre duas culturas e acaba por ser, sem querer, portador de uma identidade étnica diversamente visível. Eu estou em Itália há muitos anos, mas quando estou no hospital sou o “doutor” e as pessoas agem comigo de uma determinada forma, quando saio e não tenho a bata do hospital então torno-me um “vu’ cumpra’?” (termo com que são chamados os vendedores ambulantes nas praias italianas). A minha identidade étnica torna-se mais importante do que a minha identidade cultural. A criança, na sua tentativa de homologação, não consegue eliminar em si os elementos identitários. Enquanto está na escola, pode iludir-se de ser como os outros colegas; o problema surge quando entra no mundo do trabalho. É então que a sua identidade entra verdadeiramente em crise, porque “quando o cobertor é estreito, não tapa todos”, os outros começarão a dizer que têm mais direitos do que ele porque são italianos de sangue e ele

será, de repente, “estrangeiro” outra vez. Há muitas crianças que já são italianas e que quando saem da escola são vistas como estrangeiras e perguntam-se: “mas como é possível?”, “pensava ser como os outros”, “o que sou afinal?”. Sentem-se rejeitadas pela sociedade e a crise identitária leva-as a um “regurgitamento identitário”, e procuram o primeiro elemento que é, obviamente, o dos pais. Um regresso! Esta sociedade não é acolhedora, em particular para quem é diversamente visível!

Simonetta: com base na tua experiência, consideras que existe verdadeiramente uma identidade reativa, isto é, um fenómeno de reconstrução da própria identidade como reação aos condicionamentos?

Kossi Komla-Ebri: Certamente, a identidade é forçosamente relacional. O processo de interação, outra coisa não é se não o processo de integração sem a letra “G”. A integração é interação entre as nossas diversas integridades, ninguém gosta de ser desintegrado. Podemos imaginar a Itália como um grande prédio em que metemos os africanos no primeiro andar, os italianos no segundo, no terceiro os indianos, no último os moradores de Bergamo...e poderíamos pensar estar perante uma maravilhosa construção multicultural! Mas trata-se de um prédio guetizado! Se o nosso viver juntos for assim, será verdadeiramente triste! Então, surgiu-me uma dúvida e pensei que talvez o problema estivesse no prédio em si. Tentamos sair deste prédio, encontrarmo-nos no “agorà”, na praça onde todos estamos no mesmo nível, onde eu aprendo contigo e tu aprendes comigo, realizamos uma verdadeira integração das nossas diversas integridades. Então, desta forma sim que haverá integração! Não fazemos assimilação e tanto menos guetização! Encontramos uma maneira de conviver. Penso sinceramente que só esta poderá ser a via do futuro. Porque nós somos híbridos de culturas e, no princípio, este fenómeno era visto por mim como um fator negativo, mas depois apercebi-me de que, pelo contrário, este hibridismo representa uma grande riqueza porque nos dá a chave de acesso que nos permite entrar numa cultura e noutra, fazer a ponte entre elas, reconhecendo portanto que a nossa identidade é permeável, porosa e osmótica. Há um poeta que eu admiro muito, do Caribe, Édouard Glissant que diz que de facto não interessa a pureza das nossas raízes, porque isto não nos levará a lado nenhum, o que verdadeiramente é importante são todos os enxertos que conseguimos criar com as outras raízes. Alguns amigos africanos têm medo que isto possa levar a fazer uma espécie de “batido” das nossas culturas, mas eu digo sempre que não se trata de um batido, mas sim de uma “salada de fruta” das nossas culturas. Na salada de fruta encontramos o vermelho

charmoso dos morangos, a acidez do limão, o doce do ananás, a banana, a pera, a maçã e quando comemos sentimos na boca o gosto de cada pedaço de fruta. E isto significa fazer das diversidades as nossas riquezas.

Simonetta: Edward Said, intelectual palestino, autor do famoso volume *Orientalismo*, fala de uma visão do Oriente, sobretudo do mundo árabe, como pura invenção por parte do Ocidente para servir interesses de outra natureza, entre os quais os do colonialismo. Pensas que existe também um “negrismo” (peço desculpa pela invenção da palavra!), isto é: uma visão completamente construída pelos brancos e se sim, que interesses, a teu ver, pode servir?

Kossi Komla-Ebri: Existe, certamente; eu não o chamaria de “negrismo”, mas de “africanismo”! O pensamento é governado e no imaginário coletivo a imagem da África é essencialmente uma imagem negativa. É uma imagem transmitida pelas experiências históricas, a começar pelos três “M”, isto é: missionários, mercantes e militares. Três “M” que dominaram a África! O conhecimento que as pessoas têm da África é um conhecimento muito superficial. É a África dos missionários que, ainda hoje, vagueiam para pedir ofertas, apresentando uma imagem da África com a barriga inchada, os ossos atrofiados, as crianças a morrer à fome. É a África do Ébola, da SIDA, dos ditadores canibais, de Tarzan, dos carregadores de peso à cabeça ou a transportar um branco sonhando com ele num tacho a ferver! Neste momento estamos a preparar um vídeo de contra-campanha para responder à campanha estereotipada de “Save the children”, para demonstrar que é perfeitamente possível conjugar solidariedade com dignidade! As crianças africanas também são alegres, também brincam e também se riem... Os programas interessantes sobre África passam às duas da manhã, quando ninguém os vê. Ninguém sabe verdadeiramente nada! Nada se sabe dos escritores africanos, dos homens políticos, dos investigadores, dos realizadores, da cultura africana em geral! É por isto que insisto com o discurso da cultura! A linguagem também contribui para fomentar os estereótipos: as nossas línguas são chamadas “dialetos”, as guerras que acontecem em África são sempre “guerras tribais”. Quando a França e a Alemanha se matavam, ninguém, nunca, falou de guerras tribais. Quando se matavam em Irlanda, ninguém, nunca, falou de guerras tribais! A nossa religião torna-se apenas uma “superstição”. Eu realizo também encontros sobre a medicina transcultural, para explicar como no Ocidente existe uma visão apenas mecânica do corpo humano, da pessoa, parece que hoje ninguém trata mais o doente, mas apenas os seus órgãos, mas nós não somos

órgãos, somos seres humanos! O curandeiro africano, a quem aqui chamam “o bruxo”, trata as pessoas, na sua inteireza e na sua relação com tudo o que a rodeia: por exemplo a família. É normal que, se uma pessoa vive numa família e tem problemas, toda a família está envolvida. Em África, quando alguém fica doente, a primeira coisa que se faz é chamar todos os parentes. A visão da África foi construída para que se pudesse dominá-la melhor, fomos colonizados até à nossa espinal medula, incutiram-nos um profundo complexo de inferioridade. Os nossos melhores rapazes e investigadores recebem bolsas do Ocidente e deixam a África, esta é outra nova forma de escravidão, uma escravidão voluntária. É por isto que a África estará sempre um passo atrás, porque nos incutiram, relativamente ao processo de desenvolvimento, que deveria ser a exata cópia do que acontece no Ocidente. Eu, juntamente com outras pessoas, estou a trabalhar no sentido de criar três centros de cultura africana em Itália, centros em que as pessoas possam encontrar-se e descobrir sulcos identitários importantes, redescobrir as “origens” e conhecê-las melhor. “Para saber onde vais, tens de saber de onde vens!”, isso não por aprisionamento identitário, mas em nome de um universalismo que para mim outra coisa não é se não um lugar sem paredes.

Simonetta: Pensas que se possa, através da cultura, no teu caso através da literatura, criar uma espécie de resgate humano e social, criar aquele “agenciamento“, aquele “agency”, aquela atividade que represente uma ponte entre cultura e comunidade?

Kossi Komla-Ebri: O valor social da literatura é importante porque permite criar um espaço virtual para o encontro. Através dos meus textos encontrei milhares de pessoas! Chega-se ao leitor não através da racionalidade, mas através do coração, através das emoções consegue-se falar mais alto e certamente as pessoas entendem-se melhor. A escrita dá-me a possibilidade de criar esta ponte de emoções entre uma cultura e outra. A literatura pode ser uma janela aberta sobre a nossa cultura e dá-la a conhecer aos outros, descobrir-te a ti próprio e descobrir a tua cultura, refletindo sobre coisas que até àquele momento nunca pareceram importantes. O valor da hospitalidade, por exemplo. Em Itália, quando tocamos à campainha há sempre alguém do outro lado que pergunta “Quem é?”. Olham para ti, deixam-te entrar, sentar e aguardar. Em África a primeira coisa que se faz é convidar a pessoa para comer. O comer juntos significa partilhar, não é importante o que se come, mas o estar juntos; em Itália o ritmo da vida é tal que o convite para almoçar tem de ser programado. Ao sábado as pessoas vão às compras. Se são quatro em casa, comprem quatro bifes, preparam os pacotes que depois metem no congelador. De manhã, quando vão

trabalhar tiram os bifes de forma que quando voltam do trabalho a carne já esteja descongelada e pode ser preparada. Parece um sistema muito eficiente. Do meu ponto de vista africano, porém, penso: “Mas então, onde está o bife para o hóspede?”, ele não é considerado, deve ser programado, deve ser convidado. O facto de o escritor viver em equilíbrio entre culturas, permite-lhe ser ele próprio a ponte entre elas e ser ele próprio intercultural, sente-se parte de várias culturas e de várias identidades. Acarinhá-las todas, todas fazem parte dele e não podem ser separadas. O escritor é isto: é um criador de poética relacional e nisto eu acredito profundamente!

Simonetta: Achas que em Itália, neste momento, existe a capacidade de diálogo entre culturas diversas e pensas que este diálogo poderia ter vantagens de um conhecimento mais profundo do “outro”, de um reconhecimento e de um maior respeito pelas diferenças?

Kossi Komla-Ebri: Se eu devesse fazer uma comparação da Itália de hoje com a Itália que conheci quando estudei em Bolonha, diria que as coisas pioraram, sobretudo em relação a nós que somos diversamente visíveis. Isto também graças aos *média*, caixa-de-ressonância do imaginário coletivo. Estou convencido de que a cultura possa ser um meio para ultrapassar estas situações, a começar pelos projetos de desconstrução. É necessário desconstruir o imaginário. Quando lemos numa primeira página de um jornal, notícias do género: “Extracomunitário agride rapariga”, pergunto-me se esta pessoa não tem um nome e um apelido, porque devo sentir-me eu corresponsável dos atos de um outro? Se um italiano mata alguém, certamente no jornal nunca encontraremos a notícias: “Italiano matou uma pessoa”! Estará presente o seu nome e o seu apelido. Numa sociedade multicultural e multiétnica sempre irão acontecer factos assim, mas é preciso perceber que não são ligados à nacionalidade, são ligados ao ser humano. Portanto uma desconstrução da linguagem e do imaginário é um primeiro passo fundamental. A linguagem muitas vezes tem valor de inclusão e de exclusão. Quando falo de linguagem, refiro-me quer à linguagem verbal, quer à linguagem não-verbal. Quando entro no metro e vejo a senhora que agarra a mala com força, ela não diz nada, mas usa uma linguagem para mim muito mais eloquente. Se entro no comboio e ninguém se senta ao meu lado, ninguém me diz nada, mas esta linguagem tem uma força imponente. Há pouco falava da palavra extracomunitário, mas vejamos por exemplo a expressão “homem de cor”, como aqui em Itália têm o hábito de chamar aos africanos. O que significa “homem de cor”? Há uma lindíssima poesia que diz: “Amiga branca, quando nascemos tu eras cor-de-rosa, eu preto/ Crescemos, tu ficaste branca, eu

preto/ Quando te enervas ficas vermelha, eu preto/.Quando ficas doente, és amarela, eu preto/. E ainda dizes que o homem de cor sou eu!” Tantas expressões que identificam o outro sublinhando apenas a sua diversidade. Temos de criar espaços de encontros, porque só através do encontro haverá conhecimento. Eu encontro-te, vejo quem tu és, posso aceitar-te ou não, mas o encontro permite decidir e medir o valor do outro. Simonetta, conto-te uma história: há um homem que vai a caça e vê de longe, na colina, um animal. Prepara o arco e as setas e está para disparar quando olha bem e pensa que de facto está demasiado longe e, se disparar daquela distância, provavelmente o animal irá fugir. Então aproxima-se mais, agora está a uma boa distância, prepara outra vez o arco e quando está para disparar, olha melhor o seu alvo e apercebe-se de que não é um animal, é um homem! Estava quase a matar um homem! Ele vai ao seu encontro. Quando está a cinco metros dele apercebe-se de que se trata do seu irmão que está voltando para casa! Em Itália faltam espaços de encontro. Temos organizado iniciativas chamadas “Das terras às mesas”. Cada um traz um prato típico do seu país para partilhar, a gastronomia pode ser uma grande riqueza para uma sociedade multicultural. É interessante porque na quotidianidade, as pessoas conseguiram aceitar, com os seus sentidos, a diversidade. Comem por exemplo alimentos com gostos estranhos, frequentam restaurantes étnicos, os jovens ouvem música diversa daquela que se ouvia anos atrás, o seu ouvido habituou-se à diversidade do som, aos ritmos diversos, agora falta a parte da mente e do coração! O conhecimento pressupõe o encontro, o encontro inclui sair do centro, do nosso centro e perceber que marginalizar-se não é um limite, mas uma riqueza. Se eu estou no centro, tenho uma visão limitada e ofuscada dos outros, porque vejo apenas os que estão à minha frente. Se saio do centro e tomo a coragem para meter-me no círculo com os outros, então abraço todos com o olhar e vejo que faço parte de um todo, percebo que “eu sou, porque nós somos”. O que posso trazer para dentro do círculo, trago-o para fazer crescer esta sociedade. A escola deve voltar a dar aos jovens a capacidade crítica. Não devem confundir mais o consenso com o conceito de verdade! Da nossa parte, através das nossas iniciativas, tentamos ajudar os outros a perceber os factos e a refletir sobre eles. Organizamos todos os anos, em Palermo, na Sicília, um encontro de cinco dias dedicado à literatura emigrante. O encontro do próximo ano será sobre a Itália pós-colonial, porque pensamos que a Itália ainda não fez bem as contas com o seu passado. Esquece com muita facilidade e finge não se lembrar!

Simonetta: Muito obrigada. Nunca teria imaginado e esperado que me dedicasses tanto tempo! Agradeço-te imenso pelas interessantes palavras que me deste oportunidade de

ouvir. O teu testemunho vai certamente enriquecer e completar da melhor forma o meu trabalho. Espero que possamos ver-te em breve em Portugal para trazeres a tua experiência e as tuas reflexões a este país, também ele palco de tantos mundos!

Obrigada Kossi!

PARTE II

5. A COMUNIDADE ITALIANA NO MUNDO E ATUALMENTE EM PORTUGAL

5.1 CARACTERÍSTICAS DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS ITALIANOS NA HISTÓRIA

Mare nostro che non sei nei cieli
e abbracci i confini dell'isola e del mondo,
sia benedetto il tuo sale,
sia benedetto il tuo fondale.
Accogli le gremite imbarcazioni
senza una strada sopra le tue onde,
i pescatori usciti nella notte,
le loro reti tra le tue creature,
che tornano al mattino con la pesca
dei naufraghi salvati.

Mare nostro che non sei nei cieli,
all'alba sei colore del frumento,
al tramonto dell'uva di vendemmia,
ti abbiamo seminato di annegati
più di qualunque età delle tempeste.

Mare nostro che non sei nei cieli,
tu sei più giusto della terraferma,
pure quando sollevi onde a muraglia
poi le abbassi a tappeto.
Custodisci le vite, le visite cadute
come foglie sul viale,
fai da autunno per loro,
da carezza, da abbraccio e bacio in fronte
di madre e padre prima di partire.

(Erri De Luca, 2015)

Muito numerosos têm sido os estudos feitos acerca dos fluxos migratórios italianos que, quase como em Portugal, se têm alterado ao longo dos séculos. A Itália também passou de país de forte emigração para país de imigração, com todas as questões relativas que, infelizmente, os recentes acontecimentos trouxeram à superfície.

Uma análise da emigração italiana, com base em Bevilacqua, De Clementi e Franzina (2001) permite individuar quatro etapas fundamentais:

- a primeira, que vai de 1876 (poucos anos a seguir à unificação do país) a 1900;
- a segunda, que vai dos primeiros anos 1890 à Primeira Guerra Mundial;

- a terceira, que coincide com o período entre as duas Grandes Guerras;
- a quarta, que vai do segundo pós-Guerra até aos finais dos anos 1960.

Na primeira fase, a base da economia do novo Estado era baseada essencialmente na agricultura. Por isso, a primeira grande depressão mundial, em 1873-79, caracterizada também pela notável redução dos bens alimentares, abalou duramente os agricultores, forçando milhares de pessoas a tentar sobreviver fora de Itália. Esta primeira vaga de emigração, caracterizada essencialmente por homens (sendo a faixa etária muito baixa, 16% tinha menos de catorze anos), estabelece-se sobretudo na Europa, em França e Alemanha, na Argentina, Brasil e Estados Unidos como metas extraeuropeias.



Fig. 15 e 16 – emigração italiana para os Estados Unidos

A segunda fase da emigração coincide com o processo de industrialização em Itália, passando esta fase na história como fase da “grande emigração”. Trata-se, de facto, de um verdadeiro êxodo que leva para o estrangeiro uma média de 600.000 pessoas por ano, totalizando nove milhões de pessoas. A industrialização em curso naqueles anos não foi suficiente para poder absorver a larga quantidade de mão de obra expulsa do setor agrícola e das áreas rurais, que se encontrava presente naquele momento no mercado italiano e que, portanto, foi obrigada a procurar no estrangeiro uma possibilidade de sobrevivência. Os fluxos emigratórios deste período revelam-se essencialmente extraeuropeus, em particular 45% de toda a emigração desses anos opta pelos Estados Unidos e são sobretudo as pessoas do Sul de Itália a preencher essas correntes migratórias. É importante salientar que estes emigrantes, pela maioria homens, são já mais tutelados do que os da primeira fase, graças também à adoção da primeira lei geral sobre a emigração de 31 de janeiro de 1901.

VITTORIO EMANUELE III

Per grazia di Dio e per volontà della Nazione
RE D'ITALIA

Il Senato e la Camera dei Deputati hanno approvato; Noi abbiamo sanzionato e
promulghiamo quanto segue:

CAPO I.

Dell'emigrazione in generale.

Art. 1.

L'emigrazione è libera nei limiti stabiliti dal diritto vigente. Gli iscritti di leva che abbiano compiuto, o che compiano nell'anno, il 18° anno di età, gli iscritti di leva marittima e i militari del corpo reale equipaggi potranno emigrare quando abbiano ottenuto il permesso, i primi dal prefetto o dal sottoprefetto, i secondi dal capitano di porto e gli ultimi dal comandante del corpo.

Na terceira fase, a emigração regista um decréscimo. Em primeiro lugar, pelas fortes restrições legislativas de alguns países, como por exemplo os Estados Unidos, que estabeleceram limites nas quotas de pessoas a admitir, sobretudo para países indesejados, como era o caso de Itália. Um papel muito importante teve também o fascismo, com uma política abertamente anti-emigração, quer por razões de prestígio, quer pela exigência de manter em pátria jovens como possível milícia. Nestes anos, as emigrações no interior da Europa tendem a prevalecer sobre as extraeuropeias. É necessário também sublinhar que o emprego de mão-de-obra por parte dos países metas de emigração diminui notavelmente, dada a crise económica internacional daqueles anos.

Após a Segunda Guerra Mundial, inicia-se a quarta fase da emigração italiana que vai até aos finais dos anos sessenta. Trata-se ao princípio de uma fase crescente que depois diminui notavelmente. Após quase um século inteiro de emigração, a Itália começa a tornar-se, sem quase se dar conta, num país de imigração. Neste período, de facto, Itália tem sido palco de muitas alterações a nível económico, social e político, que mudaram claramente as características dos seus fluxos migratórios.

O *boom* económico que a Itália viveu, entre 1950 e 1970 deu início a um extraordinário processo de mudança das zonas rurais para os centros urbanos e para as regiões mais industrializadas, movendo uma massa enorme de mão de obra que nem as realidades económicas locais, nem as nacionais eram capazes de absorver. Ao mesmo tempo, o grande desenvolvimento económico em alguns países europeus mostrava uma luz para o excedente de trabalhadores presentes no território italiano. A população italiana que

emigra, ao longo destes anos, tem características diversas, conforme o lugar de destino: os que vão para Austrália e Estados Unidos são essencialmente familiares que se juntam a outros já emigrados; os que vão para os países europeus são indivíduos sós, muitas vezes a sua emigração é temporária, com frequentes regressos ao país de origem. Trata-se, no geral, de uma emigração largamente meridional, do Sul de Itália, que constitui pouco menos de 70% da emigração continental e 80% da internacional. Hoje, Itália mudou radicalmente o seu perfil, passando de país de emigração para país de imigração. Este processo, como reportado anteriormente, foi quase impercetível e não correspondeu ao fim dos processos emigratórios que continuam a interessar ao país, apesar de serem menos importantes e com características bem distintas (Bevilacqua, De Clementi e Franzina, 2001).

Para os emigrados, a ação política do governo italiano foi sobretudo no sentido de proteger e potenciar os seus direitos em questões de trabalho, habitação, segurança social, através da elaboração de acordos bilaterais com os países interessados.

Apesar de, neste momento, a Itália (juntamente com muitos outros países europeus) enfrentar os problemas dos enormes fluxos de imigração de que todos nós temos conhecimento e que têm repercussões a nível económico, político e social, a emigração foi e continua a ser um fenómeno que tem peso no país. Itália tem, ainda hoje, muitos emigrados no estrangeiro, quer fora de Europa, quer no interior do espaço europeu e não se pode certamente esquecer deles. Em 2015, pela primeira vez após muitos anos, o número dos cidadãos italianos residentes no estrangeiro, incluindo o espaço europeu, ultrapassou o número de cidadãos estrangeiros residentes em Itália. São dados do Dossier Estatístico Imigração de 2016, realizado pelo Centro Estudos Idos (Imigração Dossier Estatístico) e pela revista Confronti, em colaboração com o Unar (Ufficio nazionale antidiscriminazioni). Com base nos dados ISTAT (Istituto Italiano di Statistica), seriam cinco milhões e vinte e seis mil os estrangeiros residentes no nosso país em 2015, contra os cinco milhões e duzentos mil italianos que, conforme os dados apresentados pelos registos consulares, residem fora do seu país de origem. Em 2014, o número dos italianos residentes no estrangeiro e dos estrangeiros em Itália era equivalente. Trata-se portanto de um fenómeno a ter em conta e impossível de posicionar num segundo plano no panorama da realidade italiana. É uma emigração que tem adquirido, com o tempo, características diferentes, tratando-se de um fenómeno que, além de emigração de braços, se tornou também *fuga di cervelli*, composta muitas vezes por cidadãos jovens que procuram algo mais em outras terras.

Questo è quanto stiamo vivendo in Italia, una nazione che ha scarsamente considerato la mobilità come qualcosa di positivo e produttivo ancorata tutt'oggi all'idea ancestrale dell'emigrazione dei più poveri, di chi aveva fame e usciva dalla guerra, dei volti emaciati con in tasca pane e cipolla e un fagotto o al più una valigia di cartone. L'emigrazione tutta, italiana in particolare, è oggi altro; essa si è evoluta portando alla cultura del diverso in quanto altro da noi e quindi potenziale arricchimento per la nostra identità e la nostra personalità.

(Fondazione Migrantes, 2015)

É uma grande massa de gente nova, doutorados, investigadores, médicos, técnicos especializados que deixa o nosso país à procura de melhor reconhecimento, maior dignidade como trabalhadores e maior potencialidade em termos de ação especializada. A primeira Conferência dos Italianos no Mundo, de Setembro de 2000, revelou que só nos Estados Unidos residem cerca de 6000 investigadores italianos, para os quais seria desejável individuar adequadas políticas de regresso e reinserção na carreira, para evitar que esse extraordinário recurso do nosso país seja definitivamente perdido.

5.2 OS ITALIANOS NO MUNDO, NA EUROPA E EM PORTUGAL: INFORMAÇÕES E DADOS

Deves ter sempre Ítaca na tua mente.
A chegada ali é o teu destino.
Mas não apresses em nada a tua viagem.
É melhor durar muitos anos;
E já velho fundeaes na ilha,
Rico do que ganhaste no caminho,
Sem esperares que te dê Ítaca riquezas.

Ítaca deu-te a bela viagem.
Sem Ítaca não terias saído ao caminho.
Mas já não tem para te dar.

E se um tanto pobre a encontrares, Ítaca não te enganou.
Sábio como te tornaste, com tanta experiência,
Já hás-de compreender o que significam Ítacas.

(Konstandinos Kavafis, *Os poemas*, 2005)

Falar de fluxos migratórios entre países europeus representa um ponto de vista certamente diferente, numa época em que as imigrações vindas de outros lados do mundo, preenchem, infelizmente todas as páginas dos jornais.

A cidadania da União Europeia é reconhecida automaticamente a todos os cidadãos da União, cumulando-se portanto à própria cidadania, sem por isso substituir-se a ela.

Com a cidadania europeia, cada cidadão adquire uma série de direitos:

- il diritto di circolare liberamente all'interno dell'Unione europea e di soggiornare ovunque sul suo territorio;
- il diritto di votare o di candidarsi alle elezioni del Parlamento europeo e alle elezioni comunali nel paese UE in cui vive, anche se non possiede la cittadinanza di quel paese;
- il diritto di essere tutelato dalle autorità diplomatiche o consolari di qualsiasi paese dell'UE se il proprio Stato membro di origine è privo di rappresentanza consolare in un paese terzo (ovvero un paese esterno all'UE);
- il diritto di inviare una petizione al Parlamento europeo, di ricorrere al Mediatore e di rivolgersi a qualsiasi istituzione o organismo dell'UE.

(Commissione Europea, 2010)

Para o cidadão, uma das vantagens maiores da União Europeia tem sido a possibilidade de livre circulação no interior do espaço europeu. Atualmente são mais de 11 milhões de cidadãos da UE que, com base neste direito, vivem num país diferente do seu país de origem. Um grande número de cidadãos desloca-se regularmente, por razões

profissionais ou para turismo, a outros países da UE, sem por isso ter de passar por controlos no interior do Espaço Schengen, beneficiando de canais preferenciais nos controlos das fronteiras. As normas neste âmbito são reguladas pela Diretiva 2004/38/CE, de 29 de Abril de 2004, do Parlamento Europeu e do Conselho de Europa, aplicável a todos os países da UE a partir de 30 de Abril de 2006. A Diretiva, determina o seguinte:

- a) le modalità d'esercizio del diritto di libera circolazione e soggiorno nel territorio degli Stati membri da parte dei cittadini dell'Unione e dei loro familiari;
- b) il diritto di soggiorno permanente nel territorio degli Stati membri dei cittadini dell'Unione e dei loro familiari;
- c) le limitazioni dei suddetti diritti per motivi di ordine pubblico, di pubblica sicurezza o di sanità pubblica.

(Parlamento Europeu e Conselho de Europa, 2004)

A Diretiva foi adotada pela legislação nacional dos países membros da UE. Em julho de 2009, a Comissão elaborou uma série de linhas orientadoras para os países membros, para poderem garantir a melhor adequação da Diretiva Europeia no interior da legislação nacional e para fazer com que esta tenha uma clara e eficaz aplicação na vida quotidiana dos cidadãos europeus.

A União Europeia é uma união económica e política entre, atualmente, 28 países que abrangem uma grande parte do território do continente. Foi criada após a II Guerra Mundial com o objetivo de promover sobretudo a cooperação económica, partindo do princípio de que o comércio produzia uma interdependência entre os membros, reduzindo assim os riscos de conflitos. Nasceu assim, em 1958, a Comunidade Económica Europeia (CEE) e o que tinha nascido como uma união puramente económica tornou-se, com o tempo, uma organização ativa em uma vasta série de âmbitos, do clima ao ambiente, da saúde à segurança, da justiça à imigração. Para poder refletir esta alteração de intenções, em 1993 o nome da Comunidade Económica Europeia foi alterado para União Europeia, sendo que todos os seus poderes assentam sobre tratados livres e democraticamente aceites e assinados pelos países membros.

A UE não teve sempre a dimensão atual, a primeira colaboração económica de 1951 incluía apenas a Bélgica, Alemanha, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos. Com o passar do tempo, outros países aderiram à União e a adesão da Croácia em 2013, elevou para 28 o número dos países membros. Os recentes acontecimentos e o *Brexit*, deram à UE a estrutura atual: 27 membros aderentes.



Fig. 17 – Países da União Europeia

Áustria	França	Malta
Bélgica	Alemanha	Países Baixos
Bulgária	Grécia	Polónia
Chipre	Irlanda	Portugal
Croácia	Itália	Dinamarca
Letónia	República Checa	Estónia
Lituânia	Romênia	Finlândia
Luxemburgo	Eslováquia	Eslovénia
Espanha	Suécia	Hungria.

A Itália, como vimos no capítulo anterior, também está hoje interessada pelo fenómeno emigratório que, apesar das suas peculiaridades atuais, é um elemento importante que incide na realidade do país. Os dados do “Rapporto Italiani nel Mondo” (2015) indicam que, até janeiro de 2015, o número dos cidadãos italianos residentes no estrangeiro era de 4.636.647, residindo, mais de 60%, em território europeu.

Gli ultimi dieci anni di emigrazione italiana (2006-2015)

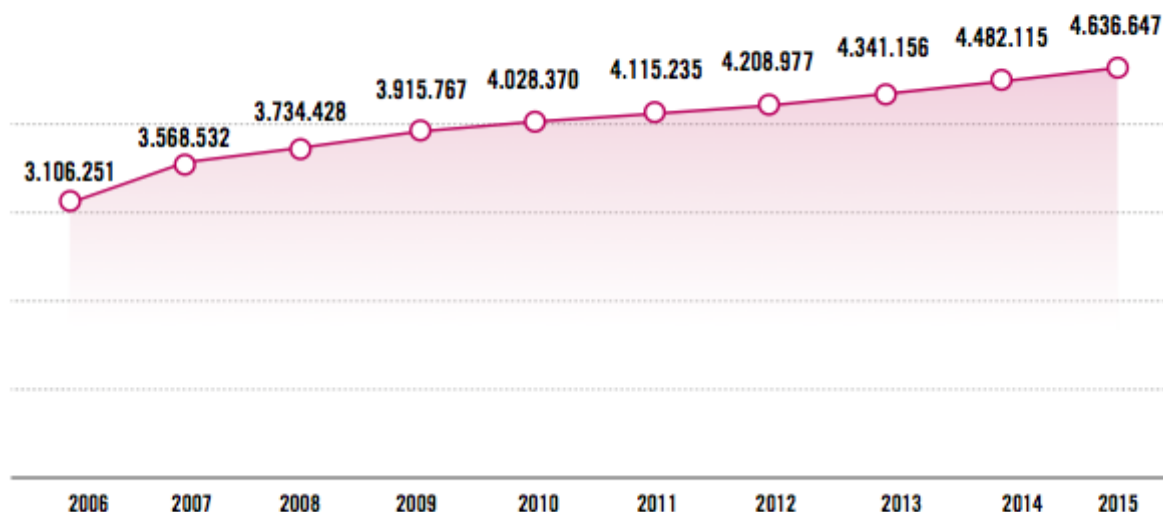


Fig. 18 - Rapporto Italiani nel Mondo, 2015

Como já referido no capítulo anterior, trata-se de uma emigração menos miserável e dramática que a emigração enfrentada pelas gerações anteriores, apesar de virem, as duas, de uma Itália desfeita e completamente em crise. Os que partem agora são os filhos dos anos 1970-1980, na maioria numa faixa etária entre os 20 e os 30 anos. A Itália deixou a esses jovens uma herança pesada, trata-se de uma geração culta e instruída, mas que para poder ser reconhecida e valorizada se vê obrigada a deixar a sua terra de origem. No gráfico que segue, retirado do Rapporto Italiani nel Mondo, 2015, é possível ter uma ideia em números, da emigração italiana, dos cidadãos regularmente inscritos nos registos da AIRE (Anagrafe Italiani Residenti all'Estero), com comparações relativamente aos anos passados.

Cittadini italiani iscritti all'AIRE durante il 2014 per solo espatrio per ripartizione estera, genere e variazione. Serie storica. Valori assoluti e percentuali. Anni 2013, 2014 e 2015.

Ripartizione estera	2015			2014			2013			Variazione 2015-2013		Variazione 2015-2014		Crescita % 2014-2015
	Femmine	Maschi	Totale	Femmine	Maschi	Totale	Femmine	Maschi	Totale	v.a.	%	v.a.	%	
Europa	28.860	37.452	66.312	25.827	34.144	59.971	21.182	28.125	49.307	17.005	25,6	6.341	9,6	10,6
America Settentr. e Centrale	3.486	4.307	7.793	3.550	4.433	7.983	3.589	4.388	7.977	-184	-2,4	-190	-2,4	-2,4
America Meridionale	8.334	9.011	17.345	8.201	8.844	17.045	6.934	7.149	14.083	3.262	18,8	300	1,7	1,8
Asia Africa Australia Oceania Antartide	3.862	5.985	9.847	3.569	5.558	9.127	2.907	4.667	7.574	2.273	23,1	720	7,3	7,9
Totale	44.542	56.755	101.297	41.147	52.979	94.126	34.612	44.329	78.941	22.356	22,1	7.171	7,1	7,6

Fonte: Migrantes-Rapporto Italiani nel Mondo. Elaborazione su dati AIRE.

Fig. 19 - Rapporto Italiani nel Mondo, 2015

O migrante médio italiano é homem (56%), jovem entre os 18-34 anos (36%), apesar de, em geral, os dados da AIRE registarem um crescimento em todas as faixas etárias. Com base no relatório da Fondazione Migrantes, conclui-se que a meta escolhida em primeiro lugar é a Europa, com 65,5% na totalidade das partidas, registrando-se, ao contrário, um decréscimo relativamente à América -2,4%. As razões que levam os italianos nesta nova onda emigratória são muitas e variadas. Uma vontade de enriquecer culturalmente, de adquirir mais competências linguísticas ou confrontar-se com um ensino diferente, mas também o desejo de poder realizar no estrangeiro o próprio projeto de vida pessoal ou profissional, resultando isso num problema para Itália, no momento em que eles não voltam depois para trás. Com base em alguns dados da Almalaurea, um consórcio interuniversitário que, desde 1994, funciona como ponte entre as universidades italianas e o mundo do trabalho, entre os licenciados de 72 universidades italianas, partem sobretudo os melhores alunos, em termos de resultados finais, de médias académicas e regularidade no percurso dos estudos.

Na base desta *fuga* encontra-se certamente uma falta de oportunidade de trabalho que Itália apresenta aos novos licenciados. No que diz respeito à possibilidade de regresso num prazo de cinco anos, 42% (dado Almalaurea) declara que é muito improvável o

regresso a casa. Apenas um em cada nove licenciados considera o regresso uma possibilidade concreta.

É verdade que destas novas gerações de emigrantes italianos fazem parte os jovens que cresceram em uma situação de euro-mobilidade. Muitos, de facto, já tiveram experiência de programas de intercâmbio formativo ao longo dos cursos universitários, experiências que são provavelmente fundamentais para uma construção mental diferente, mais aberta e pronta para criar cidadãos do mundo. É necessário lembrar, por exemplo, o Programa Erasmus que leva para as universidades europeias (e agora não só) centenas de jovens vindos de outros países que representam uma mais-valia e uma riqueza em termos qualitativos e quantitativos para o país de acolhimento. O Programa Erasmus, acrónimo de *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*, é um programa da Comissão Europeia, de mobilidade entre os estudantes, criado em 1987. Oferece aos estudantes a possibilidade de efetuar em uma universidade estrangeira um período de estudo legalmente reconhecido pela própria universidade. O nome do programa inspira-se também no humanista e teólogo Erasmo da Rotterdam (Séc. XV), que viajou vários anos pela Europa, para adquirir hábitos e culturas diferentes. Desde 2014, o programa tem o nome de Erasmus+ .



Fig. 20 – Logotipo do Programma

Nesta situação de livre circulação e estadia no espaço europeu, uma parte da população italiana também se deslocou para Portugal. A Comissão Europeia indica também que os estudantes italianos foram, juntamente com os espanhóis, entre os que mais procuraram Portugal no âmbito do Programa Erasmus nos últimos anos, que trouxe ao país mais de 3.000 alunos estrangeiros.

Portugal, apesar de não ter registado, ao longo da história, uma presença italiana numericamente muito significativa, tem mantido relações com Itália que deixaram as suas marcas em solo lusitano. Com base em Cassino (2015), a comunidade italiana no séc XIX, representava uma parte importante da história da cidade de Lisboa. Era uma comunidade ligada essencialmente às artes (trabalhadores de teatro, cenógrafos, cantores), às ciências e, em grande parte ao comércio. O primeiro momento importante que se reconhece na história da comunidade é a construção da Igreja de Nossa Senhora de Loreto, em 1518 (hoje conhecida como *Chiesa degli italiani*).

Ela foi construída no ângulo onde a muralha fernandina se abria nas portas de Santa Catarina. Com o passar dos anos, este lugar de culto adquire um papel sempre maior como elemento aglomerador, unificante dos vários elementos que compõem a comunidade italiana na cidade, o que se tornará mais evidente no séc. XIX.

(Cassino, 2015:208)

A partir de 1716, a Igreja decide depender diretamente de Roma, pelo que torna-se, a partir daquele momento, *solum lateranensi*, mantendo até hoje a sua extraterritorialidade. Atualmente, a *Chiesa degli Italiani* continua a representar um grande elemento agregador, não apenas a nível religioso, mas sobretudo como lugar de socialização da comunidade italiana residente em Lisboa. Temos outros eventos marcantes na história de Portugal, ligados à presença italiana no país: o Rei Carlo Alberto morreu em 1849 na cidade do Porto, onde se tinha voluntariamente exilado, após a derrota do Piemonte na batalha de Novara. A casa onde ele morou, tornou-se um museu, o “Museu Romântico”, como testemunho da sua passagem naquela cidade. A princesa Maria Pia de Sabóia casou-se com o Rei D. Luís I. O Rei de Itália, Umberto II, passou todo o seu exílio em Cascais, na residência de Villa Italia; também a sua irmã, Maria Giovanna, Rainha da Bulgária, viveu em Portugal e morreu no Estoril no ano de 2000.

Atualmente a comunidade italiana em Portugal é, sem dúvida, bem integrada no tecido social português e as relações entre os dois países são excelentes, quer no plano bilateral, quer no plano multilateral, nas relações com os outros parceiros europeus.

Os italianos dizem que Portugal, sendo um país europeu, é bastante perto (talvez confrontado com a América das primeiras emigrações); afirmam que se trata de um país e de um povo relativamente parecido (reconhecendo porém algumas diferenças

significativas). Muitos debruçam-se também sobre a língua, afirmando que, apesar de ser aparentemente difícil, acaba por ser entendida, tratando-se de uma língua neolatina. Depois temos o clima fantástico, o peixe e os mariscos únicos, a gentileza do povo e o calorosíssimo acolhimento reservado aos estrangeiros, toda uma série de referências que os italianos citam, quando entrevistados sobre as coisas que mais amam em Portugal. Mas, certamente, o fator trabalho e estudo têm representado o motivo principal da diáspora italiana em Portugal dos últimos anos. De facto, Portugal criou, na mente dos italianos, uma ideia de fascínio que fez com que eles comessem a escolhê-lo como meta perfeita para emigrar, por períodos mais ou menos alargados ou para sempre, com ideias por vezes claras, outras um pouco menos, sobre o que iriam ao certo encontrar. Portugal, até há alguns anos, não era praticamente conhecido entre os italianos. Os turistas iam para Espanha e muitas vezes quando se falava de Portugal, nem tinham uma ideia exata sobre a sua colocação no atlas do mundo. A Península Ibérica era Espanha, a língua que se falava era espanhol e quase nenhum italiano se aventurava nas suas viagens até esse *jardim da Europa à beira mar plantado*.

Com base nos dados do INE-Instituto Nacional de Estatística (fornecidos pelo Serviços Estrangeiros e Fronteiras), os números relativos aos italianos com estatuto legal de residentes em Portugal eram, até aos primeiros meses de 2016, os seguintes:

Portugal: 6130

Continente: 5773

Região Autónoma dos Açores: 133

Região Autónoma da Madeira: 224

A comunidade italiana em Portugal é heterogénea. Uma primeira análise passa pela grande quantidade de pessoas que trabalham nos *call-centers* que, continuamente, procuram pessoal de língua materna italiana. É uma população de jovens e adultos que aceitam esse trabalho muitas vezes considerando-o como provisório, à espera de colocações melhores. É um facto que este tipo de trabalho é muito mais remunerado em Portugal do que em Itália. Até os próprios estudantes Erasmus entram neste mundo de trabalho à procura de uma possibilidade de prolongar a sua estadia em Portugal. Conta-se que são mais ou menos 500 italianos que trabalham nos *call-centers* entre Lisboa e Porto.

Outra faixa considerável de residentes italianos em Portugal é constituída pelos gerentes e trabalhadores no âmbito da indústria dos restaurantes e similares. Os italianos emigrados no estrangeiro ocuparam sempre um lugar de relevo no setor da economia ligada

aos consumos alimentares, tornando-se *gelatai*, *baristi*, *ristoratori* ou vendedores de produtos alimentares de vários géneros. É uma atividade que se espalhou no território, sobretudo nos últimos anos, a uma velocidade extraordinária. O gosto que os portugueses têm pela comida italiana tem incentivado muitos pequenos e médios empreendedores italianos a experimentar em terra lusitana o seu negócio neste setor de atividade, apesar de terem de lutar, obviamente, contra uma grande concorrência. Assistimos, de facto, nestes últimos anos à abertura desenfreada de *pizzerie*, *ristoranti*, *gelaterie*, lojas de vendas de produtos italianos, todo o tipo de comércio ligado à gastronomia e à alimentação italiana.

Em 2016, pela primeira vez, o Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional realizou uma Semana da cozinha italiana no mundo, que teve lugar de 21 a 27 de novembro. Trata-se de uma interessante iniciativa que visa divulgar ainda mais a gastronomia, reconhecida finalmente como elemento integrante e fundamental de qualquer cultura. Nos dias 18, 19 e 20 de Novembro, numa das principais e mais características praças de Lisboa, Praça da Figueira, teve lugar o *Mercato Italia*, uma feira inteiramente dedicada à gastronomia, à alimentação italiana e aos produtos ícones italianos, que teve por objetivo apresentar ao mercado português e a todos os cidadãos os produtos e as novidades marcantes neste setor.



Fig. 21 – Manifesto do evento Mercato Italia

O resultado desta política intensa de divulgação por parte do Governo italiano é, como temos visto, o aparecimento de uma miríade de novos espaços italianos na capital e em todo o território (incluindo as ilhas), que emprega uma grande parte da população italiana residente em Portugal. Outro setor a incluir nesta análise é o setor do empreendedorismo, gerido pela *Camera di Commercio italiana per il Portogallo*. Abrir uma empresa italiana em Portugal, como declarado pelo Presidente da *Camera di Commercio*, Michelangelo Cammarata, é coisa bastante fácil, as leis locais favorecem os novos empreendedores que representam, obviamente, uma riqueza adjunta para o país.

A *Camera di Commercio*, que celebra este ano 100 anos da sua fundação, é uma associação sem fins lucrativos que tem por objetivo promover o desenvolvimento das trocas comerciais e da cooperação económica entre Itália e Portugal. Entre os seus associados, a *Camera* tem algumas das mais importantes realidades económicas italianas, como por exemplo: a Ferrero, a Fiat, a Piaggio, a Generali, a Artsana (Chicco), MSC Cruzeiros, Calzedonia, Acqua di Parma, Menarini Farmaceutica, Benetton, Grimaldi, Gruppo Cimbali, Indesit, Iveco, La Perla, Luxottica, Negrini, Parmalat, Segafredo e Stefanel, entre muitas outras.



Fig. 22 – Manifesto dos 100 anos da *Camera di Commercio Italiana per il Portogallo*

Outro setor a não esquecer é certamente o do ensino da língua italiana. É um facto que os portugueses têm um fascínio muito grande pela língua italiana, além da sua história e cultura. O Instituto Italiano de Cultura todos os anos abre cursos de língua que chegam a ter mais ou menos 400-500 alunos por quadrimestre. O número de pessoas que estuda a

língua italiana aumenta cada vez mais nas Universidades, nos centros linguísticos das Universidades, nas escolas particulares de língua, nas múltiplas empresas italianas de que falámos acima, que incluem obviamente no seu orgânico muitos trabalhadores portugueses que precisam de conhecer minimamente a língua para poderem trabalhar. Este aumento de procura traz naturalmente um grande aumento de oferta; são muitos os professores que se deslocam para vir dar aulas em Portugal e muitos os que, já aqui residentes, ocupados noutros setores, finalmente puderam ter acesso ao setor do ensino.

O Programa Erasmus, de que se falou ao início deste capítulo, interessou, nos últimos anos, um número muito elevado de estudantes de arquitetura. O panorama arquitetónico português, onde eram emergentes alguns dos autores hoje unanimemente reconhecidos, atraiu uma nova geração de jovens arquitetos de nacionalidade italiana. Em Portugal, arquitetos cuja obra é hoje reconhecida “funcionaram como polos de atração para a formação de uma geração de jovens profissionais italianos”, conforme o arquiteto Nadir Bonaccorso disse aquando da interessante exposição no Instituto Italiano de Cultura (2005), “Arquitetos Italianos em Portugal – Mobilidade Europeia, Individualidade e Cultura Arquitetónica”. A exposição coordenada pelo arquiteto Nadir Bonaccorso e comissariada por Nuno Távora e Paolo Mestriner contava com o apoio do Instituto das Artes (Ministério da Cultura) e a colaboração da Embaixada da Itália, do Instituto Italiano de Cultura em Lisboa e da Ordem dos Arquitetos Portugueses. Tratava-se de uma exposição itinerante através das cidades de Lisboa, Porto, Faro e Milão. É de facto nestas cidades portuguesas que o número de arquitetos italianos tem vindo a aumentar consideravelmente.

Não queria deixar de mencionar também outro fenómeno que tem levado e continua a levar cidadãos italianos para o mundo e para Portugal. Para os emigrantes italianos no mundo, o desporto tem representado um instrumento de integração, sobretudo naqueles países em que eles deviam lutar pela sua dignidade. Não é o caso de Portugal, mas tem de ser referido o fenómeno que leva cada vez mais atletas italianos pelo mundo fora, em vários setores do desporto, não apenas o futebol. Os dados do Rapporto Italiani nel Mondo indicam que na época 2013-2014 foram mais de 105 atletas que emigraram para o estrangeiro em equipas locais, confrontando-se com 22 novas línguas. Em Portugal, só neste último ano, registou-se a vinda de vários jogadores de futebol para equipas locais.

Considera-se importante referir outro fenómeno que contribuiu a um aumento considerável da comunidade italiana em Portugal, o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Até este ano, antes da saída da Lei Cirinnà (nome da senadora Monica Cirinnà, do Partido Democrático, que foi promotora e signatária da lei) não existia em Itália nenhum

reconhecimento jurídico dos casais formados por pessoas do mesmo sexo. Houve um grande número de pessoas que escolheu Portugal para poder concretizar os seus sonhos, finalmente casar-se e ter este casamento legalmente reconhecido.

Já há alguns anos, dezenas de agências especializadas oferecem consultoria para quem deseja transferir-se para Portugal e, neste último período, o fenómeno tem interessado sobretudo os reformados italianos. De facto, neste momento, um reformado que aluga uma casa em Portugal, que pede a sua residência fiscal no País e que reside para um período mínimo de 180 dias por ano, não paga os impostos sobre a sua reforma por um período de dez anos. É evidente que se trata de uma atração enorme para muitos reformados italianos que em Portugal conseguem poupar o total dos impostos devidos e viver de forma mais digna neste país, apesar de, neste momento, o nível de vida entre os dois países não diferir muito. Não é fácil obter números certos sobre os reformados residentes em Portugal, incluídos obviamente entre os milhares de pedidos de inscrição na AIRE que todos os dias o Consulado de Itália regista, mas através dos inúmeros pedidos de informações que chegam quotidianamente à Embaixada de Itália, ao Consulado e à *Camera di Commercio*, imagina-se que tem aumentado vertiginosamente dia após dia. Obviamente trata-se de um potencial de riqueza enorme para Portugal, de uma situação privilegiada para o direto interessado, mas certamente em detrimento das caixas do erário público italiano. Como consequência deste pavoroso aumento, regista-se uma grande quantidade de advogados italianos cuja existência era praticamente desconhecida, quer para Portugal, quer para Itália. De facto em Portugal, neste momento, são dezenas e dezenas os advogados italianos que oferecem a sua assistência aos reformados que se transferem, dada sobretudo a sua grande dificuldade a nível linguístico na realização de todos os *iter* burocráticos necessários. Os reformados procuram advogados que falem italiano, procuram notários que possam entendê-los, procuram médicos assistentes que entendam as suas queixas de saúde. É todo um mundo que se começou a movimentar e que fez com que aumentasse numericamente, ainda mais, a comunidade italiana em Portugal.

Para ilustração do acima referido, reportam-se na tabela seguinte os dados mais recentes, fornecidos pelo Consulado Italiano em Lisboa (2016), que dizem respeito aos cidadãos italianos legalmente inscritos na AIRE (Anagrafe Italiana dei Residenti all'Estero), no período que vai de 2011 a 2016 (até 31 de Dezembro):

Ano de referência	Número de cidadãos inscritos
2011	4.499
2012	4.713
2013	4.955
2014	5.104
2015	5.254
2016	7.205

Tabela das inscrições na AIRE de 2011 a 2016

A uma primeira vista, é possível individuar o aumento gradual anual do número de cidadãos italianos inscritos, que resulta sistemático, mas ligeiro de 2011 a 2015. De 2015 para 2016 é possível notar o excecional aumento dos inscritos (1.951) e, com base nas indicações do Consulado italiano em Lisboa, este aumento repentino deve-se quase pela totalidade, a cidadãos italianos reformados.

5.3 A LINGUÍSTICA MIGRATÓRIA

A nostro avviso, sono i fenomeni migratori che rappresentano elementi paradigmatici dell'attuale situazione linguistica nazionale e dei suoi cambiamenti in prospettiva futura. Il primo è costituito dalle caratteristiche linguistiche della nuova emigrazione italiana verso l'estero, causata dalla profonda, grave crisi economica e sociale che ha colpito ormai dal 2008 il nostro Paese; il secondo è rappresentato dall'immigrazione straniera e dalle sue implicazioni strutturali e durature sul volto linguistico italiano.

(Rapporto Italiani nel Mondo, 2015:204)

Após a análise apresentada no capítulo anterior das características socioprofissionais da comunidade italiana residente em Portugal, torna-se fundamental, de um ponto de vista linguístico, salientar alguns processos que, aparentemente afastados entre eles, precisam de facto de um aprofundamento global, que possa pôr em evidência relações entre a condição do italiano em Itália e a do italiano no estrangeiro. Esta análise foca principalmente o contacto entre o espaço linguístico originário italiano e os novos espaços linguísticos dos países de acolhimento. É importante também lembrar a característica peculiar do italiano originário, feito de variedades e de dialetos (cfr. Cap. 1.3), que forçosamente condicionam e mudam o perfil linguístico do italiano emigrante.

O modo como desenvolvem o seu plurilinguismo num contexto de integração depende de muitos e variados factores, que podem ser devidos à situação psicossocial, às oportunidades de aprendizagem da língua, à qualidade do contacto com a língua em relação à complexidade linguística e ao nível afectivo

(Oliveira, 2010:11)

Apesar de, também nas primeiras vagas de emigração pós-unificação, emigrarem pessoas escolarizadas, estas representavam uma absoluta minoria quando confrontadas com a grande massa de italianos que falavam apenas o próprio dialeto (que entrava em contato com as línguas de acolhimento), muitas vezes analfabetos ou semianalfabetos.

De facto, a evolução do espaço linguístico das comunidades é fortemente diversificada, dependendo das condições de cada país, da arquitetura do seu espaço linguístico, das suas políticas de língua, de educação e de integração.

Hoje, como vimos nos capítulos anteriores, os novos emigrantes são essencialmente jovens, com um nível bom de escolarização, muito diferentes dos italianos que os precederam. Este perfil de emigrante italiano nunca se tinha visto até agora. Quais as

competências linguísticas dos emigrantes italianos no estrangeiro, face a esta realidade, e como eles enfrentam os novos espaços linguísticos?

Os emigrantes italianos de hoje, na sua maioria, são pessoas que estudaram na escola, pelo menos, uma língua estrangeira, que falam e escrevem o italiano, apesar de estarem estritamente ligados ao seu dialeto. Elas têm portanto uma competência linguística em L1 e numa língua estrangeira, maior que a dos tradicionais grupos de emigrantes, o que faz com que tenham também uma maior experiência de contacto com as LE e, sobretudo, que tenham uma maior sensibilidade a nível plurilinguístico, sabendo enfrentar com mais clareza e facilidade os processos de aprendizagem das línguas de acolhimento. Os italianos novos emigrantes inserem assim no país de chegada o seu italiano vivo, um italiano de todos os dias, uma língua que eles podem facilmente identificar e reencontrar, sobretudo em Portugal, em muitos âmbitos da vida quotidiana, não apenas a nível linguístico, mas também cultural e de valores. O facto de verem continuamente referidas na publicidade, nos meios de comunicação e nas ruas, palavras italianas que lhes renovam lembranças e reavivam memórias, tem certamente efeitos positivos sobre a vontade de colaborar, a nível linguístico, com os novos espaços. Se quem acolhe tem assim tanto em conta a língua que o emigrante italiano fala, se lhe dá tanto prestígio, então ele terá certamente uma atitude mais aberta e mais colaborativa. Em Portugal, de facto, a língua italiana é muito amada e o emigrante italiano não é, por sorte, um emigrante guetizado, o que influi notavelmente sobre a sua disponibilidade perante a nova língua e sobre alguns aspetos identitários. A idade é também um elemento importante: a grande maioria dos reformados de que se falou no capítulo anterior, terá talvez mais dificuldade em enfrentar a nova língua, terá mais problemas em pôr-se em jogo, arriscar o seu estatuto e perder a vergonha, falando uma língua que não lhe é familiar, terá, talvez, mais dificuldade em perder a sua face. Os italianos de outras faixas etárias arriscam mais, são mais novos e com menos dificuldades a nível linguístico, não são tão sujeitos a fossilizações linguísticas e são educados para a diversidade de uma forma mais serena, que lhes permite enfrentar este novo desafio.

Sobretudo na Europa, como já mencionado nos capítulos anteriores, esta nova emigração é frequentemente de tipo familiar, característica que não pertencia à emigração chamada “tradicional”, na qual partiam os homens (na maioria) e, em alguns casos o resto da família chegava após alguns anos, quando eles já tinham arranjado emprego, uma casa e condições decentes para viver; noutros, o agregado familiar nunca chegava a reunir-se novamente. A característica familiar desta nova vaga emigratória italiana faz com que, muitas vezes, os filhos se encontrem a enfrentar ou o italiano como L2 ou a língua de

acolhimento, com toda uma série de problemáticas identitárias já referidas ao longo dos capítulos anteriores. É importante aqui lembrar que a aprendizagem da língua de acolhimento é fundamental para uma completa integração do emigrante, caso contrário corre-se o risco de continuar a fomentar uma condição de marginalização que, por muitos anos, tem caracterizado infelizmente a situação dos filhos dos emigrantes italianos no mundo.

Como será então a relação dos novos emigrantes italianos e dos seus filhos com a língua portuguesa? Estarão dispostos a aprender esta língua de acolhimento? Será que gostam dela e que a consideram importante no interior do percurso educativos dos seus filhos?

É um pouco isso que se tentará descobrir através do questionário que constitui parte integrante deste trabalho e que será ilustrado no capítulo seguinte.

6. QUESTIONÁRIO

6.1 ILUSTRAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Apesar de a comunidade italiana, como vimos no capítulo anterior, ser relativamente reduzida de um ponto de vista numérico, é interessante analisar qual a relação dela com a língua portuguesa, visto os dados confirmarem o contínuo aumento de cidadãos italianos que se estabelecem em Portugal. Se é verdade que os italianos têm algumas dificuldades com as línguas estrangeiras, será que as têm também quando confrontados com o português? Como enfrentam os primeiros momentos da sua chegada a Portugal, perante esta nova língua? Apesar de pertencerem ao mesmo grupo linguístico, o das línguas românicas, a língua italiana tem características, sobretudo fonológicas, muito distintas do português. Estudos neste âmbito indicam que as duas línguas pertencem (considerando a variedade *standard*) a duas classes rítmicas distintas: o italiano pertence ao grupo das línguas a isocronismo silábico, isto significa que a sílaba prevalente é **cVcVcV**, o que permite que elas tenham mais ou menos sempre a mesma duração e sejam todas importantes para a construção do ritmo da língua. Na sua variedade *standard*, o português europeu é uma língua de isocronismo acentual, no qual aparece uma notável redução vocálica, **cVcccccV**, pelo que as sílabas resultam mais curtas. Prevalece apenas a sílaba tónica, ela sim, importante para a construção do ritmo (Guasti, 2007:71-76). Esta característica da língua portuguesa, o facto de ela ecoar ao ouvido de um italiano, completamente consonântica, pode representar uma grande dificuldade para um falante italiano, no seu processo de aprendizagem.

Quando se fala com um italiano relativamente à língua portuguesa, uma das coisas divertidas que muitas vezes é referida é que o português parece um número de contribuinte. De facto, em Itália os NIF são atribuídos tirando ao nome e ao apelido todas as vogais e apresentando apenas uma sequência de consoantes. O português é a língua dos pescadores no embalo das ondas atlânticas, da melancolia do fado, dos profundos tratos reservados da sua gente. É uma língua que parece estar a milhares de anos da nossa. A presença de imigrantes italianos em território português, confrontados com uma língua que soa aos seus ouvidos como um código indecifrável e talvez ao coração como um novo mundo, cria toda uma série de problemas ligados à identidade e à importância dada às línguas autóctones, assuntos que foram apresentados ao longo de todo este trabalho. Temos também que ter em conta a abertura e a motivação que os novos emigrantes italianos têm perante a

aprendizagem do português, uma nova vaga emigratória preparada e pronta para novos desafios.

O que interessava aprofundar através do questionário era como realmente os italianos residentes em Portugal se confrontam com a língua de acolhimento, quanto este encontro/confronto influencia a sua integração no país de chegada, quanto desejam efetivamente aprender este novo idioma e quanta importância lhe dão em relação à sua família e ao futuro dos seus filhos. Visto a amostra analisada ser numericamente reduzida, os resultados não podem ser generalizados a nível nacional, mas têm apenas o objetivo de ilustrar algumas atitudes importantes a nível linguístico e identitários de alguns membros da comunidade. Pelas mesmas razões, a análise dos resultados será essencialmente qualitativa, tentando dar à pesquisa a maior riqueza de informações possível, suportada por alguns gráficos ilustrativos, não se tratando portanto de uma análise estatística, mas essencialmente descritiva dos problemas abordados.

O questionário (cf. Anexo II) é composto de uma primeira parte de apresentação, na qual, uma vez reportado de forma rápida o perfil da investigadora e o trabalho do qual faz parte integrante, é explicado o que se pretende alcançar através das perguntas; informam-se os interessados sobre o tempo que o preenchimento do questionário irá levar, sobre o caráter absolutamente anónimo do mesmo e a possibilidade de não querer participar na pesquisa, ignorando o documento. Trata-se de 46 perguntas, algumas completamente fechadas, outras mais abertas, que percorrem um caminho que vai de uma análise individual do sujeito que responde, da duração da sua permanência em Portugal, do seu passado e atual conhecimento do português, a uma situação que se alarga a um âmbito mais familiar. No caso da existência de filhos, é interessante saber que língua se fala em casa e se o português é ou não importante para o futuro dos seus filhos.

A última parte do questionário é composta por uma página inteira, completamente em branco, na qual se pede ao respondente para escrever tudo o que ele achar pertinente para o questionário e os assuntos tratados, caso não tenha tido espaço e possibilidade de o referir ao longo das questões apresentadas.

Para a redação do questionário, decidiu-se utilizar a língua italiana (simples e compreensível), a fim de permitir a todos uma aproximação maior às perguntas, para que, ao responder, as pessoas se sentissem ainda mais próximas, procedendo de forma mais instintiva e sincera.

6.2 METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Antes de se enviar o questionário, tentou-se, através das informações disponíveis, escolher uma amostra que fosse representativa de todos os setores que dela fazem parte. Em uma primeira fase, o questionário foi enviado como pré-teste apenas para algumas pessoas, pedindo-lhes que enviassem todas as suas sugestões de alteração ou esclarecimentos.

Perante os comentários e as sugestões recebidas, uma vez verificada a sua pertinência e eficácia, foi escolhida então uma amostra de 28 pessoas, entre homens e mulheres, de nacionalidade italiana, de várias idades, legalmente residentes em Portugal e inscritos na AIRE (*Anagrafe Italiani Residenti all'Estero*), compreendendo bolseiros e/ou investigadores, trabalhadores de empresas italianas sedeadas em Portugal, funcionários do Instituto Italiano de Cultura e da Embaixada de Itália em Portugal, donos de restaurantes e bares e comerciantes, alguns deles residentes na cidade de Lisboa e arredores, outros na cidade do Porto e alguns na cidade de Coimbra. Uma parte foi escolhida por ter família e filhos em Portugal, outra precisamente pela razão contrária, tendo sido considerado necessário obter os dois pontos de vista.

O envio do questionário foi precedido de um contacto direto com os elementos da amostra, dada também a minha integração no interior da comunidade italiana. Vivo em Portugal desde 1992 e tenho acompanhado de perto a evolução da comunidade aqui residente, quer, numa primeira fase, através da minha atividade no Instituto Italiano de Cultura, quer, a seguir, da minha ação como professora de italiano para estrangeiros e depois através da Embaixada de Itália em Lisboa. Todas as pessoas contactadas aceitaram responder ao questionário que foi entregue quer por via eletrónica, quer diretamente em mão. No caso do questionário ser entregue em mão, dado o seu comprimento, não foi pedido o seu preenchimento imediato, de modo que as pessoas pudessem com toda a calma e tempo, pegando e largando o documento se necessário, responder sem pressões às perguntas apresentadas.

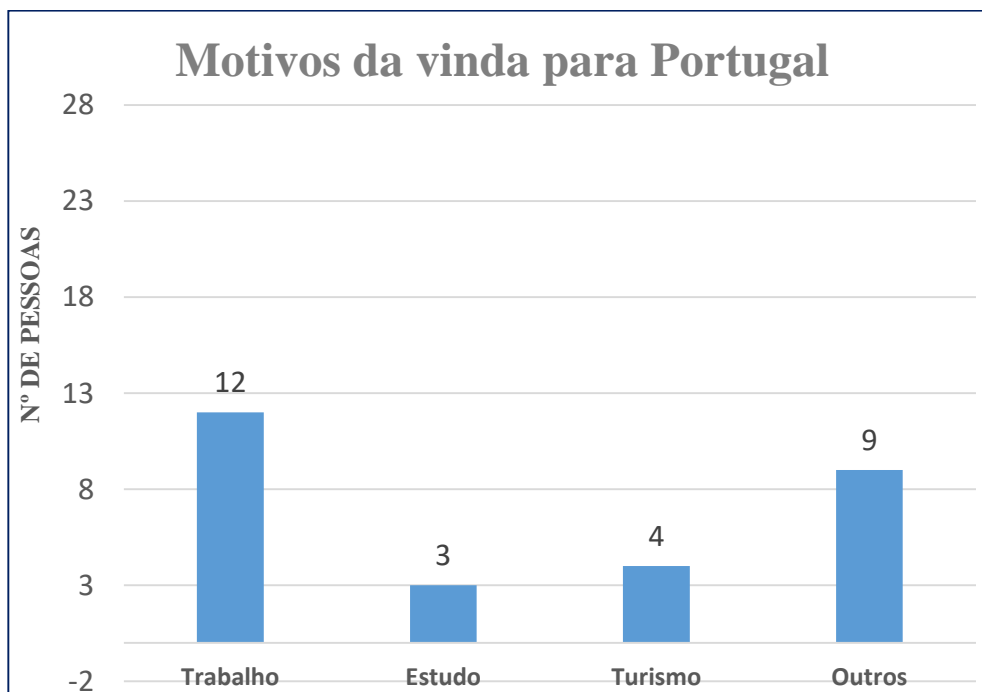
O processo de contacto prévio, envio *on-line*, entrega presencial e recolha dos documentos, demorou dois meses, dos princípios de novembro até ao final do ano de 2016. De seguida, todos os dados foram recolhidos, analisados qualitativamente e comparados, levando aos resultados ilustrados no capítulo seguinte.

6.3 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A faixa etária dos inquiridos é, maioritariamente, entre os 35 e os 60 anos, com uma pequena percentagem incluída na faixa etária superior. Num total de 28 inquiridos, 13 são de sexo feminino e 15 de sexo masculino. As profissões abrangidas pelo inquérito são variadas, encontrando-se entre elas: 3 empresários, 5 docentes, 1 investigador, 2 engenheiros, 2 assistentes comerciais, 1 arquiteto, 1 livreira, 1 socióloga, 3 funcionários públicos, 3 músicos, 1 tradutora, 2 advogados, 1 jornalista, 1 de profissão liberal e 1 comerciante.

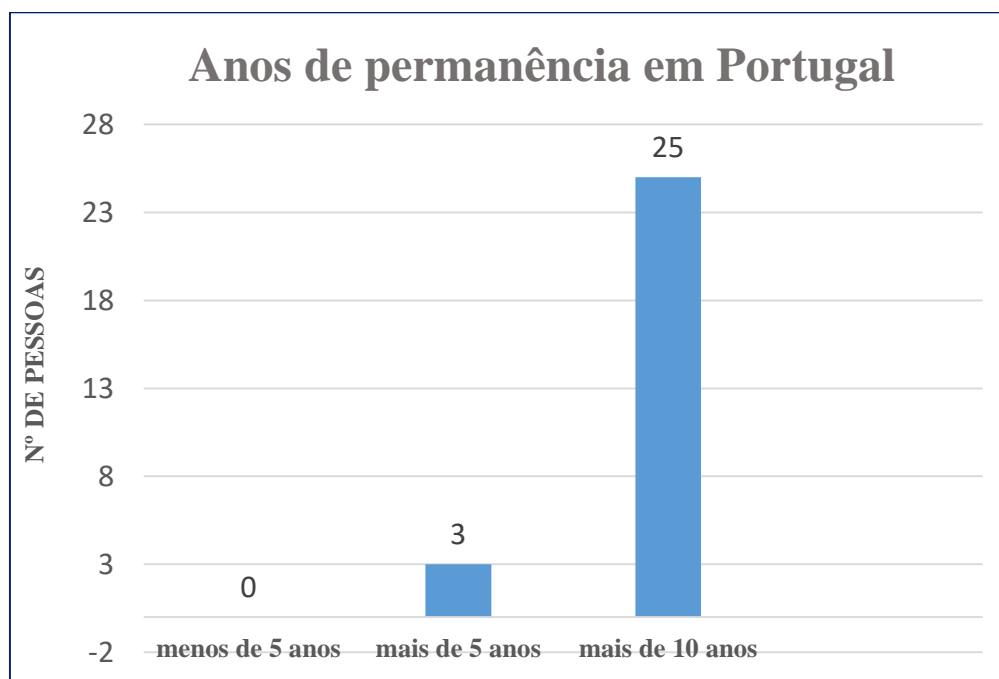
Relativamente às razões que motivaram a vinda dos inquiridos para Portugal, o trabalho é, sem dúvida, a razão mais expressiva, seguindo-se outros motivos (na maioria familiares), questões de estudo e turismo, como demonstrado pelo gráfico seguinte:

Gráfico1 – Porque veio viver para Portugal?



Na relação dos membros da comunidade italiana com a língua portuguesa, o fator do tempo tem, sem dúvida, uma importância substancial. Como o gráfico a seguir demonstra, a maioria das pessoas entrevistadas encontra-se em Portugal há mais de 10 anos, não resultando significativos os outros períodos indicados:

Gráfico 2 – Há quanto tempo vive em Portugal?

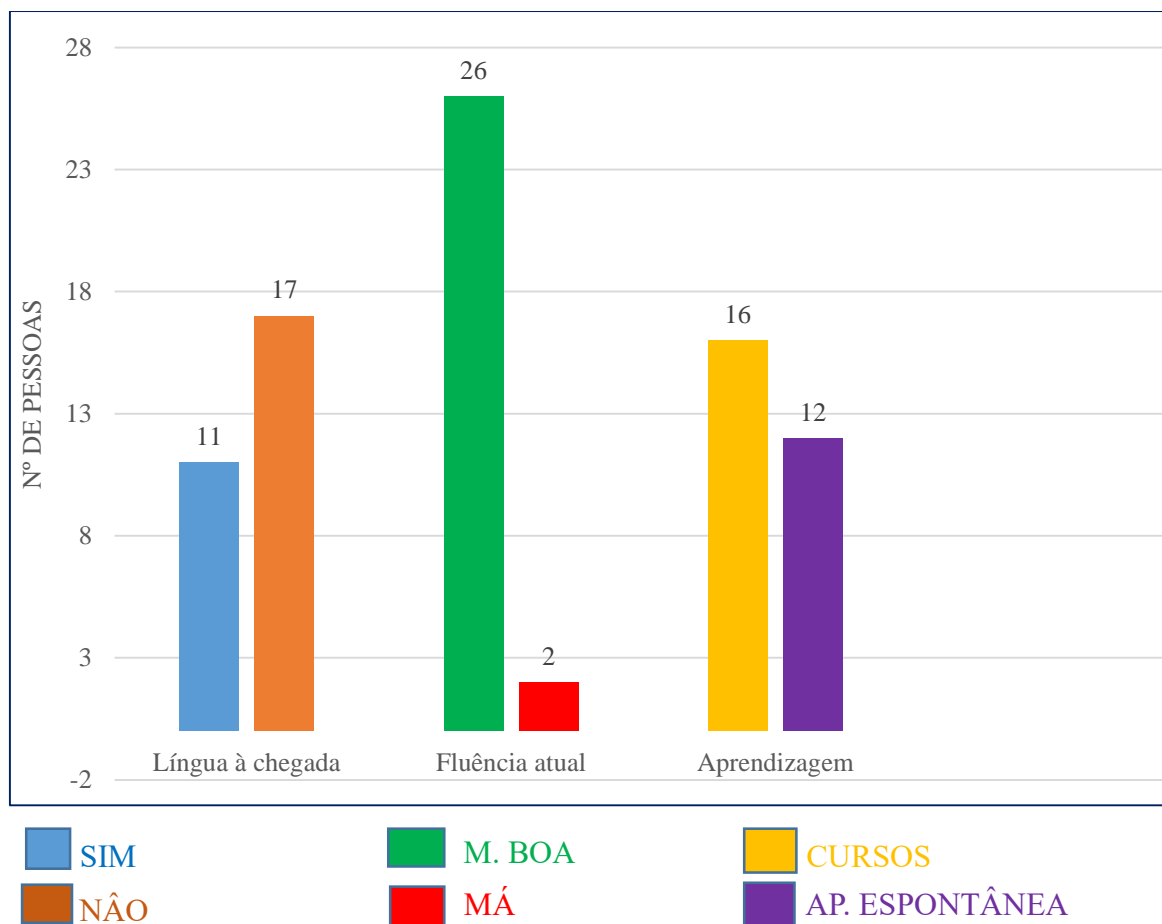


Quase todos os entrevistados chegaram a Portugal sozinhos (26 em 28), tendo construído depois a sua família no país de acolhimento. Os novos núcleos familiares são formados na maioria, por pais e filhos; 61% dos inquiridos não falava português aquando da sua chegada ao país, no entanto, presentemente, a sua fluência na língua é bastante boa. Alguns aprenderam português numa situação de aprendizagem em contexto espontâneo, outros num contexto formal de ensino (cursos universitários, cursos particulares, cursos de empresas), sendo este último *item* particularmente destacado.

Gráfico 3 – Quando chegou a Portugal, já conhecia a língua portuguesa?

Neste momento, fala e percebe o português?

Como aprendeu a língua portuguesa?



Ao longo deste trabalho, foram destacados os âmbitos mais importantes para os quais é necessário um conhecimento da língua de acolhimento. Viu-se, de facto, como saber a língua pode ajudar nos primeiros momentos de vivência no país estrangeiro, sobretudo para a realização de todos os processos burocráticos, de procura de trabalho e, não certamente menos importante, o uso da língua para situações de socialização, sempre com vista a uma melhor integração como cidadãos. A este respeito, os dados retirados são interessantes, demonstrando que os italianos, nos primeiros momentos da sua chegada a Portugal, sentem necessidade de conhecer a língua, na mesma medida, nos vários domínios: trabalho, *iter* burocrático e socialização. Ao longo de todos os processos de regularização da sua chegada, nos primeiros momentos de estada, a maioria reconheceu a importância dada pela colaboração prestada pela população autóctone, tendo os portugueses

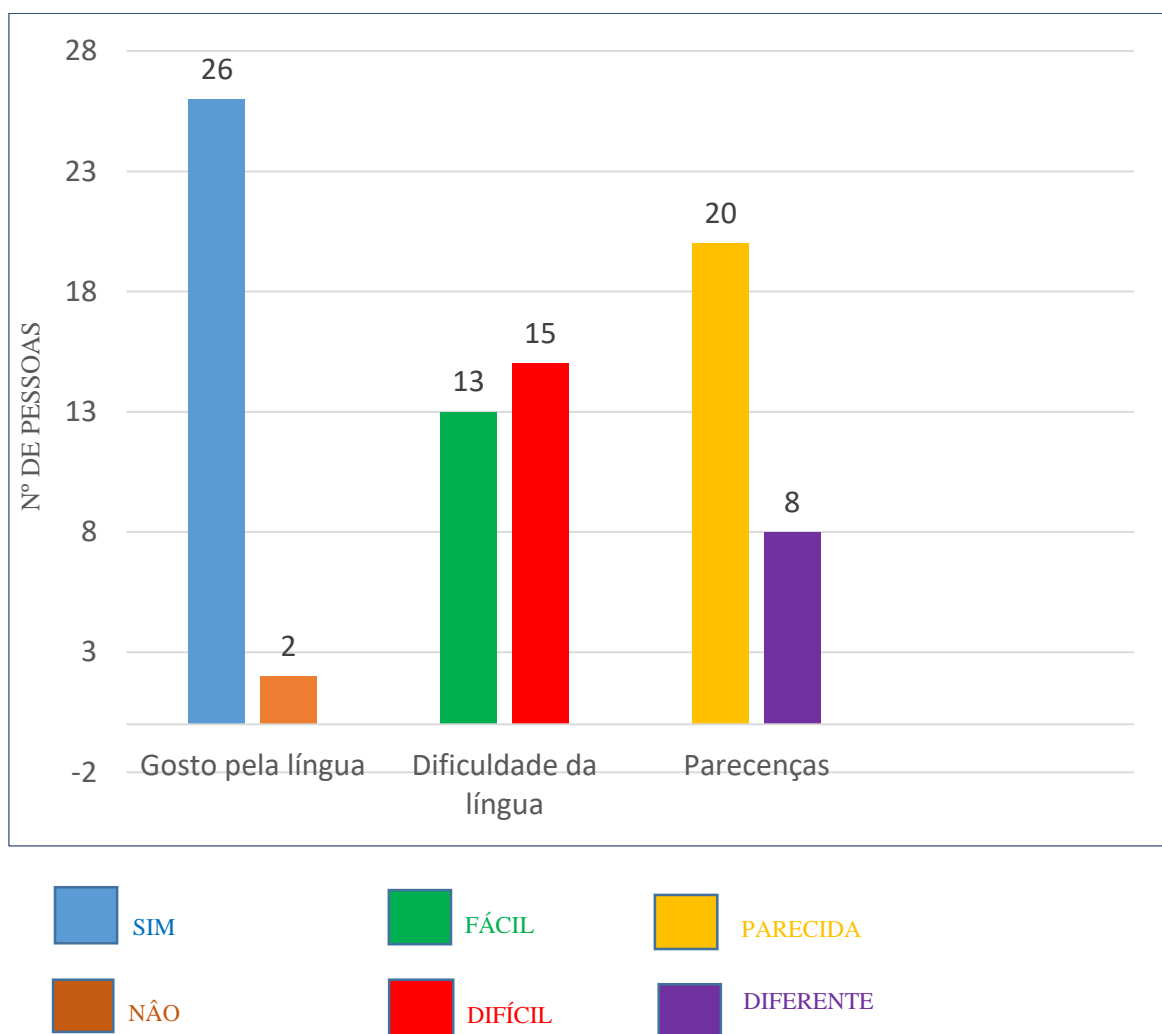
demonstrado grande disponibilidade na interação com os cidadãos estrangeiros (23 pessoas admitiram a importância desta ajuda, sendo que 5 não a consideraram importante).

Os italianos residentes em Portugal, na esmagadora maioria, gostam da língua portuguesa, apreciam a sua riqueza de vocabulário e a sua capacidade de síntese, alguns admitiram gostar dos sons nasais (tão difíceis para os italianos). Apesar de reconhecerem todas as suas dificuldades, afirmaram, como já se referiu antes neste trabalho, ser a diferença fonética o maior obstáculo na compreensão; tratar-se de uma língua pobre em musicalidade, ecoando particularmente dura na sua oralidade; consideraram as duas línguas diferentes, sobretudo de um ponto de vista fonológico, reconhecendo, no entanto, uma estrutura de fundo similar, pelo facto de elas pertencerem a um tronco linguístico comum.

Gráfico 4 – Gosta do português?

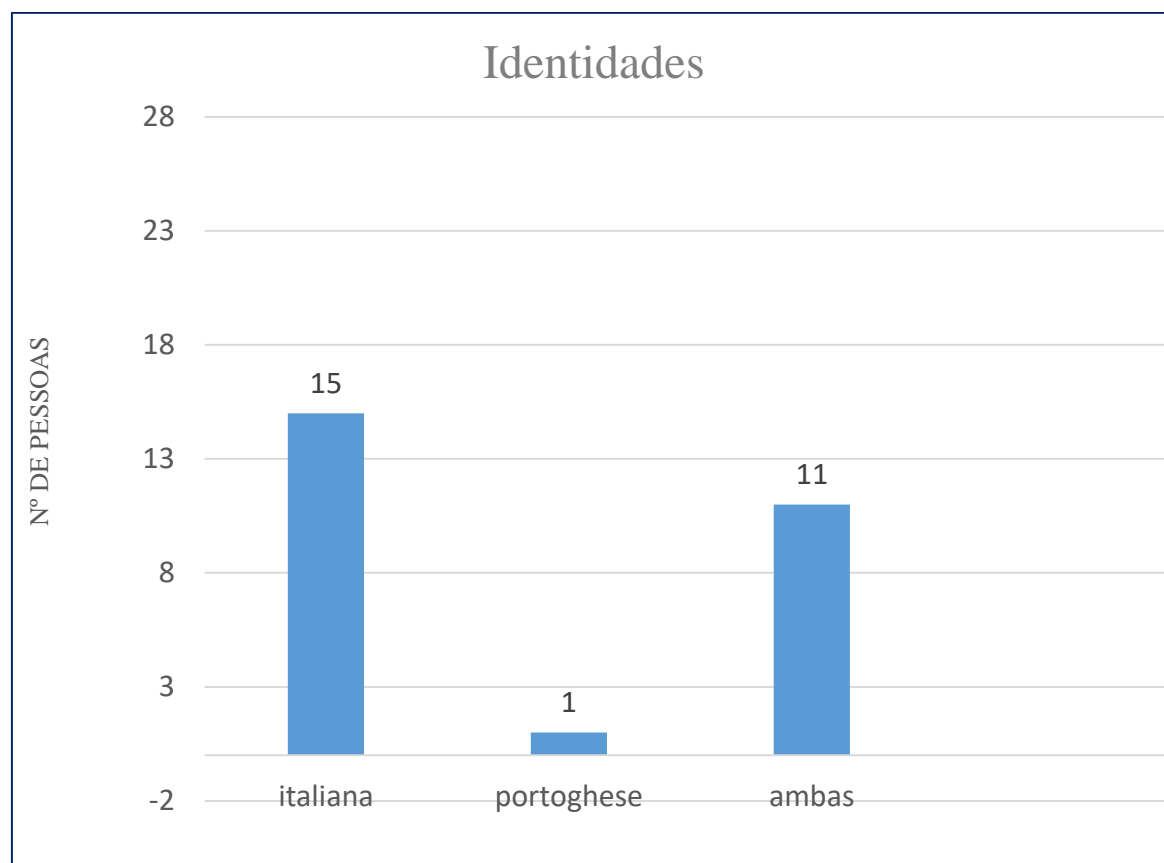
Considera o português uma língua fácil ou difícil?

O português é uma língua parecida com a italiana ou diferente?



Um dos elementos importantes a aprofundar neste trabalho tem sido as questões da identidade. Os inquiridos, apesar de admitirem gostar da língua portuguesa, na maioria (15), afirmam sentirem-se ainda profundamente italianos; não aparentam dúvidas em relação a este *item*, afirmando que as suas relações constantes e sistemáticas com o país de origem e com as suas famílias lhes permitem uma ligação e uma pertença que continua a caracterizá-los. Pela mesma razão, outra parte (11) declara, em relação à sua identidade, que não consegue escolher entre uma e outra, sentindo-se, de facto, simultaneamente italianos e portugueses. Apenas 1 pessoa afirma sentir-se portuguesa e 1 não conseguiu responder à pergunta.

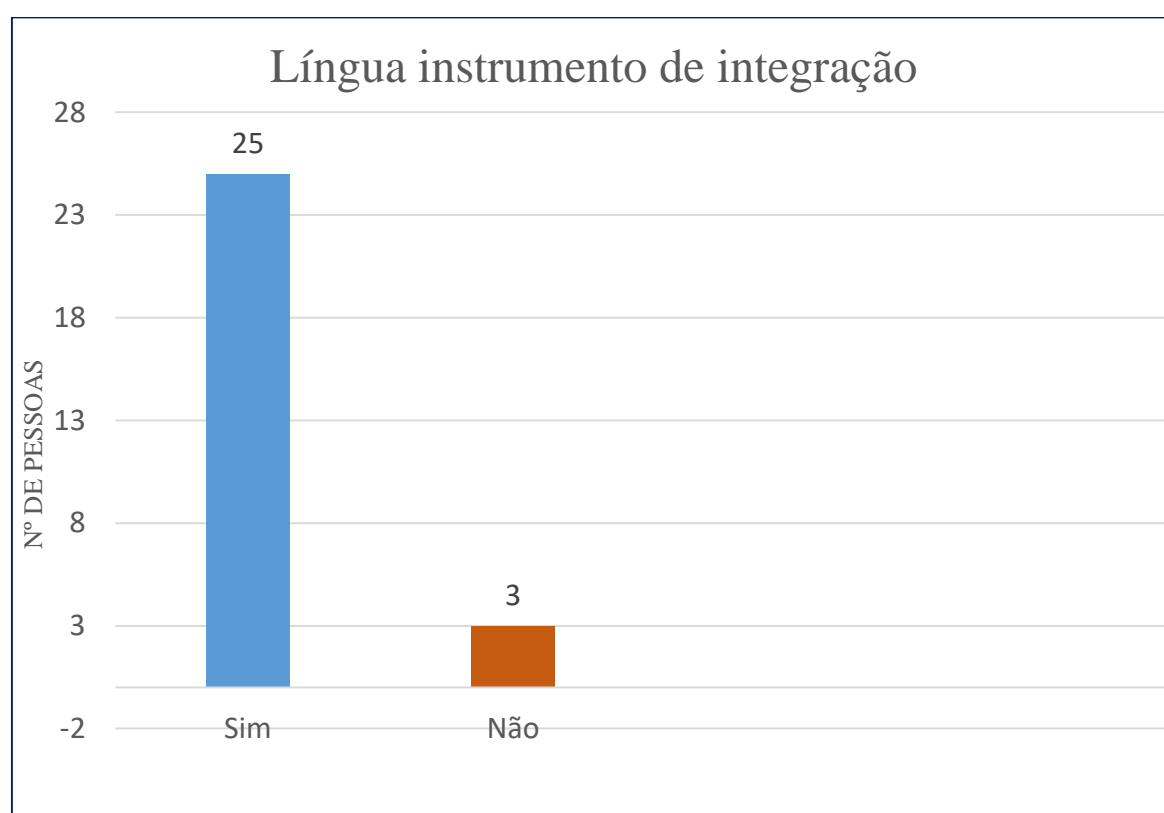
Gráfico 5 – De um ponto de vista identitário, sente-se mais italiano, português ou ambos?



Isto demonstra como as afirmações de Amartya Sen e de Zigmunt Bauman (largamente apresentadas ao longo deste trabalho) são verdadeiras. De facto as nossas identidades são múltiplas, várias e uma não deve necessariamente dominar as outras. Pode-se dizer ainda que o conceito de identidade estritamente ligado à língua materna e à nacionalidade perde, à luz dos resultados deste pequeno inquérito, de algum fundamento.

Quando se falou, neste texto, da importância da língua no processo de integração, afirmou-se que o conhecimento da língua autóctone é um passaporte de acesso para o cidadão para a sua vida pública e social, uma chave efetiva de acesso e simbólica de integração. Isto foi largamente demonstrado pelo inquérito que, a este respeito, reporta os seguintes dados:

Gráfico 6 – Considera importante ser fluente na língua de acolhimento para uma melhor integração no país?

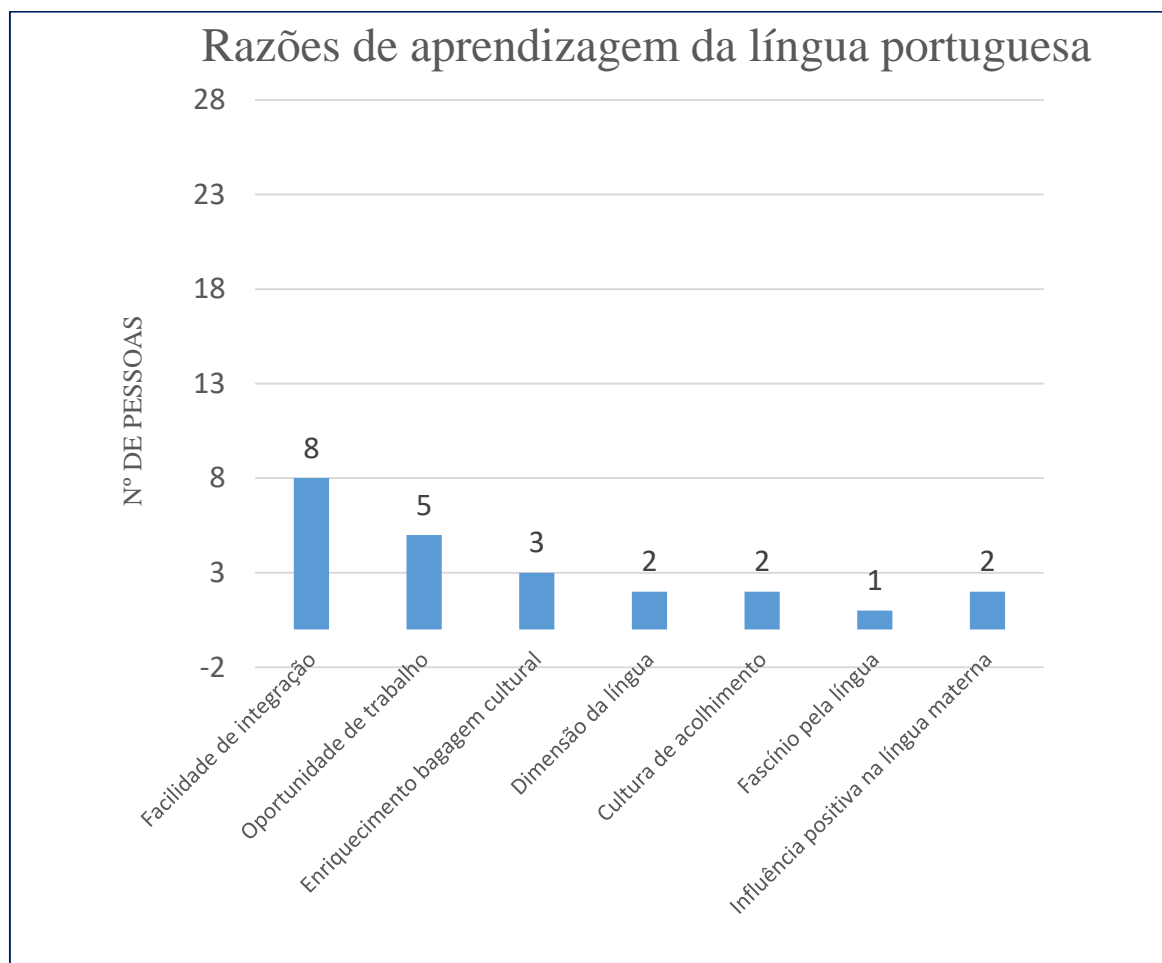


O contacto entre as duas línguas, com base nas respostas dos inquiridos, resulta, por vezes, num interessante e singular código linguístico, que, aparentemente, a maioria da comunidade italiana utiliza no seu quotidiano. Apesar de os entrevistados reconhecerem parecenças, similitudes e dificuldades do novo idioma, introduzem regularmente nos seus discursos quotidianos expressões e verbos portugueses, substituindo palavras da sua língua materna. Isto acontece não apenas com as pessoas que se encontram em Portugal há mais de 10 anos, mas também com as que estão em terra lusitana apenas há mais de cinco. Foram

apresentados alguns exemplos, que são partilhados pela maioria dos elementos do inquérito: a expressão “em princípio”, no lugar do italiano “in linea di massima”, o verbo “precisar”, no lugar de “avere bisogno” e, a famosa e sintética palavra “saudade”, pela qual nenhum italiano consegue dar a exata tradução, utilizando-a em substituição da menos incisiva palavra italiana “nostalgia”. 17 pessoas em 28 admitiram, de facto, sentir que perderam algumas coisas da sua língua materna, apercebem-se da falta de eficácia que algumas expressões italianas têm quando comparadas com outras portuguesas e sentem, por vezes, uma certa dificuldade, quando falam de forma espontânea, em apresentar uma correta construção sintática italiana e em escolher as palavras certas. Os restantes afirmam não sentirem esta sensação de perda, achando que, o facto de serem duas línguas tão diferentes, ajuda a separação dos códigos, considerando mais fácil, para alguém que se desloca noutra região no interior de Itália, perder a sonoridade do seu próprio dialeto.

Perante todas estas dificuldades, os problemas de identidades e a necessidade de integração, a população alvo de inquérito não teve a menor dúvida em afirmar que aconselhariam a outro concidadão a aprendizagem da língua portuguesa. Confrontada com esta afirmação, enunciou alguns motivos pelos quais considera importante esta aprendizagem: saber o português ajuda no processo de integração, aumenta as oportunidades de trabalho, enriquece de certo modo a própria bagagem cultural, permite ler a fascinante literatura portuguesa na sua língua original. Não esquece o facto de o português ser uma língua falada em grande parte do mundo e a importância de conhecer a cultura do país de acolhimento; admite ter um fascínio especial pela língua e afirma que conhecer uma língua estrangeira pode melhorar o conhecimento da sua própria língua. As teorias apresentadas neste texto acerca do bilinguismo encontram nestas afirmações, a sua plena realização. Os que responderam negativamente a esta pergunta (apenas 5 pessoas), isto é, os que não aconselhariam a aprendizagem do português a outros cidadãos italianos, afirmaram não considerarem a língua portuguesa necessária no mundo em que vivemos, reconhecendo a esmagadora força de outros idiomas, como, por exemplo, a do inglês. A falta de necessidade está na base das suas afirmações, somadas à extrema dificuldade que reconhecem no idioma.

Gráfico 7 – Aconselharia a aprendizagem do português a outros italianos? Se sim, porquê?

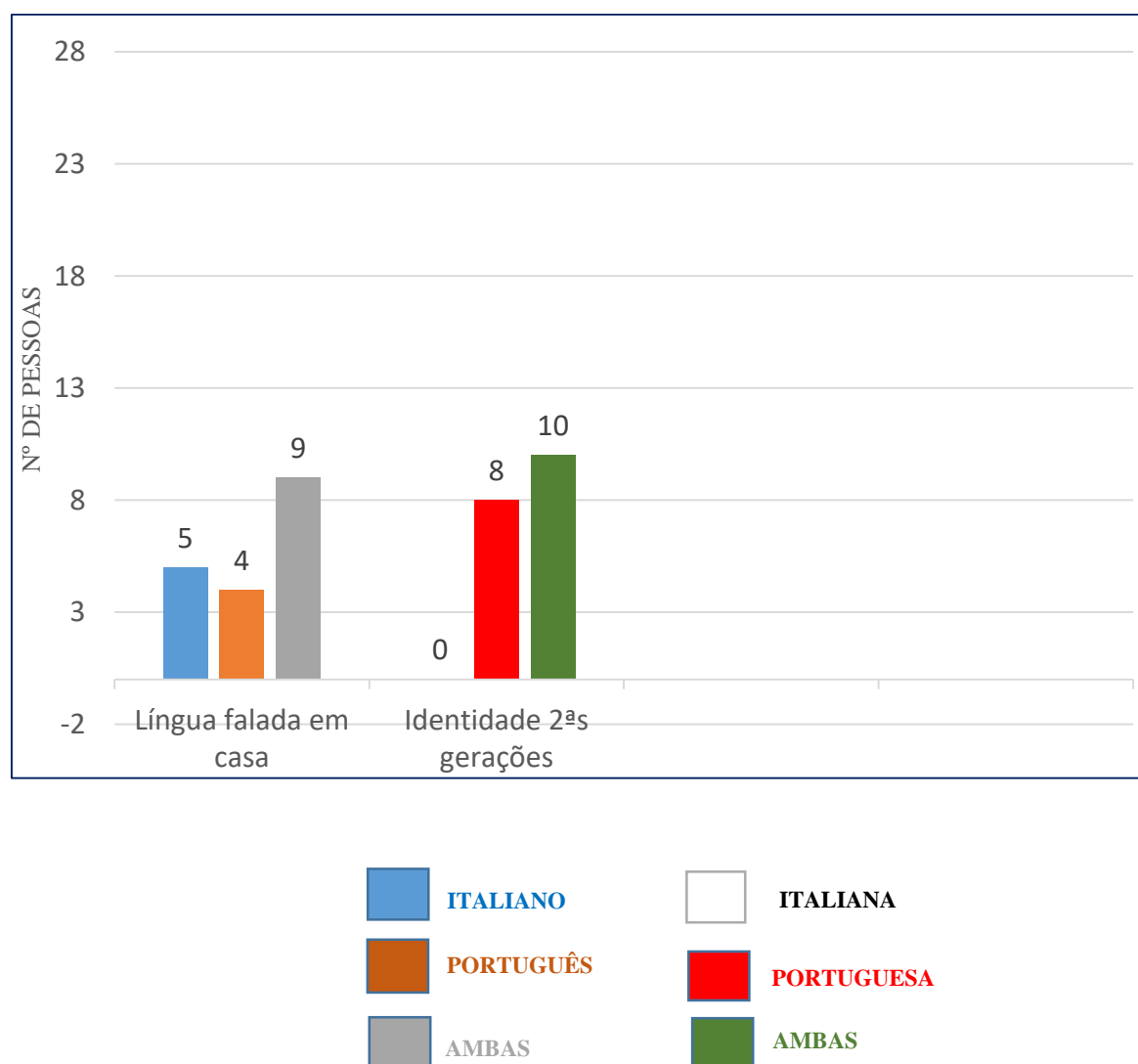


Na totalidade dos inquiridos, 18 pessoas têm filhos, nascidos em Portugal, em Itália, ou em outros países. Todos afirmaram, independentemente do lugar de nascimento, que os seus filhos falam, atualmente, a língua portuguesa e numa escala que vai de muito bem a muito mal, apenas 1 entrevistado declarou que os seus filhos não conseguiram aprender bem a língua portuguesa. Portanto temos 17 jovens que, em períodos de tempo variados, conseguiram atingir uma boa fluência no idioma, não apresentando dificuldades, como testemunho do afirmado em precedência sobre uma diferente preparação mental das novas gerações perante este tipo de desafios. Os âmbitos de maior utilização da nova língua são obviamente os que os jovens mais frequentam no seu dia a dia: a escola, a casa e os amigos (quase em igual proporção).

Relativamente à língua falada em casa, os dados retirados revelam que os italianos utilizam, na maioria, os dois idiomas de forma indistinta. Isto acontece quer em núcleos

familiares compostos por ambos os pais italianos, quer nas famílias em que apenas um dos pais fala italiano. Os filhos entendem ambas as línguas, mas, na maioria, no momento de falar, utilizam a língua portuguesa. Sobre a importância de os seus filhos aprenderem o português, os entrevistados responderam quase todos positivamente (16 em 18), afirmando que seria impossível para eles viver em Portugal e falar apenas uma língua franca. Estes dados foram bastante reveladores, como também os que dizem respeito a outra pergunta: “A seu ver, os seus filhos sentem-se mais italianos ou portugueses? De seguida, podemos observar as respostas.

Gráfico 8 – Que língua se fala em casa? De um ponto de vista identitário, os seus filhos sente-me mais italianos, portugueses ou ambas as coisas?



A comparação dos resultados sobre as questões identitárias relativas aos pais e aos filhos é interessante. Os pais sentem-se, na maioria (15 pessoas) italianos, sentem que ainda mantêm profundas raízes identitárias italianas. Pelo contrário, com base nas afirmações dos pais, os seus filhos, os jovens (de várias idades), as segundas gerações de migração, já apresentam um quadro diferente: parecem ser italianos e portugueses sem alguma dificuldade, reconhecendo ambas as identidades como elementos da mesma estrutura, uma raiz italiana que vem, provavelmente dos pais e da família de origem e uma nova, mas tão forte, raiz portuguesa, que vem da sua vivência no país e dos contactos com a nova gente.

O que será então que nos define como pessoas? O que faz com que possamos dizer que sentimos ser italianos, portugueses ou de outra qualquer nacionalidade? Será a língua que falamos? Será o lugar onde nascemos? Os dados não parecem responder taxativamente a estas perguntas, sobretudo para as gerações mais novas, as que nasceram numa nova época, as que estão familiarizadas com este mundo globalizado. Somos um conjunto harmonioso, uma construção paralela de identidades. Temos em nós a língua que falam os nossos pais, a língua que nós falamos e todas aquelas com que nos cruzamos, o lugar onde nascemos, o que nos acolhe, o país que os nossos pais decidiram escolher para viver um novo futuro, os velhos amigos e os novos que encontramos no caminho, que fazem brilhar os nossos dias, os antigos amores e os novos, que nos completam seja onde for.

Então, à luz de tudo isto, encontro uma linha de coerência dos pensamentos que me guiaram ao longo deste trabalho: de facto, nenhum de nós é estrangeiro em nenhum lugar do mundo e nenhuma terra que nos abriga alguma vez será uma *outra* nação.

CONCLUSÕES

Esta dissertação de Mestrado teve por objetivo traçar um perfil e ilustrar as principais características da comunidade italiana em Portugal, investigando a sua integração no país de acolhimento e a sua relação com a língua portuguesa.

O trabalho apresenta algumas limitações, devidas ao número limitado da amostra, mas, como ilustrado na apresentação do questionário de investigação, nunca se pretendeu reportar dados a nível nacional, simplesmente o escopo era ver como alguns membros da comunidade italiana em Portugal se comportam face às questões investigadas.

Perante os resultados do questionário e olhando para a análise efetuada dos dados, pensa-se poder afirmar que se conseguiu traçar um perfil satisfatório, chegando a conclusões interessantes que serão referidas de seguida.

Para que isto fosse possível, começou-se com uma primeira parte de enquadramento teórico, que constitui o fundamento de todas as afirmações e resultados que vieram a seguir e desta dissertação. O enquadramento teórico foi baseado numa ampla e muito interessante literatura, que consta de autores de renome internacional, no campo da linguística, da sociologia, da sociolinguística, da antropologia e da psicologia (cfr. Bibliografia). Cumpre-me reconhecer aqui a importância que estes autores tiveram no desenvolvimento da linha condutora desta investigação: foi aprofundado o conceito de comunicação não-verbal, tão importante hoje numa ótica de comunicação intercultural e a seguir as implicações no mesmo âmbito de uma comunicação verbal intercultural; considerou-se também importante uma análise do código escrito e de algumas das suas características, perante a diversidade de culturas que atualmente os textos inevitavelmente ilustram. Após uma apresentação das características da língua materna, de acolhimento e de herança, passou-se à descrição dos conceitos-base mais aprofundados ao longo desta investigação, os ligados à identidade, um novo conceito de identidade múltipla, dinâmica e líquida, uma identidade continuamente em construção, que não representa mais um ponto firme do ser humano, mas algo que o define de forma peculiar e seguramente inovadora.

Todos estes conceitos foram aprofundados face à nova situação do atual mundo globalizado, um mundo que vê no mesmo território cidadãos a partir e cidadãos a chegar, sente línguas que se cruzam, observa identidades que se formam. Falou-se da realidade destas pessoas, das suas necessidades no momento da chegada ao país de acolhimento e quais os domínios nos quais mais se sente a necessidade de conhecer a língua autóctone. Não posso deixar de referir o grande contributo dado também a este trabalho pela entrevista amavelmente concedida pelo Doutor Kossi Komla-Ebri, imigrante africano em Itália, que

viveu e continua a viver na pele todas as experiências positivas e negativas de quem chega no país de acolhimento quer a nível social, quer a nível cultural e linguístico.

Para ilustrar a situação da comunidade italiana em Portugal, considerou-se necessário apresentar antes uma situação da emigração em território português. Foram referidos alguns dados interessantes e tentou-se explicar como o país, de facto, parece precisar da sua população imigrante e como consegue ter benefícios através da sua presença no país.

Entre estes imigrantes, estão também os italianos que por variadas razões se transferiram em Portugal. O Consulado Italiano em Lisboa forneceu dados numéricos interessantes sobre esta emigração que tem registado um aumento extraordinário de 2015 para 2016. Foi interessante entender as diferenças entre a primeira emigração italiana ao longo da história e a atual; viu-se como o novo mundo de facto prepara as novas gerações para todas estas mudanças e foi possível confirmar as novas atitudes através da análise dos resultados do questionário.

No capítulo dedicado ao questionário, salientou-se o facto de a análise dos seus resultados ser essencialmente ilustrativa e não quantitativa, apesar de, sobretudo relativamente às questões mais importantes, ser suportada por alguns gráficos. Os leitores desta dissertação certamente se aperceberão da disparidade entre o número de perguntas apresentadas na amostra e o número dos gráficos apresentados no texto. Isto deve-se ao facto de, apenas os resultados de algumas questões terem sido reportados em gráfico, enquanto as outras perguntas foram discutidas, ilustradas e qualitativamente apresentadas ao longo do capítulo de referência.

Considero que o estudo levou a resultados interessantes. A comunidade italiana é uma comunidade cuja maioria de membros reside em Portugal há mais de 10 anos. O factor tempo é importante quer de um ponto de vista linguístico, quer relativamente à construção do núcleo familiar dos inquiridos. De facto, a maioria dos italianos entrevistados chegou a Portugal sozinha e construiu as suas famílias em território português com habitantes autóctones, com outros italianos ou com cidadãos de outras nacionalidades. Novamente estamos perante uma grande diversidade, uma diversidade a nível identitário, linguístico e cultural, com a qual, porém, os italianos parecem lidar sem grandes complicações. Quase todas as pessoas entrevistadas admitiram gostar da língua portuguesa, o que foi, pelo menos para mim uma surpresa. De facto, apesar da minha paixão pela língua, o português resulta difícil para um falante italiano, como demonstra o gráfico 4, mas, apesar disso, existe um grande fascínio por este idioma, pela sua estranheza, pela dureza dos seus sons, pela sua riqueza em termos de vocabulário e, não menos interessante, a admiração que os italianos

referiram pela ampla e extraordinária literatura em língua portuguesa. Na sua maioria, os entrevistados não falavam português no momento da chegada, mas atualmente, quase todos falam e entendem tranquilamente o idioma, considerando que a sua aprendizagem tem sido uma chave de acesso em vários âmbitos, como por exemplo na procura de trabalho, na capacidade de integração e socialização no país, como uma aproximação à cultura autóctone e também como um enriquecimento da sua própria bagagem cultural.

O que me pareceu interessante, na análise dos dados recolhidos, foi o que diz respeito às questões de identidades. Os italianos residentes em Portugal, adultos, admitem continuarem a sentir-se, após tanto tempo, ainda exclusivamente italianos, considerando que as suas relações estreitas com Itália estão na base deste sentimento. Temos que ter em conta, porém, que se trata de pessoas de uma faixa etária bastante avançada. Os seus filhos, alguns nascidos em Portugal, outros em Itália e uns em outros países, com base nas indicações dos pais, sentem-se simultaneamente italianos e portugueses, demonstrando como as novas gerações estão, sem dúvida, mais preparadas para este novo mundo globalizado, como conseguem acolher a diversidade e fazer dela uma sua pertença.

Provavelmente, futuras investigações neste setor, poderão mais amplamente descrever o fenómeno, talvez através de uma amostra numericamente mais significativa, mas considero que, de qualquer modo, este trabalho possa representar um pequeno contributo para o conhecimento de alguns aspetos importantes sobre a comunidade italiana e a sua relação com língua e identidade, no mundo em que estamos e em que as novas gerações estarão. Não é habitual apresentar-se uma investigação sobre a comunidade italiana, visto ela não representar um elemento tão considerável no interior da sociedade portuguesa, mas pareceu-me que, um olhar mais atento sobre uma imigração intraeuropeia pudesse representar um novo desafio e, também, o facto de eu ser italiana, terá sido provavelmente a razão do despoletar da minha curiosidade.

Dado o aumento vertiginoso a nível numérico dos italianos residentes em Portugal, talvez posteriormente, outro investigador possa continuar e completar a pesquisa, aprofundando temas que neste trabalho, por questões de prioridade e cumprimento do texto, não foi possível apresentar.

Então eu aqui estarei para a ler com enorme interesse.

BIBLIOGRAFIA

Austin, John Langshaw. 1962. *How to do thinks with words*, Oxford: University Press;

Balboni, Paolo. 2012. *Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse*. Novara: De Agostini;

Balboni, Paolo e Caon, Fabio. 2015. *La comunicazione interculturale*. Venezia: Marsilio Editore;

Baumann, Zygmunt. 2003. *Intervista sull'identità*. Curador Benedetto Vecchi. Bari: Laterza Editore;

Beacco, Jean Claude, Little David, Hedges Chris. 2014. *The linguistic integrations of adults migrants: Guide to policy development and implementation*. Estrasburgo: Council of Europe;

Bevilacqua, Piero, De Clementi, Andreina e Franzina Emilio. 2001. *Storia dell'emigrazione italiana*. Roma: Donzelli Editore;

Boella, Laura. 2006. *Sentire l'altro. Conoscere e praticare l'empatia*. Milano: Raffaello Cortina Editore;

Bonaiuti, Giovanni, Calvani, Antonio, Fini, Antonio e Landriscina, Franco. 2011. *Principi di comunicazione visiva e multimediale*. Roma: Carocci Editore;

Bordon, P. e Zanon, L. 2013. *Crescere con più lingue*. Udine: Arlef Edizioni;

Caldeira, Patrícia Alexandra Marcos. 2012. *A imigração em Portugal – o português Língua de acolhimento e as problemáticas da identidade linguística e cultural*. Tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, L2/LE – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Calvet, Jean Louis. 1993. *La sociolinguistique*. Paris: Presses Universitaires de France;

Carofiglio, Gianrico. 2013. *La manomissione delle parole*. Milano: Rizzoli;

Cassino, Carmine. 2015. “*Lisboa dos italianos*”: *presença italiana e práticas de nacionalidade nos primeiros trinta anos do século XIX*. Cadernos de Arquivo Municipal – 2ª Série, n. 3 – 201-227;

Civil Society Platform on Multilingualism. 2011. Policy recommendations for the Promotion of Multilingualism in the European Union – Work Group on language Diversity and Social Inclusion. Documento fornecido no Seminário de Multilinguismo;

Commissione Europea – Direzione Generale della Giustizia. 2010. *Libertà di circolazione e di soggiorno in Europa – Una guida ai diritti dei cittadini dell'Unione Europea*;

Conselho da Europa. 2008. *Language tests for social cohesion and citizenship – an outline for policymakers*;

Conselho da Europa. 2011. *Quadro Europeu Comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições ASA;

Conselho da Europa. 2014. *The linguistic integrations of adults migrants: from one country to another, from one language to another*. Estrasburgo : Council of Europe – Versão francesa;

Costa, João e Santos, Ana Lúcia. 2003. *A falar como os bebés*. Lisboa: Editorial Caminho;

Danesi, Marcel. 1992, *Educazione bilingue: miti e realtà*, em *Il quadrante scolastico*, 52, pp.46-54 [ripreso in Balboni 1996]. De Mauro. 1962. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza;

De Carlo, Maddalena. 2004. *Intercomprensione e Educazione al Plurilinguismo*. Collana Lingue sempre meno straniere. Porto Sant’Elpidio: Wizarts Editore;

Diadori, Pierangelo, Palermo, Massimo e Troncarelli, Donatella. 2009. *Manuale di Didattica dell’italiano*. Perugia: Guerra Edizioni;

Duarte Rodrigues, Adriano. 1993. *Comunicação e Cultura. A experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença;

Dubar, Claude. 2006. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Santa Maria da Feira: Rainho e Neves Lda;

Eagleton, Terry. 2003. *A ideia de cultura*. 1ª edição. Lisboa: Temas e Debates — Actividades Editoriais, L.da;

Edwards, John. 2009. *Language and Identity*. Cambridge: University press;

Fondazione Migrantes. 2015. *Rapporto italiani nel Mondo*. Todi (Perugia): Tav Editrice;

Fonseca, Maria Lucinda *et al.* 2005. *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Promovido pelo Observatório da Imigração e Minorias Étnicas. 1ª edição. Lisboa;

Garajova, Katarina. 2014. *Manualetto di Stilistica italiana*. Edizioni Universitarie;

Giddens, Anthony. 2010. *O mundo na era da globalização*. Cap. IV. Lisboa: Editorial Presença;

Grego Bolli, Giuliana. 2013. *La valutazione delle competenze linguistiche: concetti modelli metodi* – Perugia: Università per Stranieri;

Grosso dos Reis, Maria José. 2010. *Língua de acolhimento, língua de integração*. Horizontes de Linguística Aplicada. Vol. 9. N. 2. Pág. 61-77;

Grosso, Maria José, Tavares, Ana e Tavares, Marina. 2008. *O português para falantes de outras línguas. O utilizador elementar no país de acolhimento*. Lisboa: Ministério da Educação;

- Guasti, Maria Teresa. 2007. *L'acquisizione del linguaggio. Un'introduzione*. Milano: Raffaello Cortina Editore;
- Hall, Edward T., 1986. *A dimensão oculta*. Lisboa: Guide, Artes Gráficas Lda;
- Hall, Stuart. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª Edição. Tradução Brasileira. Rio de Janeiro: Dp&A Editora;
- Heyden, Antonieta Megal. 2009. *Duas línguas duas culturas. A construção da identidade cultural de indivíduos bilingues*. Artigo on-line- Revista Atemática 90-102;
- Istat. 2014. Statistiche Report. *L'uso della lingua italiana, dei dialetti e di altre lingue in Italia*. Centro Diffusione Stampa: ISTAT;
- Kavafis, Konstandinos. 2005. *Os Poemas*. Lisboa: Relógio d'Água;
- Kern, Daniela. 2004. *O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato*. Métis: história & cultura – v. 3, n. 6, p. 53-70;
- Komla-Ebri, Kossi. 2006. *Il colore delle parole*. Revista “Il mondo in classe-educare alla cittadinanza – UCODEP”;
- Komla-Ebri, Kossi. 2013. *Imbarazzismi*. Prato: Edizioni Sui;
- Komla-Ebri, Kossi. 2009. *All'incrocio dei sentieri. Racconti dell'incontro*. Milano: Edizioni dell'Arco;
- Little, David. 2010. *The linguistic and educational integration of children and adolescents from migrant backgrounds*. Geneva, Switzerland. Estrasburgo: Council of Europe – Versão inglesa;
- Manguel, Alberto. 2007. *The city of words*. University of Queensland Press;
- Marques, Marta Luísa. 2015. *A imigração e a língua de acolhimento em Portugal: questões de identidade e integração*. Tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, L2/LE – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Martin, J.R. 2009. *Genre and language learning. A social semiotic perspective*. Departamento de Linguística: Universidade de Sidney;
- Matias Saraiva, Gonçalo. 2014. *Migrações e Cidadania*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: Guide, Artes Gráficas Lda;
- Matos, Sérgio. 2003. *A cultura pela língua. Algumas reflexões sobre pragmática (inter)cultural e ensino e aprendizagem de língua não materna*. Trabalho financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia;
- Mattoso Câmara, Joaquim. 1998. *Manual de expressão oral e escrita*. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes;

Megale, Antonieta. Sd. *Duas línguas, duas culturas? A construção da identidade cultural de indivíduos bilingues*. Veredas on-line. Atemática. Pág. 90-102;

Moreira, Adriano *et al.* 2015. *A língua portuguesa: presente e futuro*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian;

Oliveira, Ana Maria. 2010. *Processamento da Linguagem num Processo Migratório*. Centro de Investigação do Instituto Politécnico de Viseu. Artigo, 1-14;

Padilla, B., Ortiz, A. 2012. Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XX, Nº 39, p. 159-184;

Panarello, Patrizia. 2012. *L'educazione all'intercultura e alla sostenibilità*. Roma: Carocci Editore;

Ramos, Maria da Conceição Pereira, C., *Globalização e Multiculturalismo*, 2013. Revista Eletrônica Inter-Legere, Número 13, pág. 90;

Reis, José, Santos Pereira, Tiago, Tolda, João e Serra Nuno. 2010. *Imigrantes em Portugal. Economia, pessoas, qualificações e territórios*. Gráfica de Coimbra Lda;

Reis Oliveira, C., Gomes, Natália. 2014. *Monitorizar a Integração de Imigrantes em Portugal*. Observatório das Migrações. Alto Comissariado para as Migrações. Migrações em número: Relatório Estatístico decenal;

Ricento, T. 2006. *An introduction to Language Policy-Theory and Method*. Oxford: Blackwell Publishing;

Rocca, Lorenzo e Grego Bolli G. 2008. *Test Linguistici per la coesione sociale e la cittadinanza – linee guida per politici e istituzioni* – Estrasburgo: Consiglio d'Europa – Divisione des Politiques Linguistiques;

Rocca, Lorenzo. 2008. *Percorsi di certificazione linguistica in contesti di immigrazione*. Perugia: Guerra edizioni;

Rocca, Lorenzo. 2010. *L'integrazione linguistica in Italia, il possibile ruolo delle certificazioni*. Centro per la Valutazione e Certificazione Linguistica – Università per Stranieri di Perugia;

Rogers, Everett e Steinfatt, Thomas. 1999. *Intercultural Communication*. Illinois: Waveland Press, Inc;

Santos Almeida Castro, Antonilma. 2007. *Língua e identidade: problematizando a diversidade lingüística na escola*. Sitientibus. Feira de Santana. N. 37. Pág. 135-149;

Sen, Amartya. 2011. *Identità e Violenza*. 4ª Edição. Bari: Laterza Edizioni;

Serviços de Estrangeiros e Fronteiras. 2015. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Relatório disponível em https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2015.pdf;

Sim-Sim, Inês. 1998. *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta;

Sobrinho, Liton Lanes, Sirianni, Guido e Piffer, Carla. 2014. *Migrações transnacionais e multiculturalismo: um desafio para a União Europeia*. Revista Novos Estudos Jurídicos – Vol. 19. N. 4. Edição Especial;

Spolsky, Bernard. 2004. *Language Policy*. Cambridge: University Press;

Svolacchia, Marco. S.d. *Lingua e Linguaggio tra mito e realtà. Corso di sopravvivenza contro miti e pregiudizi linguistici*. Roma: Edizioni Universitarie – Roma 3;

Touraine, Alain. 1997. *Libertà, Uguaglianza e Diversità. Si può vivere insieme?* Milano: Edizioni Il Saggiatore;

Vedovelli, Massimo. 2010. *Prima persona plurale futuro indicativo: noi saremo – Il destino linguistico italiano dall'incomprensione di Babele alla pluralità della Pentecoste*. Roma: Edup;

Vedovelli, Massimo. 2014. *Guida all'italiano per stranieri. Dal Quadro Comune Europeo per le lingue alla Sfida Salutare*. 4ª Edição. Roma: Carocci Editore;

Wolton, Dominique. 2004. *A outra globalização*. Rio de Janeiro: Riff Editora. Pág. 9-41;

Zulì, Maria Rosaria. 2011. *Rapporto tra língua e identità*. Roma: Libellula Edizioni;

SITOGRAFIA E IMAGENS

<http://www.acm.gov.pt/-/como-posso-frequentar-um-curso-de-lingua-portuguesa-para-estrangeiros->

Alto Comissariado para as Migrações

<http://www.awaremigrants.org/category/news/>

Aware Migrants

[http://www.businessinsider.com/european-maps-showing-origins-of-common-words-2013-11?IR=TBusiness Insider](http://www.businessinsider.com/european-maps-showing-origins-of-common-words-2013-11?IR=TBusiness%20Insider)

https://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter_pt.pdf

Carta Europeia das línguas regionais e minoritárias – Conselho da Europa

<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:12010P&from=EN#page=8>

Carta dos Direitos fundamentais da União Europeia

<http://www.9colonne.it/category/1089/cartoline-dall-altra-italia>

Cartoline dall'altra Italia

http://ec.europa.eu/languages/library/index_en.htm

Comissão Europeia

<http://www.cplp.org/>

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

<http://www.coe.int/fr/web/portal/home>

Conselho da Europa

<http://www.dge.mec.pt/portugues-lingua-nao-materna>

Direção Geral da Educação – Português Língua não maternal

http://www.emigrati.it/Emigrazione/Rapporto_SVIMEZ_2013.asp

Emigrati.it

<http://iltirreno.gelocal.it/italia-mondo/2015/10/22/news/migranti-fuga-dall-italia-all-estero-1.12310295>

Emigrazione italiana nel mondo

<http://www.ecml.at/>

European Centre for Modern Languages of the Council of Europe

https://europa.eu/european-union/about-eu_en

European Union

<http://provas.iave.pt/np4/home>

IAVE: Instituto de Avaliação Educativa – Ministério da Educação

<http://iilp.cplp.org/>

Instituto Internacional da Língua Portuguesa

<http://www.mappainterculturale.it/?tag=gerarchia-e-status>

Mappa della comunicazione interculturale

<http://www.om.acm.gov.pt/>

Observatório das Migrações

<http://www.om.acm.gov.pt/-/imigracao-e-mercado-de-trabalho>

Observatório das Migrações: Imigração e Mercado de trabalho

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218726268N3vZK0ty5Mj52AE8.pdf>

Peixoto, J., 2001. Migrações e políticas migratórias na União Europeia: livre circulação e reconhecimento de diplomas

<http://www.erasmusmais.pt/erasmusmais/erasmus/acoes/acao-1.html>

Programa Erasmus

http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf

Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas

<http://en.unesco.org/>

UNESCO

http://www.unive.it/nqcontent.cfm?a_id=158382

Universita Ca' Foscari di Venezia: Laboratorio di Comunicazione Interculturale e Didattica – Apresentação do Curso de Licenciatura em Comunicação Intercultural

http://www.esteri.it/mae/it/sala_stampa/archivionotizie/approfondimenti/2016/10/al-via-la-prima-settimana-della.html

Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale

--- ** ---

IMAGENS

Capa - retirada no dia 20 de outubro de 2016

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>

Fig. 1: Foto @Robert Capa/MAGNUM - Retirada do jornal *La Repubblica* do dia 28 de dezembro de 2016

Fig. 2: La competência comunicativa - retirada no dia 21 de setembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=competencia+comunicativa&espv=2&biw=1366&bih=623&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj18NfVu6PPAhWFVxQKHTT4BVkQ_AUIBigB&dpr=1#imgsrc=6lIPwSHITJOJyM%3A

Fig. 3: Mappa della comunicazione interculturale – retirada no dia 10 de dezembro de 2016

<http://www.mappainterculturale.it/?tag=gerarchia-e-status>

Fig. 4: Distâncias Proxémicas – retirada no dia 27 de novembro de 2016

<https://www.google.pt/search?q=Dist%C3%A2ncias+prox%C3%A9micas&espv=2&biw=1366&bih=662&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjEstmulu7PAhXEVRQKHbNeDHgQsAQITQ&dpr=1>

Fig. 5: Pai Nosso em língua sarda – retirada no dia 1 de janeiro de 2017

https://www.google.pt/search?q=padre+nostro+in+sardo&espv=2&biw=1366&bih=613&tbn=isch&imgil=TXU8r7-azhIBUM%253A%253BR3m04sZ6eTNN0M%253Bhttps%25253A%25252F%25252Fcommons.wikimedia.org%25252Fwiki%25252Ffile%25253APadre+Nostro+sardo.jpg&source=iu&pf=m&fir=TXU8r7-azhIBUM%253A%252CR3m04sZ6eTNN0M%252C_&usg=__Rgc3VBtDzezBn-lh07F0woLCEGw%3D&ved=0ahUKEwixuoGrIaHRAhWDQBQKHT6vDYAQyjcIOQ&ei=eBNpWLGeOoOBUb7etoAI#imgsrc=TXU8r7-azhIBUM%3A

Fig. 6: Manifesto – retirada no dia 30 de dezembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=il+tuo+cristo+%C3%A8+ebreo&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjWp7bk15fRAhUFzRQKHeSbC38Q_AUIBigB&dpr=1#imgsrc=gBt84RBtTXug7M%3A

Fig. 7: Torre de Babel – retirada no dia 8 de novembro de 2016

<https://www.google.pt/search?q=Dist%C3%A2ncias+prox%C3%A9micas&espv=2&biw=1366&bih=662&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjEstmulu7PAhXEVRQKHbNeDHgQsAQITQ&dpr=1#tbn=isch&q=torre+de+babel>

Fig. 8: O Pentecostes – retirada no dia 3 de janeiro de 2017

<http://www.it.josemariaescriva.info/articolo/domande-e-risposte-chi-e-lo-spirito-santo>

Fig. 9: Logotipo União Europeia – retirada no dia 30 de novembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logotipo+uni%C3%A3o+europeia&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiT07-6nO7PAhXM6RQKHTU1CBQQ_AUIBigB

Fig. 10: Logotipo Conselho da Europa – retirado no dia 30 de novembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logotipo+uni%C3%A3o+europeia&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiT07-6nO7PAhXM6RQKHTU1CBQQ_AUIBigB#tbn=isch&q=conselho+da+europa

Fig. 11: Logotipo LIAM – retirada no dia 4 de dezembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logotipo+uni%C3%A3o+europeia&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiT07-6nO7PAhXM6RQKHTU1CBQQ_AUIBigB#tbn=isch&q=Linguistic+Integratio+Adults+Migrants

Fig. 12: Emigração portuguesa para o Brasil – retirada no dia 25 de outubro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logotipo+uni%C3%A3o+europeia&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiT07-6nO7PAhXM6RQKHTU1CBQQ_AUIBigB#tbn=isch&q=emigra%C3%A7%C3%A3o+portuguesa+para+o+brasil

Quadro 43 – retirado do livro: Reis, José, Santos Pereira, Tiago, Tolda, João e Serra Nuno. 2010. *Imigrantes em Portugal. Economia, pessoas, qualificações e territórios*. Gráfica de Coimbra Lda

Fig. 13: Kossi Komla-Ebri – retirada no dia 6 de outubro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logotipo+uni%C3%A3o+europeia&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiT07-6nO7PAhXM6RQKHTU1CBQQ_AUIBigB#tbn=isch&q=Kossi+Komla-Ebri

Fig. 14: Imbarazzismi – retirada no dia 6 de outubro de 2016

https://www.google.pt/search?q=Imbarazzismi&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjf9-KMnu7PAhUIaxQKHSGiDJYQ_AUIBygC

Fig. 15: 1ªa: Emigração italiana nos Estados Unidos – retirada no dia 24 de outubro de 2016

https://www.google.pt/search?q=emigrazione+italiana+negli+stati+uniti+d%27america&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiC3r-2mPTPAhUGvRQKHYYaSBs4Q_AUIBigB#imgsrc=LJoMBKviBueMmM%3A

Fig. 16: 2ª, 3ª e 4ª: Emigração italiana – retiradas no dia 24 de outubro de 2016

<https://bocros.wordpress.com/2016/01/09/ellis-island-e-la-merica/>

Fig. 17: Países membros da União Europeia – retirada no dia 10 de Fevereiro de 2017

https://www.google.pt/search?q=mapa+atual+da+uni%C3%A3o+europeia&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjXq9yI64rSAhXG5xoKHYIGAu_cQ_AUIBigB#tbn=isch&q=mapa+atual+da+uni%C3%A3o+europeia+ap%C3%B3s+Brexit&imgsrc=xDZqL3iw-e0uRM:

Fig. 18: Emigrazione italiana nel mondo – retiradas no dia 7 de novembro de 2016

<http://iltirreno.gelocal.it/italia-mondo/2015/10/22/news/migranti-fuga-dall-italia-all-estero-1.12310295>

Fig. 19: Rapporto Italiani nel Mondo - 2015

Fig. 20: Logo Erasmus – retirada no dia 29 de dezembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=logo+Erasmus&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwje5Zfa25fRAhXDOxQKHc0ZCwYQ_AUIBigB#imgrc=x6NXRoqnNzMscM%3A

Fig. 21: Mercato Italia, Praça da Figueira – retirada no dia 30 de novembro de 2016

https://www.google.pt/search?q=mercato+italia+lisboa&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwihxfO73JfRAhVGWRQKHbI5B88Q_AUIBigB&pr=1#imgrc=K_1VGmNOrNCweM%3A

Fig. 22: Cento anni della Camera di Commercio italiana per il Portogallo – retirada no dia 20 de novembro de 2016

<http://lisboa-livre.blogspot.pt/2016/11/18-e-19-de-novembro-2016-mercato-italia.html>

NOTAS DA AUTORA

Não queria concluir esta dissertação, sem prestar uma pequena homenagem a duas grandes figuras que nos deixaram há pouquíssimo tempo: o linguista italiano Tullio De Mauro e o sociólogo polaco Zigmunt Bauman, falecidos durante a redação deste trabalho.

A obra de Tullio De Mauro foi sempre uma referência para quem se interessa por língua em geral e por língua italiana em particular. Foi para mim um ponto de apoio ao longo dos meus estudos em Itália e também em Portugal, sobretudo ao longo da minha formação como professora de italiano para estrangeiros. Sempre tive uma grande estima por ele, apreciando profundamente a sua obra e os seus ensinamentos.

O sociólogo Zigmunt Baumann foi para mim, ao contrário, uma descoberta bastante recente, mas de tal modo reveladora que uma boa parte desta dissertação se baseia nos seus pensamentos e nas suas reflexões. Em Itália era muito conceituado, tendo uma grande visibilidade nos melhores quotidianos e nas principais redes televisivas. A morte dele foi a morte de um grande pensador, um grande estudioso da sociedade contemporânea, que deixa certamente um vazio difícil de preencher.

Agradeço aos dois tudo o que me ensinaram e o grande contributo que o seu trabalho conseguiu deixar entre as linhas desta investigação.

ANEXOS

I. TRECHOS ILUSTRATIVOS DOS TEMAS TRATADOS

Il monolinguismo è curabile.

(Anthony Mollica)

La língua è il congegno primario per la formazione dell'identità personale e collettiva, come individuo singolo e come parte di una comunità sociale e statale.

(Vedovelli, M. “Prima persona plurale futuro indicativo: noi saremo”, p. 12)

Competenza comunicativa interculturale è il raccordo tra le competenze mentali e ciò che agiamo nel mondo, dove non bastano le abilità linguistiche, ma servono anche quelle relazionali.

(Balboni e Caon “La comunicazione interculturale”, p. 23)

La solution que nous avons proposée consiste à inverser l'approche du problème et à dire que l'objet d'étude de la linguistique n'est pas seulement la langue ou les langues, mais la communauté sociale sous son aspect linguistique.

(Calvet, L.J. “La sociolinguistique”, p. 121)

Porque o outro não se reduz aos “todos próximos”, o societário não é a redução do universo às relações privadas, familiares e até mesmo amorosas. A abertura ao outro é também a abertura ao mundo. [...] Esta abertura toma, em primeiro lugar, para muitos, a forma duma recusa: do racismo, da miséria, da humilhação, de qualquer forma de etnocentrismo xenóforo”.

(Dubar, C. “A crise das identidades. A interpretação de uma mutação”, p. 182)

Un paese per cui nei legami di affetto e nei rapporti civili il colore della pelle, al pari del colore dei capelli, è solo una questione di melanina. Un Paese dove le differenze di ogni consociato sono un potenziale di cui fare tesoro.

(De “Imbarazzismi”, Komla-Ebri, K. – Prefação de Cécile Kyenge, Ministra para a Integração no Governo do Primeiro Ministro italiano Enrico Letta, 2013-2014)

II. QUESTIONARIO

Il presente questionario sarà parte integrante della tesi “Línguas, encontros e identidades. As dinâmicas do plurilinguismo e a comunidade italiana em Portugal”, di Simonetta Giani, specialmente elaborata per il raggiungimento del grado di “Mestre” in Lingua e Cultura Portoghese (LE/L2), presso la Facoltà di Lettere dell’Università di Lisbona (FLUL). Si tratta di un questionario volto a illustrare la relazione di membri della comunità italiana e delle loro eventuali famiglie residenti in Portogallo, con la lingua portoghese e le sue ripercussioni a livello identitario. I membri campione sono stati scelti tra le varie categorie di residenti, di cui anche Lei fa parte. La pregheremmo dunque di voler gentilmente rispondere alle domande, in modo spontaneo, considerando che il questionario Le ruberà più o meno una decina di minuti. Trattandosi di un documento word, nel caso fosse necessario, nelle domande aperte ha la possibilità di allargare a Suo piacimento i campi per le risposte. Le garantiamo l’assoluto anonimato e la totale riservatezza dei dati, i quali saranno utilizzati solo al precipuo scopo accademico. La ringraziamo fino d’ora per la Sua fattiva partecipazione e collaborazione. Per eventuali chiarimenti o ulteriori informazioni, rivolgersi a: simogri@hotmail.com. In caso accetti di partecipare al questionario, è sufficiente compilarlo e poi inviarlo all’indirizzo e-mail suddetto, qualora invece non Le interessi o non voglia aderire alla ricerca, può semplicemente cestinare il documento. Grazie.

1) Perché è venuto/a a vivere in Portogallo?

☐ per lavoro ☐ per studio ☐ per turismo altro.....
.....

2) Da quanto tempo risiede in Portogallo?

☐ meno di 5 anni ☐ più di 5 anni ☐ più di 10 anni

3) in Portogallo è venuto

☐ solo ☐ con la famiglia

4) Se ha risposto “solo” alla domanda n. 3, indichi se la Sua famiglia

☐ è venuta in seguito ☐ è rimasta a vivere in Italia ☐ si è formata in
Portogallo

5) da quanti membri è composta la Sua famiglia?

☐ (indicare il numero dei membri) ☐ (indicare il numeri dei figli)

6) Nel caso la Sua famiglia sia composta anche da figli, indicare l'età

.....

7) Quando è arrivato/a in Portogallo, già conosceva la lingua portoghese?

☐ sì ☐ no

8) Se ha risposto “sì” alla domanda n. 7, indichi il motivo per cui già conosceva la lingua portoghese

.....

9) Se ha risposto “no” alla domanda n. 7, indichi in che lingua si esprimeva all’inizio in Portogallo

☐ inglese ☐ spagnolo ☐ francese ☐ altro

10) In questo momento, parla e capisce la lingua portoghese?

☐ sì ☐ no

11) Se ha risposto sì alla domanda n. 10, indichi in che modo ha imparato la lingua portoghese

☐ corso di portoghese per stranieri ☐ corso amministrato dall’impresa in cui lavora ☐ nessun corso, apprendimento spontaneo ☐ altro:.....

12) Quali altri strumenti, secondo Lei, sono stati utili per costruire la Sua identità linguistica portoghese?

.....
.....

13) All’inizio della Sua permanenza in Portogallo, dove ha sentito di più il bisogno di usare la lingua portoghese?

☐ nel luogo di lavoro ☐ nella realizzazione di iter burocratici ☐ per socializzare altro

14) Ha trovato difficoltà all’inizio? Se sì, in che cosa?

☐ sì ☐ no
.....
.....

15) Nei suoi primi approcci con la lingua portoghese, si è sentito/a aiutato/a dai cittadini madrelingua portoghesi?

☐ sì ☐ no

16) In questo momento, in che ambiti utilizza di più la lingua portoghese?

☐ al lavoro ☐ per risolvere iter burocratici ☐ per socializzare
altro.....

17) Considera il portoghese una lingua

☐ facile ☐ difficile

18) Se ha risposto “difficile” alla domanda n. 17, indichi cosa Le risulta più difficile nella lingua portoghese?

☐ comprensione orale ☐ comprensione scritta ☐ produzione
orale ☐ produzione scritta

19) Secondo Lei, il portoghese è una lingua

☐ simile all’italiano ☐ diversa dall’italiano

20) Se ha risposto “simile” alla domanda n. 19, indichi in che cosa

.....
.....

21) Se ha risposto “diversa” alla domanda n. 19, indichi

☐ poco diversa ☐ molto diversa

22) Se ha risposto “molto diversa” alla domanda n. 21, indichi in cosa, secondo Lei, è molto diversa

.....
.....

23) In questo momento, riesce a comprendere un madrelingua portoghese che parli spontaneamente, senza ridurre la sua velocità di locuzione?

☐ sì ☐ no ☐ altro

.....

24) Le piace la lingua portoghese?

☐ sì

Cosa Le piace?.....

.....
.....

☐ no

Cosa non Le piace?.....

.....
.....

25) Da un punto di vista identitario, Lei ora si sente

☐ Italiano

☐ Portoghese

☐ entrambi

26) Ha sentito all'inizio la necessità di integrarsi nel paese di accoglienza (Portogallo)?

☐ sì ☐ no

27) Se ha risposto “sì” alla domanda n. 26, indichi se considera importante essere fluente nella lingua di accoglienza per una migliore integrazione nel paese ospitante

☐ sì

Perché.....
.....

☐ no

Perché.....
.....

☐ indifferente

Perché.....
.....

28) Durante gli anni della Sua permanenza in Portogallo, sente di aver perso qualcosa della Sua lingua materna?

☐ sì

Che cosa:
.....

☐ no

Secondo Lei perché.....
.....

29) Consiglierebbe l'apprendimento della lingua portoghese ad altri italiani?

☐ sì

Per quale motivo.....
.....

☐ no

Per quale motivo.....
.....

30) I Suoi figli (nel caso il Suo nucleo familiare li comprenda) sono nati in Portogallo?

☐ sì ☐ no

31) Se ha risposto “no” alla domanda n. 30, indichi quanti anni avevano i suoi figli quando sono venuti a vivere in Portogallo

.....

32) Se i Suoi figli risiedono con Lei in Portogallo, indichi che scuola frequentano o hanno frequentato

☐ scuola pubblica portoghese ☐ scuola privata portoghese ☐ scuola internazionale

33) Potrebbe, in poche parole, esplicitare le ragioni della scelta del tipo di scuola indicato?

.....
.....
.....

34) I Suoi figli parlano portoghese?

☐ sì ☐ no

35) Se ha risposto “sì” alla domanda n. 34, indichi come

☐ Molto bene ☐ bene ☐ in modo sufficiente ☐ male ☐
molto male

36) Se ha risposto “sì” alla domanda n. 34, indichi in che ambito i Suoi figli parlano di più il portoghese?

☐ a scuola ☐ a casa ☐ con gli amici
altro

37) Che lingua parlate in casa?

☐ Italiano ☐ portoghese ☐ altro

38) Secondo Lei, fuori dalle pareti di casa, i Suoi figli si vergognano di parlare l'italiano?

☐ sì ☐ no

39) Secondo Lei, fuori dalle pareti di casa, i Suoi figli si vergognano di parlare il portoghese?

☐ sì ☐ no

40) Da un punto di vista identitario, pensa che i Suoi figli si sentano

☐ più portoghesi ☐ più italiani ☐ entrambe le cose

41) Potrebbe tentare di giustificare la Sua risposta alla domanda n. 40?

.....
.....

42) Considera la lingua portoghese importante per il futuro dei Suoi figli?

☐ sì ☐ no

43) Se ha risposto “no” alla domanda n. 42, indichi quale lingua (o quali lingue) vorrebbe che dominassero, oltre alla loro lingua materna

.....

44) Quanti anni ha?

.....

45) Qual è la Sua professione?

.....

46) ☐ M ☐ F

Grazie ancora per la collaborazione!

[illegible]